



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO**

**PATRÍCIA GURGEL MEDEIROS GASTÃO**

**A ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ COMO POSSIBILIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA  
INTEGRADORA, DIALÓGICA E ECUMÊNICA DO SER HUMANO**

**RECIFE**

**2022**

PATRÍCIA GURGEL MEDEIROS GASTÃO

**A ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ COMO POSSIBILIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA  
INTEGRADORA, DIALÓGICA E ECUMÊNICA DO SER HUMANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação (*stricto sensu*) em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração em: Teologia Sistemático-Pastoral.

Linha de pesquisa: Teologias e Temas de Fronteira

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

RECIFE

2022

G255e Gastão, Patrícia Gurgel Medeiros  
A espiritualidade de Taizé como possibilidade de uma  
experiência integradora, dialógica e ecumênica do ser humano  
/ Patrícia Gurgel Medeiros Gastão, 2022.  
112 f.

Orientador: Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia.  
Mestrado em Teologia, 2022.

1. Espiritualidade - Taizé. 2. Pós-modernidade.  
3. Hermenêutica. I. Título.

CDU 248(81)

Pollyanna Alves - CRB4/1002

PATRÍCIA GURGEL MEDEIROS GASTÃO

**A ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ COMO POSSIBILIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA  
INTEGRADORA, DIALÓGICA E ECUMÊNICA DO SER HUMANO**

Dissertação de Mestrado em Teologia, apresentada à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em teologia.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)  
Orientador(a)

---

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)  
Leitor(a) intern(a)

---

Profa. Dra. Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Leitor(a) extern(a)

Com sentimento terno de afeição, dedico esta pesquisa ao meu pai, Paulo Medeiros Gastão, que, se estivesse nesta dimensão, vibraria com intensa alegria, por mais uma conquista em minha vida. Sei o quão feliz ele se encontra...

Dedico, em especial, à minha mãe, Maria das Graças, por todo amor, incentivo e pelas orações, sem me deixar desanimar em nenhum instante, principalmente nas situações mais angustiantes, como celebrando nos momentos de regozijo.

Com muita estima aos meus irmãos Liliane e Paulo Jr; cunhados, Henrique Eduardo e Ângela Hilda; sobrinhos, Matheus Henrique, Guilherme Henrique, João Paulo e Mariana, por todo amparo, carinho e estímulo que me concederam durante este percurso.

Com muito carinho dedico à D. Inês Araújo, pelo amor e abrigo em árduos momentos, ensinando-me a confiar, que tudo acontece no tempo de Deus.

## **AGRADECIMENTOS**

Rendo graças à Santíssima Trindade. À Virgem Santíssima, aos Anjos e Santos, que rogam por nós perante Deus.

Externo imensa gratidão a minha estimada família e amigos muito benquistos, dos quais gozamos de sincera amizade de longos tempos, outros mais recentes, sem distinção da importância, mas que estiveram comigo neste bem-aventurado momento da minha vida, ocasião de amadurecimento, de resignificar e fortalecer princípios antes abalados por experiências proporcionadas pelo transcurso da vida. Hoje, com aprimorada transformação e reconstrução, com grandes lições aprendidas.

Ao Padre Paiva Junior, Philippe Villeneuve Rego, Padre Anderson Moura, Padre José Ronaldo Alves, Padre Waulson Pereira, Padre Whalison Silva, Aline Freitas, Camila Cruz, Ricarte Balbino dos quais obtive apoio imprescindível para chegar à conclusão desta pesquisa, não só técnica, mas com amizade e afeto, que me ampararam com palavras encorajadoras, sustentando-me nos momentos mais difíceis, como comemorando cada passo de vitória.

Ao meu estimado Bispo Dom Mariano Manzana, que, com um modesto convite para cursar Teologia, abriu portas para livres e transformadores caminhos, na minha vida.

Ao benquisto Padre Sátiro Cavalcante Dantas, que acompanha o meu crescimento humano e intelectual, desde a infância, com sua presença sempre marcante.

Aos grandes amigos, que a vida e a Faculdade Católica do RN (FCRN) me proporcionaram, Padre Flávio Augusto Forte Melo, Padre Charles Lamartine, Padre Crisanto Borges, Padre Demétrio Freitas, Padre Cornélio Freire, Prof. Aluziê Chagas, Prof. José Roberto Silva, por tão grande confiança, repleto de carinho diante do caminho vivido, até os dias de hoje.

À UNICAP, pelo exemplo de professores acessíveis, com boa vontade e cordialidade, por meio dos quais tive a oportunidade de amadurecer em diversos aspectos que a vida nos condiciona. Aos colaboradores Isabela Nunes e Sérgio Wanderley, por tamanha gentileza e disponibilidade.

Grata ao meu estimado, habilidoso e compreensivo orientador, Prof. Sérgio Douets, sem o qual eu não teria conseguido realizar esta pesquisa.

Gratidão ao cortês Prof. Pe. Pedro Rubens, aos estimados Prof. Gilbraz Aragão, Francisco Aquino Jr, João Luiz Correia Jr., Antônio Raimundo Mota, Edelcio Ottaviani (PUC SP), Profa. Alzirinha Rocha, Solange do Carmo (ISTA) e Rita Gomes, que deram imensa contribuição para a construção desta pesquisa.

Ao meu dileto Irmão Bruno de Taizé, que, juntamente com Irmão Cristóvão, Irmão Henrique, Irmã Geliane Moura e dona Gildete, acolheram-me durante alguns dias, com afabilidade, na Fraternidade de Alagoinhas/BA, para consolidar esta pesquisa. Dias de vivência intensa, profundo aprendizado e significado singular.

À minha psicóloga Maria Teresa Holanda, que cooperou para que eu conseguisse atravessar terras tão áridas, para atualmente estar pisando em relva verde.

Aos colaboradores da nossa empresa Mármore e Granitos Ltda, pelo amparo que careci e obtive.

A todos, meu reconhecimento e gratidão, pois, com muito zelo e apreço, acreditaram em mim, encorajando-me e apoiando-me, e, de diversas formas, contribuíram para que este desejo vivaz se tornasse real.

Em tudo a paz no coração.  
Alegria, simplicidade e compaixão.

## RESUMO

A pós-modernidade tem implicado desafios e mudanças profundas na formação integral do ser humano. Ainda que não se saiba bem defini-la, de forma geral, sente-se como se os valores e ideais que até então orientaram a vida humana, pelo menos nos últimos séculos no Ocidente, estivessem agora em descrédito. O subjetivismo exacerbado, a era das pós-verdades, do relativismo e do pluralismo religioso dão conta que a mudança da formação do ser humano contemporâneo alcança, inclusive, a sua relação com o transcendente. Afinal, diante de um mundo pluralista e policêntrico, a religião é relegada à esfera privada. Em meio a estes contrapontos da dialética pós-moderna, o presente estudo tem como objetivo revisitar a espiritualidade de Taizé como possibilidade de recuperar a esperança em tempos de crise por meio do ideal primário de comunhão e irmandade integradoras do ser humano. A abordagem de cunho tradutiva e transdutiva fundamenta-se em uma hermenêutica de textos acerca da espiritualidade humana: *Uma primavera na Igreja: Irmão Roger e Taizé* de Rex Brico; *Modernidade, pluralismo e crise de sentido* dos autores Peter Berger e Thomas Luckmann; e nos relatos que recolhem a experiência religiosa dos irmãos da Comunidade de Taizé de Alagoinhas/BA. O percurso metodológico se faz em três momentos. No primeiro momento, busca apresentar positivamente as possibilidades do desenvolvimento espiritual entre e além dos desafios e obstáculos advindos da pós-modernidade. No segundo momento, discorre sobre a história de Taizé com ênfase na sua identidade espiritual a fim de destacar a sua espiritualidade como possibilidade de reintegrar o ser humano. No terceiro momento, procura repropor a espiritualidade de Taizé como possibilidade de uma experiência integradora, dialógica e ecumênica do ser humano. A crise da pós-modernidade remete à necessidade de resgate da espiritualidade enquanto capacidade de reintegrar o ser humano e reordenar as relações consigo mesmo e com o mundo no qual coexiste. O exercício hermenêutico aprofunda as camadas de interpretação, de significado, do que seja a espiritualidade e de como Taizé ajuda nessa busca.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Ser humano. Espiritualidade. Taizé.

## ABSTRACT

Postmodernity has implied challenges and profound changes in the integral formation of the human being. Although it is not well defined, in general, it is felt as if the values and ideals that hitherto guided human life, at least in the last few centuries in the West, are now in disrepute. Exacerbated subjectivism, the era of post-truths, relativism and religious pluralism show that the change in the formation of contemporary human beings even reaches their relationship with the transcendent. After all, in a pluralistic and polycentric world, religion is relegated to the private sphere. In the midst of these counterpoints of postmodern dialectics, the present study aims to revisit the spirituality of Taizé as a possibility to recover hope in times of crisis through the primary ideal of communion and brotherhood that integrates the human being. The translational and transductive approach is based on a hermeneutics of texts about human spirituality: *A springtime in the Church. Brother Roger and Taizé* by Rex Brico; *Modernity, pluralism and crisis of meaning* by authors Peter Berger and Thomas Luckmann; and in the accounts that collect the religious experience of the brothers of the Taizé Community of Alagoinha/BA. The methodological course is carried out in three moments. At first, it seeks showing positively the possibilities of spiritual development between and beyond the challenges and obstacles arising from postmodernity. In the second moment, it discusses the history of Taizé with emphasis on its spiritual identity in order to highlight its spirituality as a possibility to reintegrate the human being. In the third moment, it seeks to re-propose the spirituality of Taizé as a possibility of an integrative, dialogical and ecumenical experience of the human being. The postmodern crisis refers the needing to rescue spirituality as the ability to reintegrate human beings and reorder relationships with themselves and with the world in which they coexist. The hermeneutic exercise deepens the layers of interpretation, meaning, what spirituality is and how Taizé helps in this search.

**Keywords:** Postmodernity. Human being. Spirituality. Taizé.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 ESPIRITUALIDADE COMO DIMENSÃO CONSTITUTIVA DA VIDA HUMANA</b> ..	16
2.1 PLURALIDADE DA BUSCA ESPIRITUAL NA CONTEMPORANEIDADE.....	16
2.2 DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA. ....	21
2.3 A ESPIRITUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: LUZES E SOMBRAS.....	25
<b>3 UM CARISMA ECUMÊNICO: AS RAÍZES DA ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ</b> ...	34
3.1 O CRISTIANISMO CONCILIAR: O VATICANO II E O ECUMENISMO NA ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ .....	44
3.2 A FRATERNIDADE NO BRASIL: CAMINHADA HISTÓRICA E ECLESIAL.....	60
<b>4 A ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ E AS LUZES PARA A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ EM UM CONTEXTO DE FRAGMENTAÇÃO EXISTENCIAL E FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO</b> .....	70
4.1 DIÁLOGO: DESDE O VATICANO II AO PAPADO DE FRANCISCO. ....	72
4.2 TAIZÉ E AS CHAVES DE LEITURA PARA UM CRISTIANISMO DE FRATERNIDADE E COMUNHÃO .....	79
4.2.1 A Fé .....	81
4.2.2 A Escuta.....	84
4.2.3 A Dinâmica do Provisório .....	88
4.3 <i>“QUE TODOS SEJAM UM” (Jo 17,21s): LUZES PARA UMA ESPIRITUALIDADE QUE INTEGRE E COMUNIQUE O AMOR</i> .....	91
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	97
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi motivado com base em uma intensa experiência de vida, existida durante duas décadas. Inserido em uma realidade que tem sido bastante frequente, o fundamentalismo que não é só pertinente à religião, como aqui será tratado, mas na diversidade dos aspectos que envolvem o ser humano. Nesse prisma, tem-se a oportunidade de aprofundar um pouco mais e poder trazer à tona um diálogo mais fundamentado, para que existam ambientes favoráveis à construção de pontes, para relações livres, consistentes e conscientes.

Diante disso, percebemos que a sociedade contemporânea apresenta, na formação do ser humano, profundos desafios no que concerne à complexidade desse indivíduo que é, mas está em constante descoberta. Nesse sentido, o ser religioso aparece como uma das dimensões constitutivas da pessoa quando, no autoconhecimento, busca um sentido para a vida e, por vezes, encontra esse sentido na relação com o divino.

Nessa dimensão, a espiritualidade se apresenta como o sangue que circula nas veias do sujeito religioso, não apenas como doutrina ou ensinamento dogmático, mas como o cotidiano daquele que pensa, reza, age, se relaciona com Deus e com os outros: isso é espiritualidade. Entretanto, algumas religiões e grupos religiosos, na atualidade, sustentam uma espiritualidade dogmática, fundamentalista, preconceituosa e intolerante, por vezes esvaziando-se em sentido, num curso social em que a diversidade cada vez mais toma voz, quer ser compreendida, quer ter direitos e oportunidades.

Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann (2004), a estrutura das relações sociais na modernidade provoca a pluralidade que desenvolve duas atitudes, o fundamentalismo religioso e o relativismo religioso – a indiferença. A pluralidade desencadeia atitudes que assustam, pois nem todos se encontram preparados para mudanças, porque trazem a necessidade de escolhas e estas geram incertezas, medo do porvir.

Diante disso, alguns se apegam ao fundamentalismo religioso, buscam suas seguranças no passado, com comportamentos austeros e intransigentes, contanto que tenham suportes espirituais e emocionais para o modo que encontraram para viver. Essa tendência ao fundamentalismo religioso tem caráter preocupante, seja porque a maneira de agir, dentro das instituições conservadoras, não se permite

questionar – as regras são indiscutíveis –, quanto pela postura de embate que assume frente ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso.

A outra consequência do desdobramento da pluralidade religiosa na modernidade é o relativismo religioso. Este, por sua vez, favorece o desequilíbrio, tanto individual quanto coletivo. O relativismo tira das pessoas a capacidade de discernir e preservar suas interpretações e valores concebidos com suas experiências de vida (BERGER, 2004, p. 50). Fundamentalismo e relativismo são comportamentos distintos, mas ambos provocam um perigo para as comunidades.

Não obstante isso, o diálogo inter-religioso torna-se um dos maiores desafios da atualidade; são culturas, crenças, línguas, comportamentos dos mais diferentes possíveis que necessitam de uma integração. A falta de conhecimento motiva distintos tipos de preconceitos, culminando no extremismo, impossibilitando a partilha de experiências de vida, de comunhão entre os povos. Esse diálogo, contudo, deve contribuir para que haja respeito pela forma de pensar do outro, e não tentar convertê-lo.

As diferenças precisam ser compreendidas e estimadas, proporcionando benefícios, aprendizado e crescimento como ser humano, identificando e reconhecendo as diferenças e semelhanças. Para atingirmos esse resultado, é imprescindível o reconhecimento e aquiescência do jeito de ser distinto, com tolerância, aceitação, consideração e respeito.

Embora a pluralidade coloque desafios para o sujeito religioso nos tempos hodiernos, ainda assim, a espiritualidade permanece como uma dimensão integrante à vida do ser humano. Independentemente do credo e/ou do modo como experimenta, a espiritualidade é intrínseca ao ser humano.

Frente ao que foi exposto, urge buscar encontrar, nas várias vertentes das experiências religiosas, uma espiritualidade que congregue, em vez de separar; que forme um sujeito integral e inclusivo, em vez de violento e exclusivista; que constitua valores humanados, em vez de doutrinas segregacionistas. Uma experiência possível pode ser, quiçá, a espiritualidade de Taizé, comunidade que nasceu na França, na década de 1940, fundada pelo Irmão Roger, oferecendo a proposta de uma espiritualidade dialógica e ecumênica, uma experiência balizada no monaquismo cristão.

Por conseguinte, convém interrogar: como a dinâmica espiritual de Taizé pode contribuir para a formação do sujeito religioso de cunho integrador, humanizado,

ecumênico e solidário em uma sociedade repleta de demandas espirituais, políticas, sociais e econômicas? Com base nisso, foi finalidade desta pesquisa analisar como a vivência da espiritualidade mencionada, na contemporaneidade, coopera para uma experiência integradora, dialógica e ecumênica.

Em um contexto de conflitos, a comunidade de Taizé torna-se sinal de esperança, pois apresenta a união, o diálogo, a oração conjunta e fecunda, que parte daqueles que pensam diferente, mas encontram no altar da esperança, da comunhão e da reconciliação, o lugar de renovar as forças para transformar o mundo.

A importância desta análise, dentre outros aspectos, deu-se pela possibilidade de que ela tem de apresentar uma mística, em primeiro lugar, essencial na vida das pessoas, de maneira humanizada e relacional, o que poderá colaborar para o amadurecimento da Igreja-Povo de Deus e da sociedade como um todo.

Essa verificação teve como objeto material a espiritualidade de Taizé. As obras primárias que deram o embasamento formal à pesquisa foram: *Modernidade, pluralismo e crise de sentido dos sociólogos*, de Peter Berger e Thomas Luckmann (2004); *Uma Primavera na Igreja: Irmão Roger e Taizé*, de Rex Brico (1985); *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, da socióloga francesa, Danielè Hervieu-Léger (2015). Convém ressaltar que outros autores e obras de respaldo no campo de estudo do fenômeno religioso, ecumenismo e diálogo inter-religioso, foram usados nesta pesquisa a qual, por sua vez, está dividida em três momentos.

No primeiro momento desta apreciação, empenhamo-nos na compreensão da espiritualidade como dimensão constitutiva da vida humana. Fundamenta-se teoricamente na obra: *Modernidade, pluralismo e crise de sentido* (2004). Nessa obra, os referidos autores tratam do fundamentalismo e da intolerância de algumas instituições no mundo contemporâneo. Em meio às incertezas e inseguranças do tempo presente, causadas pela liquidez da modernidade, nota-se que o ser humano se encontra “perdido” espiritualmente, porém, em uma busca constante por algo que preencha seus vazios interiores. Diante disso, o fundamentalismo acaba se tornando uma resposta e/ou a “segurança” que alguns sujeitos religiosos necessitam para viver. Acreditamos que esse exame mais detalhado foi e será de relevância para compreender a espiritualidade como dimensão da vida humana. Outras obras que foram consultadas: *Mística e Espiritualidade*, de Leonardo Boff e Frei Betto (1994); *A casa da Teologia, introdução ecumênica à ciência da fé*, de Afonso Murad, Paulo

Roberto Gomes e Súsie Ribeiro (2010); *Religiões em movimento: O censo 2010*, de Faustino Teixeira e Renata Menezes (2013).

No segundo momento alusivo a essa análise, procuramos apresentar as principais características da espiritualidade de Taizé, debruçando-nos sobre o aspecto histórico e místico da Comunidade, como possibilidade de oferecer uma proposta ao ser humano de hoje, instável espiritualmente. Para tanto, apresentamos as principais características da espiritualidade de Taizé a partir de obras do Irmão Roger e de outros estudiosos sobre o tema, que indicam a natureza e o horizonte da comunidade ecumênica. A saber, *As fontes de Taizé: A regra de Taizé*, de Irmão Roger (1984); *Uma primavera na Igreja*, Irmão Roger e Taizé, Rex Brico (1985); *Seu amor é um fogo*, de Irmão Roger (1992); e *Amor de todo amor: as fontes de Taizé*, de Irmão Roger (2003); *Frère Roger 1915-2015, Il fondatore di Taizé*, de Yves Chiron (2009); *50 Anos da presença dos irmãos de Taizé no Brasil. Caminhos percorridos e a percorrer, Comunidade de Taizé Alagoinhas* (2017).

No terceiro momento desta pesquisa, buscamos analisar como a espiritualidade de Taizé pode contribuir, no atual contexto de fundamentalismo religioso, para apontar horizontes no intento de colaborar em uma experiência integradora, dialógica e ecumênica no ser humano. Para isso, realizamos uma análise do contexto atual e apresentamos a possibilidade de uma vivência espiritual mais aberta, tolerante, com aceitação aos sentimentos e vontades de outrem, compatível com o tempo em que vivemos. Com esse objetivo, a fundamentação teórica fora constituída pelas seguintes obras: *Decreto Unitatis Redintegratio: sobre o ecumenismo*, do Vaticano II (2007); *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco (2010). *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, de Danielè Hervieu-Léger (2015).

O presente estudo pauta-se na pesquisa bibliográfica, através de leitura crítica, reflexiva e análise de material existente sobre o assunto. A opção pela investigação bibliográfica, justifica-se pela cobertura de uma gama ampla de elementos que permitem um conhecimento mais profundo sobre o objeto da pesquisa, tendo em vista que essa apreciação parte de hipóteses e conceitos estabelecidos por diversos autores e pesquisadores.

Chegamos ao termo de uma análise hermenêutica, de conteúdos que tratam da espiritualidade humana, aprofundando camadas de interpretação do que seja a espiritualidade de Taizé, oferecendo uma proposta mais leve, para atender a avidez do homem contemporâneo, em busca do encontro com o divino.

Partindo do pressuposto da espiritualidade como dimensão constitutiva da vida humana, esta pesquisa almejou analisar como a espiritualidade de Taizé pode contribuir na formação espiritual do ser humano, com uma expansão espiritual íntegra, reconciliando-se com o transcendente, com o outro e consigo mesmo.

## 2 A ESPIRITUALIDADE COMO DIMENSÃO CONSTITUTIVA DA VIDA HUMANA

### 2.1 PLURALIDADE DA BUSCA ESPIRITUAL NA CONTEMPORANEIDADE

Na atualidade, o ser humano vive uma profunda crise de sentido em virtude das mudanças que vêm se confrontando no âmbito tecnológico, social, econômico, político, religioso, cultural etc. Mudanças que o têm deixado desorientado, tanto no que se refere à sua individualidade quanto na esfera coletiva.

Podemos compreender por sentido, a construção de plausibilidade social, a partir das vivências que são interpretadas, tornando-se experiências de vida, que vão se somando, individual ou coletivamente, subjetivas ou intersubjetivas, que se tornam comuns e que proporcionam uma estrutura valorativa de integração entre eles (BERGER; LUCKMANN, 2004). Diante da pluralidade de ofertas de sentido, própria da cultura contemporânea, muitas vezes não conseguem encontrar o sentido para a vida e terminam por seguir caminhos diversos que lhe são apresentados. Como afirma Berger,

As experiências individualmente consideradas ainda não teriam sentido. Mas quando um núcleo de experiência se separa da base da vivência, a consciência capta a relação desse núcleo com as outras experiências. [...]. Assim se constitui o grau mais elementar do sentido. O sentido nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 15).

As vivências diárias vão se tornando experiências que nos conduzem a um sentido, com valores e interesses que se enquadram a uma finalidade. Esses valores, que vão sendo construídos ao longo da vida, não deixam de assegurar a elementos da tradição da sociedade de que fazem parte, onde está construído um acervo particular de conhecimentos e que faz parte da relação social desses agentes.

Essas vivências humanas, interpretadas, geraram as experiências nas diversas áreas da vida, que são regidas pelas instituições sociais. Como afirma Berger,

Ao controle da produção de sentido associa-se a comunicação de sentido. Através da educação ou da doutrinação orientada visa-se a que o indivíduo pense e faça o que corresponde às normas da sociedade. E através do controle e censura de tudo o que é publicamente dito, ensinado e pregado deve-se impedir a difusão de opiniões divergentes. Procura-se evitar ou

eliminar a competição interna e externa (naturalmente isto nem sempre tem êxito). O sentido do agir e da vida é imposto como regra óbvia de conduta de vida, que a todos obriga (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 23).

Para algumas instituições, os desvios de conduta não são bem vistos, nem são aceitos. Aquele que quebrou as regras, muitas vezes passa a ser visto como um inimigo para aquele grupo social. Os reflexos desses desvios ressoam na comunidade toda, mas, para alguns, há um despertar que proporciona um novo olhar, diante da realidade que lhes é imposta. Na atualidade, marcada pela liquidez, é cada vez mais difícil encontrar indivíduos dispostos a viver em um estado de obrigatoriedade, sem poder questionar os princípios de valores.

No que se refere à esfera religiosa, as estruturas de reserva de sentido são conservadas e administradas por instituições sociais, as quais conseguem manter a ordem de sentido, em concordância básica com a vida prática. No entanto, em outras instituições, os valores comuns não se tornam obrigatórios, nem abrangem todas as dimensões da vida, portanto, abre-se espaço para as crises de sentido, tanto subjetivas quanto intersubjetivas. Dá-se então a conhecer a existência de diferentes ordens de valores, em uma mesma sociedade, proporcionando a existência de comunidades de sentido diversos. O resultado dessas conjecturas pode-se denominar de *“pluralismo”*. *Podemos perceber o pluralismo como variadas formas de vida, reunidas em uma sociedade sem referências e valores comuns. Quando esses códigos normativos não conseguem ser cumpridos, grupos religiosos, étnicos, comunidades de vida, onde cada um possui seus valores, entram em embates por possuírem divergentes concepções de mundo.*

Faz-se pertinente analisar se a moderna forma de pluralismo é a razão principal ou, de algum modo, provoca crises de sentido, tanto subjetivas quanto intersubjetivas. No mundo moderno e industrializado em que hoje vivemos, o pluralismo se encontra potente, os valores já não fazem parte da sociedade como um todo, já foi disseminado, são inúmeras as formas de olhar o mundo com suas propostas e opções de vida.

O ser humano nasce, na contemporaneidade, em um mundo que não comunga da mesma realidade para com todos (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 25-36). O pluralismo tem se tornado cada vez mais evidente, mesmo que ele sempre tenha existido, a sua consciência é algo relativamente novo na vida dos indivíduos,

que, na sua maioria, viviam nas suas estruturas de sentido sem muito contato com outras formas de mundo.

A modernidade tem nos conduzido à vivência do pluralismo em diversos sentidos das nossas vidas, trazendo-nos novas realidades que nos fazem repensar opiniões, pensamentos e, muitas vezes, levando-nos a mudanças de vida. Porém, como pode ser observado, há diversas formas de relacionamento com esta realidade, na contemporaneidade, que vai desde o relativismo até o fundamentalismo.

As instituições criam suas regras e as defendem como realidades de melhores condições de vida. Alguns indivíduos, que se identificam, acolhem como um meio de libertação, vendo novas possibilidades para sua vida. Outros, já sentem como um fardo pesado, para suportar as exigências e vão mais além, provocando medo e insegurança. Esse desequilíbrio pode causar danos irreparáveis (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54). As instituições fundamentalistas atuam com muito rigor perante seus membros, são intolerantes e acreditam que estão sempre em poder da verdade, tratam-nos com atitudes e normas opressoras, impedindo que haja liberdade de expressão, procuram trazer à tona valores antigos e arcaicos que não se enquadram na realidade que a modernidade nos traz (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 79). Procuram sempre manter o grupo sob extremo controle para que nenhum venha a se rebelar e que, de algum modo, escape ao seu domínio para que não ponham em risco toda a estrutura organizada. Enquanto estão sob a guarda deles (dos fundamentalistas), não conseguem perceber a grandeza dos danos que podem sofrer, chegam a se tornar pessoas adoecidas e, quando conseguem se libertar dessa prisão religiosa, psicológica e intelectual, precisam se refazer em todas as dimensões.

As grandes religiões, que no mundo pré-moderno possuíam hegemonia na sociedade, hoje enfrentam uma crise profunda de plausibilidade social, frente à autonomia dos indivíduos na sociedade secularizada. O cristianismo e, de modo especial, o catolicismo, nas últimas décadas, vem sofrendo um considerável índice de queda, diante da imensidade de propostas que se encontram à mercê de quem procura algum meio de viver sua espiritualidade, seja ela através de instituições religiosas tradicionais ou não (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 63-65).

A modernidade gerou processos de racionalização da vida que, por sua vez, provocaram os processos de secularização na sociedade ocidental. Os dados do último censo, no que se refere à religião no Brasil, mostram um contexto desafiador para o cristianismo, de forma especial, para o catolicismo. Nas pesquisas realizadas

pelo censo, as perguntas que acercavam os entrevistados são bastante direcionadas, como: *“Qual a sua religião?”*, o que difere consideravelmente quando se questiona, diante de sua vida religiosa ou sua espiritualidade, como o indivíduo se define ou em qual espaço ele se encontra engajado, mas a pergunta ainda é muito genérica, pois não permite a possibilidade da afirmação da possível dupla pertença religiosa e, na resposta, interfere no resultado final da pesquisa. No censo de 2010, observa-se o declínio dos fiéis católicos e o crescimento entre os evangélicos pentecostais e neopentecostais em relação a algumas décadas passadas. Mediante às pesquisas realizadas aqui no Brasil, a maior redução ocorreu no Nordeste, cujo estado de maior número de fiéis católicos registrado foi o Piauí, e o de menor registro foi o Rio de Janeiro.

Os dados apresentados indicam que a proporção de católicos caiu de 73,8% registrados no Censo de 2000 para 64,6% nesse último Censo, ou seja, uma queda considerável. Trata-se de uma redução que vem ocorrendo de forma mais impressionante desde o Censo de 1980, quando então a declaração de crença católica registrava o índice de 89,2%. [...] O catolicismo continua sendo um *“doador universal” de fiéis, ou seja, “o principal celeiro no qual os outros credos arregimentam adeptos”* [...] A redução católica ocorreu em todas as regiões do país, sendo a queda mais expressiva registrada no Nordeste [...] Os dados indicam que o Brasil continua tendo uma maioria católica, com mais de 123 milhões de adeptos, mas se a tendência apontada nesse último Censo continuar a ocorrer teremos em breve uma significativa alteração no campo religioso brasileiro, com impactos importantes em vários campos (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 92).

Confrontando as pesquisas do IBGE das três últimas décadas, percebe-se o declínio do catolicismo e do crescimento dos evangélicos e dos sem religião. Os evangélicos, em 1980, eram 6,6%; em 2010, passaram para 22% da população (TEIXEIRA; MENEZES, 2004, p. 161). Os dados do censo não nos dão inteira segurança devido à metodologia usada. No manual do recenseador, a pergunta elaborada era *“Qual a sua religião ou culto?”*; não lhes era permitido fazer mais nenhuma pergunta que melhor especificasse a qual igreja pertencia, como *“Qual denominação?”* *“É praticante?”* (TEIXEIRA; MENEZES, 2004, p. 163).

Se o entrevistado almejasse dar mais informações, era por sua livre vontade; caso não desejasse, era registrado sem nenhum acréscimo. Inúmeros foram os que não responderam, que faziam parte de alguma congregação, ou que realmente não tinham vínculo, e essa lacuna comprometeu a análise mais detalhada diante das diversas denominações e pertenças das Igrejas atuantes. No censo de 2000,

acrescentaram: “*Evangélicos sem vínculo*”; e em 2010, “*Qual a sua religião ou culto?*” (TEIXEIRA; MENEZES, 2004, p. 164). Dessa forma, os dados ainda possuem fragilidades para se comprovar a pertença dos evangélicos às suas determinadas igrejas. Possivelmente o aumento possa ter sido maior que o registrado (TEIXEIRA; MENEZES, 2004, p. 163-165).

Ante a modernidade, o pluralismo religioso tem favorecido mudanças culturais, desencadeando nas comportamentais, levando as pessoas a se tornarem mais racionais, interferindo, assim, nas relações sociais referentes às religiões, às instituições que geram sentido, muitos se afastaram, outros não tem interesse de se filiarem, alguns passeiam entre uma e outra sem se firmarem em nenhuma, e essa realidade se torna mais perceptível nos grandes centros populacionais, onde a diversidade de segmentos religiosos é muito maior.

*Há algumas décadas, o termo “sem religião” já vem sendo trabalhado no censo do IBGE, principalmente com o advento da tecnologia, com o imensurável acervo de informações e amplo acesso a comunicação. Muitos jovens, entre 15 e 29 anos, se enquadraram entre os sem religião, demonstrando a tendência do fim da identidade religiosa herdada culturalmente. Dentre eles se encontram negros, pardos, mais homens do que mulheres, tanto os que moram na região urbana, como também foram localizados na zona rural, encontram-se espalhados em todos os níveis culturais, sociais, econômicos, existindo tanto analfabetos, quanto os de nível superior. Assim sendo, os sem religião encontram-se dispersos por todos os espaços (TEIXEIRA; MENEZES, 2004, p. 179).*

As mudanças culturais, econômicas, sociais, tecnológicas, geradas no novo mundo globalizado, atingiu os jovens de modo a deixá-los inseguros e vulneráveis no que diz respeito às escolhas religiosas. Para eles, diferentemente do comportamento dos pais e das gerações advindas, em que se identificavam com apenas uma religião, e essa era por toda a vida. O fato de uma mudança ou de conversão para uma outra religião era visto como uma transgressão, quebra de uma moral existente. Hoje, é muito comum o jovem pertencer a mais de um ambiente religioso. A pluralidade de cultos e a fluidez das pessoas abriram espaço para que possam se ajustar onde se identificam e se sentem integrados. Existem os que transitam entre o catolicismo e o espiritismo, como também pelas religiões afro-brasileiras, e pelo esoterismo. Os evangélicos pentecostais são mais particulares nas suas opções de culto. Dentre eles, encontramos os tradicionais, rígidos, que lutam contra a união entre pessoas do

mesmo sexo, aos que apoiam casamentos gays, além dos envolvidos no meio político, utilizando programas de televisão para se autopromoverem e para divulgarem a sua igreja para agregar mais fiéis e, conseqüentemente, mais renda.

No entanto, ainda encontramos em alto grau o preconceito em relação às religiões de matriz africana que, no princípio, eram constituídas, na sua maior parte, por pessoas que se encontravam em faixa de exclusão. Com o passar do tempo, houve uma crescente ampliação desse tipo de culto, e pessoas de níveis intelectual, social e econômico mais elevados assumiram a pertença e passaram a lutar pelo reconhecimento e respeito de liberdade de culto.

Na realidade virtual, existem diversas opções de práticas espirituais, movimentos que não necessitam de qualquer vínculo institucional, sequer carecem de encontros presenciais. Em meio a isso, a busca por um sentido de vida, mudança de valores, de comportamentos, de ideais, conduziu o ser humano a uma inquietação, procurando algo que o satisfaça, podendo ser de cunho espiritual ou descobrir algo que preencha o vazio existencial, cada vez mais presente em meio a sociedade na qual não se apercebe da condição em que se encontra. A falta de credibilidade e decepções com algumas instituições abriram caminhos para o diálogo inter-religioso, para o ecumenismo, para a aceitação da imensa diversidade, também proposta no meio virtual. Os jovens se permitem viver essas experiências sem nenhum escrúpulo, com atitude aberta, sem impedimentos, com espírito sensível e solidário. Essa troca de experiências favorece o amadurecimento deles em amplas dimensões, expandem seus conceitos e valores; na web, eles têm a liberdade de expressão, discutem sua fé, suas concepções de vida, de escolhas, dialogam com pessoas de crenças, pensamentos e culturas distintas. (TEIXEIRA; MENEZES, 2004, p. 175. 189).

## 2.2 DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Na estrutura antropológica do ser humano, encontra-se uma abertura ao transcendente. O ser humano é o único animal que nasce em sistema aberto. Entre o nascer e o morrer, ele se encontra no terreno da possibilidade de ser. Ele está marcado pela necessidade da resposta ao sentido da sua existência. Hoje, paradoxalmente, diante de um pluralismo cada vez maior de ofertas de sentido, observa-se um grande vazio de sentido. Observa-se que a afluência de espiritualidades que se encontram oferecidas atualmente, e essa pluralidade

aprofundam, muitas vezes, a crise de sentido. Já não tendo os modelos pré-existentes, que deram sentido a muitas gerações, atualmente, diante da grande diversidade de sentido, também religioso, o ser humano tem que fazer escolhas, correr riscos, e isso gera muitas possibilidades de reação e, entre elas, a crise do vazio e da insegurança frente à pluralidade (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Dentre outras peculiaridades, a mística é algo que constitui o cerne do ser humano na sua universalidade. Desde sempre, foi algo que o envolveu e deu vigor para despontar a procura do encontro com o sagrado, enveredar a procura de respostas para perguntas inquietantes que brotavam do seu íntimo, como também de proporcionar o bem-estar integral para si. Porém, precisa-se ter cuidado em como idealizamos nossa relação com o sagrado. Como sentimos a necessidade de ter controle sobre tudo, o modo de viver, atualmente, condiciona-nos a essa atitude, mesmo que, inconscientemente, temos tendência a projetar também diante dessa relação com o divino. Porém, quem delimita esse espaço é o próprio Deus, por meio do seu Espírito, que se autocomunica com a liberdade que lhe é própria. Como afirma Bingemer:

Não é o ser humano quem dirige e conduz a sua experiência com Deus. Antes, é a confiança e a recepção do mistério o que torna possível a experiência. Ele é convidado a participar da mesma experiência exemplar ou arquetípica de Jesus, vivendo com Ele, por Ele e nele o mistério da total entrega nas mãos do Pai. A experiência humana é realmente plenificada quando se transcende em Deus, que é infinitamente maior que tudo quanto os homens estejam dispostos a experimentar (BINGEMER, 2017, documento não paginado)<sup>1</sup>.

Séculos antes de Cristo, no Oriente, os hinduístas, os vedas, os bramanistas, já viviam experiências de comunidades contemplativas, de vida eremítica, de meditação. A tradição mística está intensamente marcada na humanidade, antes mesmo da Encarnação do Verbo. Portanto, a vida mística não está relacionada apenas com a realidade cristã, como muitos podem pensar. Esta experiência tem a sua origem nas dimensões mais profundas do humano. Alguns não têm um deus ou uma entidade que possam ter como guia ou ser superior que os conduzam. Como no budismo, a pessoa em si é que faz o seu empenho em busca da autolibertação. Outros, são politeístas, cujas divindades possuem suas denominações e seus modos

---

<sup>1</sup> Documento não paginado é uma indicação de que o texto está disponível na internet.

de se relacionar com aquele que crer, mas, de modo geral, creem em uma realidade que sempre guiará os seus caminhos.

A mística não se limita apenas ao sentido espiritual da relação com Deus, ela vai muito mais além que isso. Ela é a força que motiva e que sustenta um combate em busca de um ínfimo de dignidade para quem vive na vulnerabilidade da existência.

Falar de mística não significa despistar a resposta às questões formuladas, nem mistificar a realidade, mas colher seu lado luminoso, aquela dimensão que alimenta as energias vitais para além do princípio do interesse, dos fracassos e sucessos. Espiritualidade e mística pertencem à vida em sua integralidade e em sua sacralidade. Daí nasce o dinamismo da resistência e permanece vontade de libertação (BOFF; BETO, 1994, p. 11).

Mística é uma extensão do termo mistério (que vem do grego *mysterion*, que provém de *múein*), que possui diversas interpretações. O que podemos apreender por mistério? Aquilo que esgota nossos questionamentos, reflexões, pensamentos e não encontramos respostas diante da racionalidade, da ciência, do palpável. É algo indecifrável. Está relacionado ao que não existe explicação concisa, e sim, ao experimento, a vivência que não sabemos como justificar. O mistério está ligado a experiência religiosa, aos cultos, rituais sagrados, danças, mitos, símbolos, em diversas culturas e de diferentes costumes, cada um demonstra sua expressão mediante a tradição, o tempo histórico e a experiência vivida desde suas ancestralidades. Além disso, também contamos com a sensibilidade, a percepção *particular de cada um, por meio do coração, do “espírito de fineza” (Esprit de finesse)*, algo que transcende nossa capacidade de compreensão, chegamos a sentir o outro, percebê-lo na situação em que se encontra. Conseguimos adentrar no outro, e ele em nós. O ser místico faz parte de todo ser humano, cada um expressa do seu modo, na sua medida. Alguns místicos experimentam o mistério, vivendo momentos de êxtase, como também nas coisas simples da vida, que a própria natureza nos proporciona, elevando-nos a momentos de profunda experiência com Deus (BOFF; BETTO, 1994, p. 12-17).

A experiência religiosa tem assumido, atualmente, novas características, o indivíduo age com novas percepções. A princípio, seguiam as orientações dadas pelas instituições religiosas, pelas autoridades espirituais. No entanto, com o fluente acesso a inúmeras informações, absorvem peculiaridades das diversas experiências que vão adquirindo, tanto por meio de pesquisas, leituras, diálogos, trocas de

conhecimento, como através das experiências vividas. Assim, constroem o caminho próprio, fruto da sua vivência, independentemente de qualquer julgamento ou aceitabilidade das entidades existentes.

A mística não é, pois, o privilégio de alguns bem-aventurados, mas uma dimensão da vida humana à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmos; quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do Universo. Todos, somos místicos num certo nível (BOFF; BETTO, 1994, p. 17).

Comumente, a orientação tradicional era que nós encontrássemos o transcendente (Deus), por meio de Jesus Cristo, no Reino que ele veio anunciar. E, muitas vezes, deixamos de compreender que Ele se deixa encontrar naquilo que é *imane*nte, que está dentro de nós, no nosso cotidiano. “Deus está aqui e lá, não há espaços sem Ele” (BOFF; BETTO, 1994, p. 68). Ele é um Deus vivo, que pulsa dentro de qualquer um e de todos, e que nos consente relacionarmos com Ele. Permite-Se encontrar no culto, no espaço sagrado, nas orações preparadas, na leitura da Bíblia, nas partilhas, nas relações naturais de convivência, em tudo o que nos rodeia e que nos envolvemos. Ele está conosco a todo instante, em qualquer lugar, não são situações extraordinárias, são circunstâncias corriqueiras, ajudando a um enfermo, em uma confraternização *entre amigos, no cinema*. “A compreensão subjacente é que projetamos um Deus sem o mundo. E um Deus sem o mundo fez surgir um mundo sem Deus” (BOFF; BETTO, 1994, p. 68). Como afirma Boff e Betto:

A fé só tem sentido e é verdadeira quando significa resposta à experiência de Deus, feita pessoal e comunitariamente. Fé é, então, expressão de um encontro com Deus, que envolve a totalidade da existência, o sentimento, o coração, a inteligência, a vontade. Os lugares e os tempos desse encontro transformam-se em sacramentais, pontos referenciais da experiência de uma superabundância de sentido inesquecível. [...] a crise atual das Igrejas e religiões históricas reside na ausência sofrida de uma experiência profunda com Deus. Em seu lugar, surgem os hierarcas, os missionários-cruzados, os mestres de doutrina, numa palavra, o poder religioso. Este está menos interessado na verdade de Deus do que na segurança de seu sistema religioso. O que ele mais teme é o místico, o fiel que testemunha experimentar Deus e em nome dele, sem pedir licença a ninguém, inaugura uma nova fala e introduz novos comportamentos. [...] As pessoas verdadeiramente religiosas, mais que um saber sacerdotal sobre Deus, possuem um saber místico, quer dizer, experimental, urdido de encontros com a divindade. É a partir destes encontros que elas revitalizaram as instituições religiosas, conservam o entusiasmo e haurem energias para lutar e esperar dias mais

justos, às vezes a despeito das Igrejas e religiões instituídas (BOFF; BETTO, 1994, p. 18-19).

Ele (Deus) não segue as regras impostas por aqueles que pensam ter controle sobre Ele ou que se tornaram Seu porta-voz. Esse é um abissal engano, e que se faz bastante corriqueiro, são autoridades de instituições, de grandes e pequenos grupos, que buscam caminhar juntos numa mesma direção, e que se apossam da verdade, da vontade e da comunicação e relação de Deus para com seu povo. Acontece um bloqueio na relação pessoal e interior reservada a cada um.

### 2.3 A ESPIRITUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: LUZES E SOMBRAS

O percurso da desumanização vem violando caminhos de gerações por todas as partes, presente na vida das pessoas e na coletividade. As guerras que assolaram o mundo deixaram rastros de destruição, que, ainda hoje, têm implicações. O progressivo desequilíbrio social, provocado pela modernização da sociedade, os abusos cometidos contra o meio ambiente, gerando inumeráveis problemas à nossa biosfera, a ambição de ter e de poder, já que os maiores objetivos são mercado-consumo-lucro, suplantam o olhar para o próximo, submisso ao sistema econômico globalizado, desconhecendo-o, como se não fosse um humano igual a si. Essa condição de adoecimento, é projetada tanto no âmbito pessoal, como no espaço coletivo. Esse aspecto sombrio, repleto de negatividade, que é característico do homem, encontra necessidade de ser melhor interpretado e, conseqüentemente, vivido.

A partir do momento em que aceitamos nossas condições naturais, esse aspecto negativo do que se encontra velado, pode tomar um outro impulso, e nos conceder energia para vencermos essa luta interior que travamos. Portanto, melhor se faz acolher as nossas diferenças, ao invés de projetá-las nos outros, buscando respostas onde não serão encontradas; se as reconhecemos, favorecem-nos no nosso desenvolvimento; se a negamos, ela assume uma força interior com grande poder destrutivo. Portanto, nem tudo o que guardamos no nosso íntimo, nos lugares em que até mesmo nós temos dificuldade de acessar, é mau. Existem comportamentos, dons, qualidades, potencialidades que foram reprimidas, às vezes desde a infância, dependendo de como foi a relação familiar e social, agregando também a situações trazidas do longo da vida (RUBIO, 2008, p. 16-27).

A relação processada e desenvolvida interiormente, busca suporte para dar condições de encontrar meios equilibrados para manter a coexistência. A espiritualidade e suas derivações são caminhos que têm se evidenciado acentuadamente.

Atualmente, os termos espiritualidade, mística, busca de sentido, religiosidade, dentre outros, têm estado em evidência em pesquisas e em diálogos, mas sobretudo na vida das pessoas, das mais cultas às mais simples, estas que, por vezes, deparamo-nos com a sabedoria nata, experiências de vida que sustentam gerações com suas tradições e costumes, no entanto, não deixando de ser um objeto continuamente presente nos colóquios, com crescente diversidade de propostas, além das tradicionais e milenares instituições.

A era tecnológica com que nos deparamos tem acarretado distintas mudanças em nossos hábitos, em diversas dimensões: sociais, culturais, políticas, profissionais, pessoais, familiares, inclusive no âmbito da religião, da fé, da espiritualidade. Essa necessidade inerente do ser humano pode nos proporcionar um resultado satisfatório, com propostas de melhoria de vida, de encontros consigo, com o outro, com o transcendente, gerando vida, amadurecimento, constituídos de valores humanizadores. Pode levar também ao oposto, ao invés de qualidade de vida com satisfações e realizações, conduzir ao adoecimento, pela vivência continuada de situações desgastantes e inadequadas para satisfazer às expectativas de algumas dessas pessoas. Há, ainda, quem se identifique e se sinta plenamente realizado, que se enquadra no perfil eleito por ela, em um contexto de maior rigidez em relação à doutrina seguida. Todavia, alguns terminam sendo conduzidos aos extremismos, como ao relativismo ou ao fundamentalismo. Acreditamos que a busca seria para encontrar o ideal de vida com equilíbrio, como um todo. Mas nem todos conseguem perceber em que estado se encontram. Se acima ou abaixo da linha tênue. Essa busca haverá de proporcionar incidências com nossas luzes e sombras.

Dentre os extremos citados, consideremos o termo fundamentalismo como um movimento de cunho religioso, de interpretação literal das Sagradas Escrituras, aspirando ser um guia fundamental à vida. Não é uma doutrina, e sim um modo de interpretação e de vivência da doutrina, com muito rigor, sem ter atenção devida à sensibilidade espiritual, controlando as interpretações sem que a verdade maior, defendida por eles, sofra qualquer interferência. Esses possuidores da verdade absoluta não consentem outra verdade, são intolerantes, e agem com desprezo e, em

certos casos, com agressividade, para com aqueles que buscam com liberdade 'outras verdades'. Consideram que, "o grupo é o lar da identidade, o porto da plena segurança e a confirmação de estar do lado certo" (BOFF, 2002, p. 47).

Se pensarmos em algum diálogo com um fundamentalista, é necessário munir-se de tolerância, para tentar, à luz da razão, mostrar as contradições que vivem e que determinam aos membros da comunidade que participam viverem. Na sua maioria, não têm disponibilidade para dialogar, aproveitar o momento de fala e de escuta e, conseqüentemente, de crescimento mútuo. Essa abertura é algo incomum. *O comum é serem denominados de 'fechados'. A racionalidade não é bem vista, a opinião pessoal não é aceita, tem que partir do coletivo, geralmente orientado e determinado por um pequeno grupo que detém o poder, que faz com que permaneçam todos sob a sua autoridade e absoluto controle.*

Aqueles que têm uma vida religiosa ativa, espiritualidade atuante, mas que não fazem o bom uso da razão para ter um pensamento crítico sobre aquilo em que creem, corre o grande risco de se tornarem fundamentalistas. Ou seja, aquele que tem como base para o presente, o passado, não se desliga dele e nele procura encontrar soluções para situações da contemporaneidade; que faz a leitura dos textos sagrados, na sua literalidade, sem permissão para outras reflexões de cunho mais abrangente; consideram-se os possuidores da única verdade; comumente são manipulados pelas lideranças do meio em que se relacionam, vivem submissos ao poder desses pastores, muitas vezes sem terem consciência dessa realidade, que se acham inseridos, mas defendem com todo o vigor que possuem, aquilo em que creem, não permitindo que haja abertura para diálogo com aquele que tem pensamento divergente do seu grupo, tornam-se pessoas arrogantes, intransigentes e soberbas. Dessa forma, o caminho da comunhão e da paz, junto a essas pessoas, encontra-se deveras distante (MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 18). Os membros vivem absortos em um estado de ofuscamento, de submissão. Não conseguem perceber a possibilidade de que podem ser independentes e que têm o direito de existir, de viverem livres.

O Fundamentalismo, apesar de, na atualidade, não se restringir somente à religião, nessa pesquisa é o aspecto que nos interessa. Porém, faz-se necessário ter consciência da sua pluralidade, porque abrange o meio político, econômico, intelectual e cultural. É um termo originado nos EUA no século XIX, quando professores protestantes de teologia, da Universidade de Princeton, publicaram doze livros,

*Fundamentals. A Testimony of the truth* (Os Fundamentos: um Testemunho da verdade) (1909-1915) (BOFF, 2002, p. 12), em que procuram resguardar seus princípios com muita rigidez e ortodoxia. A proposta ia de encontro à modernidade que ascendia nos EUA, pondo em risco sua doutrina. As liberdades de expressão, de culto, de opiniões causavam ameaça aos fundamentos de sua igreja, os quais eram irrevogáveis e incontestáveis.

O fundamentalismo exclui a contextualização das afirmações bíblicas. Rejeita o uso de qualquer método que não seja o literal para entender as Sagradas Escrituras, cuja inerrância é sempre afirmada. Quanto à cristologia, não nega a humanidade de Cristo, mas enfatiza a divindade. Há uma insistência grande nos sinais (milagres), um gosto exagerado pelas profecias, uma expectativa permanente da vinda de Cristo, uma desconfiança em relação à ciência que não tenha referenciais bíblicos, uma busca de doutrinas que dão segurança (dogmatismo) e uma intolerância para com aqueles que não partilham dos mesmos pontos de vista. (MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 125).

Essa expressão (fundamentalismo) surge em meio à modernidade, que assume papéis liberais, a subjetividade com liberdade para se manifestar, a ciência ocupando seu espaço, a permissão do agir da razão, o pensamento crítico e aberto sucedido com os novos tempos, favorecendo a humanidade, com uma concepção de vida mais livre, sem tanta austeridade, sem controle sobre o modo de viver, de poder se expressar em todas as dimensões do ser.

A tendência fundamentalista se encontra associada à crise de sentido na sociedade contemporânea, provocando insegurança e, dessa forma, levando muitos a procurarem o modelo rígido e controlador vivido no passado. No entanto, na atualidade, encontra-se bastante presente. Esse movimento quer manter o controle, a todo custo, no contexto em que a pessoa se encontra inserida na vida pessoal de cada membro, na comunidade em que convive, na Igreja à qual pertence, nas ações do Estado, englobando a sociedade como um todo. Tudo deve ficar sob o controle do determinado grupo que decide as normas a serem cumpridas. A modernidade chega transformando o sistema autoritário e opressor da idade média, o movimento fundamentalista age exatamente no caminho inverso, querendo manter o padrão antigo e ultrapassado, principalmente no aspecto religioso dos séculos passados.

Por isso, o fundamentalismo se constitui como um movimento antiecumênico, inclusive de aberta oposição ao Conselho Mundial de Igrejas, fundado em Amsterdã, Holanda, em 1948. Historicamente, podem-se distinguir quatro fases no movimento fundamentalista. A primeira, entre os anos de 1910-

1920, caracteriza-se pela articulação e implantação. Delineiam-se com clareza os *inimigos* da fé evangélica e os principais pontos teológicos a serem definidos. Do fim dos anos 1920 até o início dos 1940 o movimento percebe a improbabilidade de *purificar* os evangélicos dos pretensos males da modernidade à medida que vê a teoria evolucionista ganhar cada vez mais espaço. Em busca de sobrevivência, o movimento, que inicialmente conta com o apoio de diversas Igrejas e denominações, passa a assumir a criação de outras novas, sob o pretexto de que as grandes denominações também vivem na apostasia. As décadas de 1940 a 1970 testemunham o surgimento de dois grandes blocos. Os que sustentam a proposta de purificação da Igreja pela volta à leitura literal da Bíblia e às tradições pietistas<sup>2</sup> são reconhecidas como *fundamentalistas*. Um grupo dissidente, autodenominado *evangelicais*,<sup>3</sup> entende que os fundamentalistas perdem o senso de *compaixão* quando querem garantir a qualquer custo a pureza do Evangelho (MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 125)

Absorvem o que lhes convém, o que é ofertado pela atualidade, a tecnologia e seus benefícios, por exemplo, enquanto não permitem a interpretação histórico-crítica, nem da hermenêutica das Sagradas Escrituras. Sua prioridade é o controle sobre as Escrituras, tem que ser conforme a interpretação deles, com o temor de que, se a mensagem for absorvida de outro modo divergente ao deles, esse membro possa vir a despertar para uma outra realidade que foge ao controle do grupo dirigente. Eles consideram que têm o domínio sobre a verdade absoluta. Não se aprecia os diferentes modos de viver, conforme a liberdade de espírito. Gerando comportamentos intolerantes, desrespeitosos, por vezes até violentos, em relação à crença, à religiosidade, à *opinião, ao modo de viver e de ser do outro*. A *'sua verdade'* é incontestável e irrepreensível, as Escrituras não contêm erros, são histórias, ensinamentos, leis inspiradas por Deus e o homem jamais poderá intervir, e se for questionada torna-se afrontoso aos superiores. (PANASIEWICZ, 2022).

A tese dos fundamentalistas no âmbito religioso é afirmar que a Bíblia constitui o fundamento básico da fé cristã e deve ser tomada ao pé da letra (o fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre (BOFF, 2002, p. 13).

---

<sup>2</sup> PIETISTAS – movimento do final do século XVII, que dava grande ênfase a experiência pessoal, para que fosse afirmada e compreendida, a fé em quem se acreditava. (MURAD, 2010, p. 115).

<sup>3</sup> EVANGELICAIS – corrente protestante que diverge dos fundamentalistas em alguns pontos, tipo: enquanto os fundamentalistas defendem a doutrina que creem a todo custo, os evangelicais prezam pela moral e espiritualidade; o fundamentalismo dá todo o relevo ao passado, já os evangelicais almejam o futuro como conversão e santificação. (MURAD, 2010, p. 126).

As Sagradas Escrituras precisam ser interpretadas, terem uma leitura atualizada dentro do contexto em que vivemos. Foi escrita em um outro conjunto de condições morais, históricas, culturais, políticas, geográficas. Isso não muda a ação do Espírito Santo diante da mensagem que o texto tem para nos transmitir:

[...]. Desse rigorismo se deriva o caráter militante e missionário de todo fundamentalista. Em face dos demais caminhos espirituais, ele é intolerante, pois significa simplesmente errância. Na moral é especialmente inflexível, particularmente no que concerne à sexualidade e à família. [...]. Na economia, é monetarista conservador, e na política sempre exalta a qualquer custo a ordem, a disciplina e a segurança. [...]. Naturalmente, nem todos os protestantes conservadores são fundamentalistas. A maioria não é biblicista, pois incorporou avanços na interpretação das Escrituras para torná-la contemporânea. Lutero já afirmava: a Bíblia toda tem Deus como autor, mas suas sentenças devem ser julgadas a partir de Cristo. Ele é a Palavra feito carne (BOFF, 2002, p. 15-16).

O Fundamentalismo que permeia, não só a religião como a política, espaço onde a religião se infiltrou para atingir seus objetivos, numa proporção muito maior, em nível de Estado, atingindo populações de regiões inteiras. Chegam como se não tivessem que seguir suas regras, mas sutilmente vão sendo impostas, aumentando seus adeptos, diante de pessoas com carências em diversos momentos e aspectos de suas vidas, veem como uma opção. Os mais atingidos são os de classes sociais marginalizadas, mas não só eles, os de classe média que se encontram desacreditados da realidade social em que vivem, também buscam na religião algum conforto e apoio junto às suas necessidades. Esse apoio chega com orientações claras, concisas e objetivas, aparentemente oportunas, gerando segurança naquele que, atordoadamente, procura.

O termo nos remete a algo negativo, extremista e preconceituoso. Se acontece algo que ponha em risco sua autoridade, que possa abalar o seu poder, ativam comportamentos discriminativos e autoritários. Aquele que, no mesmo ambiente religioso, tenha uma forma diferente de pensar, contrária à lei que o rege, é considerado inimigo, rival e demonizado. Nada pode estremecer os princípios bíblicos da fé que professam,

O catolicismo possui também seu tipo de fundamentalismo. Ele vem sob o nome de Restauração e Integrismo. Procura-se restaurar a antiga ordem, fundada no casamento (incestuoso) entre o trono e o altar, vale dizer, entre o poder político e o poder clerical. Visa-se a uma integração de todos os elementos da sociedade e da história sob a hegemonia do espiritual representado, interpretado e proposto pela Igreja Católica (pelo seu corpo

hierárquico, encabeçado pelo Papa). O inimigo a combater é a Modernidade, com suas liberdades e seu processo de secularização. (BOFF, 2002, p. 17).

Por volta da década de 1950, os evangélicos pentecostais cresceram muito e se tornaram bastante diversificados. As igrejas que mais se alargaram, e ainda hoje continuam em atuação: a Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal, O Brasil para Cristo, entre outras. Foi por meio dessas igrejas que o fundamentalismo começou a se expandir, estabeleceram um meio de controle para manter sob sua égide centenas de pessoas, as quais os favorecem e os mantêm economicamente (GUIMARÃES, 2014, p. 101).

Há duas vertentes de fundamentalismo católico: o doutrinário e o ético-moral. O fundamentalismo doutrinário é bem representado no documento *Dominus Jesus* do ano 2000, assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da antiga Inquisição, que aborda a relação de Cristo e da Igreja Católica com as demais igrejas e religiões. Aí se sustenta que a Igreja católica é a única Igreja de Cristo. As demais denominações cristãs não são igreja, trata-se de usurpação do título. Possuem apenas elementos eclesiais. O catolicismo comparece também como a única religião verdadeira, e os que não se converteram à Igreja Católica Apostólica Romana correm riscos de perdição eterna. Cinquenta anos de trabalho ecumênico, de diálogo inter-religioso, aparentemente se esvaíram, porque as velhas teses medievais da Igreja como única portadora dos desígnios de Deus, e fora da qual não há salvação, foram ressuscitadas. Isto provocou um escândalo em toda a Igreja, escândalo que não foi ainda digerido nem por nós católicos, muito menos pelos protestantes, que estavam se acercando muito próximos da Igreja Católica (BOFF, 2002, p. 17-18).

Com o advento da globalização, a comunicação se tornou mais ampla e muito rápida. Portanto, informações circulam numa velocidade que impressiona, e nesse meio rodeiam assuntos de caráter positivo como também bastante negativos. As pessoas se encontram com um alto grau de inflexibilidade, falta de empatia e respeito, pela fala, opinião e jeito de ser do outro. Tal fato é notório em todas as dimensões que envolvem o ser humano, e na religião não poderia ser diferente.

Podemos considerar o fundamentalismo como uma forma de interpretação da doutrina e de como a vivem na prática. O modo como se percebe o outro, com preconceitos e sem respeito pela sua individualidade, o que termina proporcionando comportamentos e atitudes conservadoras, por terem a necessidade de domínio e controle sobre as pessoas e sobre o meio em que convivem. (RIBEIRO, 2017, p. 101). Isso gera atitudes violentas, tanto físicas quanto psicológicas. Como foi no 11 de setembro de 1991, nos EUA, que se tornou um marco na história da humanidade, ou

em um grupo de pessoas que formam uma comunidade e são tratados com humilhações, sem voz para expressarem seus pensamentos e questionamentos, subjugados à vontade daqueles que se denominam superiores a eles, em todas as dimensões, são os que se acham detentores da verdade, e ainda se colocam como os escolhidos, pela divindade que cultuam. Com isso, beneficiar-se uma prisão emocional, psíquica, afetiva, intelectual que muitos sequer percebem, chegam a passar anos de suas vidas aprisionados, vivendo sob pressão, o que os tornam adoecidos psíquica e fisicamente.

Quando atingem determinados níveis de adoecimento, o corpo já não suporta e começa a *'falar'*. Quando conseguem tomar consciência, *'o cristal quebra'*, abrem-se os olhos e não suportam mais aquele meio, de tanta tortura. Lutam com todas as suas forças para se libertarem, muitas vezes com receio do mundo que terão que enfrentar, revoltados consigo mesmos e com a vida, por terem se permitido viver *'naquele mundo'*, alguns chegam a abandonar esse caminho que seguiam, sem querer nem ouvir falar sobre religião e seguem conforme lhes convém.

Outros encontram oportunidades de se reconstruírem, ressignificando diversos aspectos que foram vividos, sem que sofram qualquer punição, absorvendo o que foi proveitoso, o que ajudou no crescimento como ser humano e deixando de lado o que foi danoso. Cada um reage de uma maneira dentro das suas condições emocionais e racionais.

Existe uma infinidade de espiritualidades que estão acessíveis, grupos que se reúnem tanto presencialmente quanto virtualmente, especialmente depois dessa realidade pandêmica em que estamos vivendo. Viver uma espiritualidade e praticar uma religião é algo inerente ao ser humano, necessitamos dessa ligação com o divino, somos seres interligados uns com os outros e com o transcendente. A ciência ampliou sua perspectiva de visão, cada vez mais se encontram incidências e comprovações dessa realidade, a qual foi rejeitada por séculos. É uma experiência que proporciona bem-estar, que ajuda no encontro consigo mesmo, com o seu próximo e com o ser superior que nos rege.

A experiência de uma vida espiritual geralmente proporciona uma ação benéfica para aqueles que a procuram e se encontram, permitem-se imergir nessa possibilidade de uma nova vida, de se reconstruir, de se refazer e seguir uma nova realidade. Há situações em que pessoas com dificuldades diversas em suas vidas, inclusive, com graves problemas de saúde, conseguem, por meio da oração, da

devoção, de rituais, um equilíbrio emocional que favorece uma melhor qualidade de vida, em períodos tão atribulados.

Nos últimos anos, tem crescido bastante o número de pessoas sem religião, especialmente entre jovens estudantes que possuem um modo diferenciado de viver, de pensar, de se relacionar com o sagrado. Na maioria das vezes, não mantêm vínculo com alguma instituição, mas creem em Deus, têm uma vivência espiritual. Existe uma recusa à filiação em instituições, no entanto, eles possuem suas práticas e convicções sem que haja pertencimento a alguma instituição. Não são necessariamente decisões definitivas, podem ser temporárias, tendo em vista que estão sempre à procura de respostas para seus questionamentos.

A Espiritualidade se mostra como possibilidade de um caminho a percorrer, que está associada aos atributos do espírito humano, como o amor, a compaixão, a solidariedade e o perdão. Favorece a liberdade de pensamento e de expressão, a felicidade que emerge da simplicidade de ser e viver. Permite a autenticidade de ser aquilo que se deseja, podendo ser verdadeiro consigo mesmo, alcançando um ambiente de liberdade conquistado e que possui valor imensurável.

Certa vez, perguntaram a *Dalai-Lama*, “*o que é espiritualidade?*”

[...] ele deu uma resposta extremamente simples: Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior. Não entendendo direito, alguém perguntou novamente: mas se eu praticar a religião e observar as tradições, isso não é espiritualidade? O *Dalai-Lama* respondeu: pode ser espiritualidade, mas se não produzir em você uma transformação, não é espiritualidade (BOFF, 2001, p. 16).

O ser humano se encontra em permanente mudança, nas suas dimensões psíquicas, físicas, culturais e sociais. Genuinamente, mudanças interiores, que provocam transformações de vida, oferecendo um novo sentido à sua existência.

### 3 UM CARISMA ECUMÊNICO: AS RAÍZES DA ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ

Roger Louis Schutz-Marsauche, nasceu a 12 de maio de 1915, na aldeia de Provence, perto de Neuchâtel, na Suíça, o caçula do casal dentre nove filhos, sete mulheres e dois homens, Charles Schutz, de origem suíça e a mãe Amélie Marsauche, francesa. Era uma família abastada de ternura, de espiritualidade e de misticismo.

Seu pai era de linhagem evangélica, pastor da região do Jura suíço, homem de coragem, era cuidadoso com os menos abastados. Sua mãe era uma mulher repleta de serenidade e alegria, com todo rigor ensinou aos filhos a serem autênticos em suas vidas. Gostava de música, estudava piano, por isso, em casa eles ouviam músicas com muita frequência. Foi uma infância marcada também pela leitura, a família sempre se reunia para ler algo junto, daí Roger, desde criança, ter sido bastante afeiçoado à leitura. Uma das leituras realizadas entre eles era sobre o mosteiro de Port Royal<sup>4</sup>, cuja vida monástica o atraiu desde menino.

Mas, quem teve muita relevância no modo como assimilou o seu jeito de ver, de viver a religião, foi a sua avó materna, Marie-Louise Marsauche-Delachaux, que provinha de família evangélica, mulher serena e corajosa, morava no norte da França, região alcançada pela Primeira Guerra Mundial, onde bombas chegaram a atingir o quintal de sua casa, mas ali permaneceu, e passou a acolher refugiados da guerra, crianças, gestantes e idosos. Nesse contexto, Roger absorveu essas experiências de vida que, alguns anos mais à frente, o inspiraram à mesma atitude generosa.

A senhora sua avó, Marie-Louise, e o seu Pai, Charles, ambos evangélicos, também conviviam com a Igreja Católica sem nenhum constrangimento. Desde sua infância, aconteceram situações que foram despertando, com naturalidade, a compreensão e o respeito entre a forma de pensar e viver, perpassando entre as duas concepções de fé. Ele relata um desses momentos vividos com suas irmãs:

Aos cinco anos, eu passava um domingo no campo com minhas irmãs, nos arredores de Estavayer. No final da tarde, regressando ao porto onde atravessaríamos o lago, entramos numa igreja católica. Tudo estava envolvido pela escuridão. A luz que iluminava a Virgem e o Santíssimo

---

<sup>4</sup> Abadia de Port Royal des Champs, foi fundada em 1203. Abrigava 12 mulheres. Em 1602 foi nomeada abadessa Jacqueline-Angélica, com apenas 11 anos. Sem preparação alguma, vivem um período de decadência. Ao completar 17 anos, a Madre Angélica, decide restabelecer a *Regra Cisterciense*, atraindo, assim, diversas mulheres da elite francesa para viverem de silêncio e oração. Em 1625, o abade de Saint Cyran vem a ser diretor espiritual da Abadessa, introduzindo o movimento jansenista, não só no mosteiro, como na França. (CUNHA, 2010, p. 73).

Sacramento ficou em mim como imagem inalterada (GONZÁLEZ-BALADO, 1977, p. 37).

Outro acontecimento que o marcou profundamente, tinha uns doze anos, viu seu pai, que saía sempre cedinho, para rezar na igreja, mas, daquela vez, viu-o rezando em uma igreja católica, algo bastante incomum para um evangélico daquela época. Sua avó comentava que não conseguia conceber porque na guerra os cristãos se matavam. Tinha um coração aberto, chegava a participar de missas e com espírito de comunhão, compartilhava da eucaristia. Esses fatos foram sendo conservados por Roger (GONZALES-BALADO, 1977, p. 38).

Adolescente, com treze anos, precisou seguir os estudos, deixando Oron e sua família, indo morar na cidade. Seus pais tinham duas opções, escolher entre uma família protestante e outra católica. Essa última era da Madame Bioley, viúva que se achava passando por grandes necessidades, e seus pais optaram por ajudá-la. Não foi a religião que prevaleceu, e sim, o ato de compaixão diante da realidade que ela se achava com seus filhos. Essa atitude já demonstrava a abertura de seus pais na relação com os católicos.

Passou a morar junto com essa família, eram sustentados por uma fé viva e profunda, que tinham como amparo e sustento apenas a providência divina. Com ela conheceu o catolicismo e passa a frequentar as igrejas católicas sozinho. Portanto, ele bebe das duas fontes, desde sua infância, sem nenhum rigorismo, com tanta naturalidade que, depois, percebe que poderia conviver com as duas realidades em comunhão, uma contribuindo com a outra, complementando-se e vinculando pessoas, comunidades e povos.

Perante a esses acontecimentos, começa a ser moldada a sua vocação ecumênica, com essa experiência de vida e os exemplos da sua família que tratavam com simplicidade sem nenhuma inquietação espiritual. Brota, em seu coração, um espírito ecumênico, sem consciência e sem pretensão alguma. Em seguida, percebe que pode unir as suas origens evangélicas com o catolicismo sem maiores dificuldades.

Na sua juventude, via outros jovens brigando, e seus pais também se envolviam nessas intrigas, cada um defendendo a sua religião. Essa era uma situação inconcebível para ele. A intolerância entre evangélicos e católicos abalaram a sua fé, provocando uma enorme repulsa. Nada acontece ao acaso. Viveu experiências profundas de dúvidas, incredulidade, sem vida de oração, para, depois, poder ajudar

aos diversos jovens que ora passariam pelas mesmas crises existenciais que ele vivera.

Quanto a mim, posso dizer que, na minha juventude, houve, em certo momento, como um abalo na fé. Não que realmente duvidasse da existência de Deus. Minha dúvida era sobre a possibilidade de estar em comunhão com Ele. Queria ser tão honesto, que cheguei a não mais rezar. Pensei que precisava conhecer Deus para poder rezar (IRMÃO ROGER, 2006, p. 81).

Ainda jovem, adoeceu de uma grave tuberculose pulmonar, justamente no período da sua crise espiritual, sendo necessário recolher-se de suas atividades para se tratar. Foi um período de densa solidão, mas de leituras encantadoras, escritos que transbordavam o seu coração, intensas reflexões, profundas orações e de essencial discernimento, que iriam gerar muitos frutos.

Mas o próprio Roger perdeu a fé, por assim dizer, durante os anos de sua adolescência. A intolerância recíproca dos protestantes e dos católicos inspirava-lhe aversão. Por isso, assim que reencontrei a fé, procurei um modo de viver uma vocação de unidade na Igreja (BRICO, 1985, p. 15).

No período de reclusão, em 1936, escreve o livro *Evolução de uma juventude puritana*, o qual leva à revista literária, *Nouvelle Revue Française*. Jean Paulhan, diretor da editora, interessa-se pelo manuscrito que descrevia a sua vida, sua evolução pessoal, mas sugere que modifique a conclusão. Roger, desapontado porque não mudaria o que havia escrito, não iria entrar em contradição, deixa para trás o sonho de ser escritor e percebe aí um sinal para seguir a teologia.

Aos 20 anos, começou a estudar teologia, com todo o assentimento do seu pai (pois era algo que sempre desejou para seu filho), nas universidades de Lausanne, na Suíça e Estrasburgo, na França. Durante o curso, ainda continuou com muitas dúvidas, inclusive se aquele era realmente o seu caminho.

Nos últimos anos de estudo, no outono de 1939, foi eleito presidente da Federação dos Estudantes Cristãos. Foi um acontecimento determinante em sua vida. Não tinha nenhum interesse, não queria assumir aquela responsabilidade, mas devido à tamanha insistência, aceita a função e, a partir daquele momento, passa a ver com outros olhos a missão à qual lhe depositaram. Outros caminhos foram sendo abertos. Formou-se um grupo para estudar questões relacionadas à fé cresceu ao ponto de precisar de duas salas para acomodá-los.

Juntaram-se uns 20 membros e formaram a chamada Grande Comunidade, que por meio do trabalho e da vida de oração, aspiravam a uma vida comunitária.

Reuniam-se mensalmente para fazerem retiros, onde silenciavam, meditavam, paravam para escutar a Deus, partilhavam seus sentimentos e se confessavam. Eram encontros promovidos por eles mesmos e outros intelectuais, que passaram a reunir muitas pessoas, e Roger já ansiava, em seu coração, planos muito maiores do que aqueles até então vividos.

Era 1940, com 25 anos, Roger decide comprar uma casa onde pudessem estudar e fazer suas orações juntos, queria viver como *“humilde sinal de comunhão”* (FELDMANN, 2012, p. 18). Era o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a casa deveria estar em um espaço marcado pelo sofrimento humano, e a França, derrotada, proporcionava o local ideal para se estabelecerem, pois a casa se tornaria um ponto de refúgio certo para os que lutavam para conseguir fugir da perseguição. Estavam dispostos a correrem riscos para darem acolhimento aos judeus, órfãos, doentes, refugiados políticos, a quem necessitasse de ajuda e batesse à sua porta. Precisavam amparar aquelas pessoas que haviam perdido tudo em suas vidas, suas famílias e a dignidade de seres humanos, encontravam-se desolados por tamanha tragédia nas suas existências.

Com o visto para a França, partiu de bicicleta, pois o país encontrava-se devastado pela guerra, pontes destruídas, não havia como transitar pelas estradas. Pelo caminho, deparou-se com algumas casas grandes que estavam à venda, mas ainda não se encaixavam com o seu desejo. Uma encontrava-se próxima à Genebra. Essa proximidade poderia atraí-los e abalar a proposta de vida consagrada. Outra estava sobre uma colina, numa região com mais abundância e conforto, proporcionando maiores facilidades, o que não se adequava aos propósitos do grupo que se formava (GONZÁLES-BALADO, 1977, p. 57).

Nessa busca, passa pela Abadia de Cluny, mosteiro de monges Beneditinos, de enorme influência na Idade Média, local de grande importância histórica religiosa do mundo, mas que se encontrava em ruínas. Foi um momento de rememorar a história que foi vivida naquele chão. Ao sair de Cluny, depara-se com uma placa: casa à venda em Taizé. Não conhecia esse povoado, mas o tabelião explicou-lhe como chegar, estava a 10 km do lugar em que se encontrava. As chaves se encontravam com a Madame Brie, proprietária da casa. (GONZÁLES-BALADO, 1977, p. 61-62).

Em Taizé, uma aldeia sobre uma colina, quase desabitada, havia apenas uns sessenta moradores, na maioria idosos e sozinhos. As terras, devastadas por uma praga de parasitas, destruíram as vinhas, e muitos camponeses perderam suas vidas

nas batalhas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O lugarejo era desolador, e a mesma senhora que lhe mostrou a casa o acolheu e, enquanto comiam, ela disse: *“Compre a casa, fique conosco, estamos tão sós. E isso fez pender a balança”* (BRICO, 1985, p. 17). Encheu-se de ternura, o que pesou em sua decisão. Era final de agosto de 1940.

Assim se expressa *Irmão Roger*: *“Escolhi Taizé porque aquela mulher era pobre. Ora, na voz dos pobres, o que importa é ouvir sempre a voz de Cristo. Aquele que se detém, em primeiro lugar, no mais pobre, não pode se enganar”* (BRICO, 1985, p. 17). Reuniu-se em Lousane com uns trinta jovens para falar da intenção de se estabelecer em Taizé. O grupo, a princípio, tinha a intenção de ficar na Suíça, mas concordaram com a sua ida para Taizé, onde se formaria, em pouco tempo, a *“Comunidade de Cluny”*, consegue emprestado o dinheiro e compra a casa no início de setembro daquele mesmo ano.

*Em dezembro, a Grande Comunidade realiza um encontro na “Comunidade de Cluny, assim ela se chamou durante certo tempo”* (BRICO, 1985, p. 19), depois retornam para Genebra. E, sozinho, Roger começou a cultivar a terra, produzindo alimentos para ajudar aos que chegavam famintos em sua casa. Possuía apenas uma vaca, que também auxiliava na alimentação, e deu início organização do lugar, adequando-o às necessidades. Retirava-se para rezar três vezes ao dia, com bastante discrição, em um ambiente transformado em uma capela.

A casa se encontrava a uns 500 metros da linha de demarcação entre a França e a Suíça. Não faltavam refugiados pedindo abrigo, chegavam quase morrendo de fome. A qualquer hora que chegassem, sem que houvesse alguma identificação, ele abria as portas e oferecia hospitalidade. Manifestava com fidelidade o mesmo papel que sua avó exerceu no período da Primeira Guerra. Tempos de muita tensão, as autoridades suspeitavam que naquele local houvesse pessoas que estavam recebendo guarida.

Não me esqueço de uma noite do verão de 1942, quando eu ainda estava sozinho em Taizé. Estava sentado a uma mesinha e escrevia. Havia guerra. Sabia que estava em perigo por causa dos refugiados que abrigava em casa. Entre eles havia judeus. A ameaça de ser preso e deportado era grande. Um policial à paisana vinha frequentemente me interrogar. Nessa noite, diante do medo que me corroía as entranhas, nasceu em mim uma oração de *confiança*. *Disse a Deus: “Mesmo que a vida me seja retirada, eu sei que tu, ó Deus vivo, darás continuidade ao que aqui teve início, a criação de uma comunidade* (FELDMANN, 1985, p. 21).

Era novembro de 1942, Roger fora denunciado por alguém da redondeza. Enquanto ajudava um refugiado a fugir, a casa foi tomada pela Gestapo, levando todos que lá se encontravam. Sendo assim, não havia outra opção, não podia voltar para casa. Precisou estabelecer-se em Genebra, na Suíça. Durante esse período de enorme apreensão, não faltou dedicação para ajudar aos que chegavam sem nenhuma expectativa, mas a sua razão maior também não se perdeu, que era a constituição da Comunidade. Naquela ocasião, escreveu o que concebia como ideal da vida monástica que almejava viver.

“*Que no seu dia, o trabalho e o repouso sejam vivificados pela Palavra de Deus. Que mantenas em tudo o silêncio interior, para permaneceres em Cristo. Penetra-te com o espírito das bem-aventuranças: alegria, misericórdia, simplicidade*” (BRICO, 1985, p.18). De novembro de 1942 a outubro de 1944, Roger vive dias bastante fecundos em relação à formação da comunidade monástica, até então chamada de Cluny. Em uma casa, nas proximidades da antiga Catedral, Roger conclui seus estudos, defendendo sua tese final, um tema não muito coerente com o pensamento protestante em relação à vida monástica: *O ideal da vida monástica até São Bento e a sua conformidade com o Evangelho* (BRICO, 1985, p. 19). E assim, foi ordenado pastor.

O Irmão Roger fora consagrado pastor em julho de 1944. Como pastor celebrava a eucaristia. Há vários anos renunciou inteiramente a essa função. Pode o gesto, à primeira vista, parecer difícil de compreender; e, todavia, claríssimo na intenção do Ir. Roger: pôr, com um gesto concreto, uma interrogação, enquanto os cristãos separados não se puserem de acordo quanto à questão dos ministérios (GONZALES-BALADO, 1977, p. 93).

Nesse período, chegam juntos Max Thurian, que era estudante de Teologia, e foi quem traçou o perfil litúrgico da comunidade; Pierre Souvairan era agrônomo, aluno da Escola Politécnica e, um tempo depois, juntou-se a eles, Daniel de Montmollin, que era teólogo e ceramista: eles formam o primeiro grupo da Comunidade de Taizé, pertencentes à Grande Comunidade. Fizeram um voto de celibato e de comunhão de bens, de modo provisório. Ainda se fazia necessário o desenvolvimento das regras e o ajustamento para uma vida em que desejavam conviver com tudo em comum, e assim poderem assumir definitivamente o chamado. A partir de então, com os votos realizados, tornam-se o Irmão Roger, Irmão Max, Irmão Pierre e Irmão Daniel.

A casa era bastante frequentada por estudantes, operários e sindicalistas, onde discutiam diversos assuntos, dentre eles, reformas sociais e o catecismo. Era uma comunidade bastante atípica, um grupo de homens evangélicos, vivendo juntos em um mosteiro. Inspiração vinda de antigos mosteiros cristãos, como os franceses Port-Royal e Cluny, ambos pertencentes a Ordem de São Bento. Contudo, o estado de isolamento vivido nos mosteiros era algo que causava desconforto no Irmão Roger, como o natural do ser humano quando jovem é construir sonhos e batalhar em prol deles, mas não queria viver em um mundo de ilusões, no seu íntimo algo mais forte e sublime gritava alto. A Comunidade de Cluny, até então chamada, era o cume dessa preocupação:

Um isolamento que induz ao desânimo, torna as pessoas incapazes de conduzir a bom termo o estudo empreendido, por falta de contatos, de emulações, de conselho contínuo. Impunha-se-nos, portanto, acabar com uma tradição demasiadamente individualista, a fim de desfrutarmos plenamente das riquezas geradas pela colaboração e pela vida comunitária (GONZÁLES-BALADO, 1977, p. 78).

A proeminente Comunidade de Taizé iria viver exatamente assim, compartilhando de tudo o que a vida comunitária pode oferecer do convívio, dificuldades, trabalho, lazer, estudos, partilhas e especialmente das orações. No outono de 1944, os quatro irmãos conseguem voltar para Taizé. Eram os primeiros membros, já havia dois anos que conviviam de modo comunitário em Genebra. Chegaram ainda acolhendo os prisioneiros de guerra que se encontravam na região, depararam-se com 20 crianças órfãs doentes, necessitadas de abrigo, cuidados, comida, roupas e, acima de tudo, de amor.

No entanto, a comunidade era formada apenas por homens. O Irmão Roger fez o convite à sua irmã Geneviève Schutz, que era solteira, para ir cuidar delas, exercendo o papel de mãe, e isso foi o que ela se tornou para os acolhidos. Havia diversas dificuldades, diante da realidade que eles se achavam, em termos de acomodação, alimentação, dos cuidados necessários para bem realizarem essa sublime incumbência. No entanto, foram educados, alfabetizados, cresceram, constituíram suas famílias e não perderam o vínculo com a família da Comunidade da colina que os amparou.

Os anos vão seguindo, e os quatro irmãos continuam sua vida de trabalho e de oração, de comunhão com o homem e com Deus, sempre com o espírito

reconciliador e fraterno, com simplicidade e compaixão, renovando os votos a cada ano. No entanto, em 1948, chegam três franceses como postulantes, que passaram a integrar o grupo, tornaram-se sete e, na Páscoa de 1949, fizeram os votos monásticos perpétuos: obediência ao prior, representado pelo Irmão Roger, celibatarismo e partilha e comunhão dos bens.

Eram os irmãos da Comunidade de Taizé, portanto nasce a primeira ordem masculina protestante, inspirada na ordem de São Bento, no Mosteiro de Cluny e o de Port-Royal. É uma comunidade ecumênica que não possui estatuto e nenhum vínculo com alguma instituição religiosa. Ainda hoje os votos são realizados com o mesmo texto usado na primeira vez que os professaram.

Segue doravante as pegadas de Cristo; não te preocupes com o dia de amanhã. Na compaixão e no amor que tem por ti, Cristo Senhor escolheu-te para seres na Igreja um sinal de amor fraterno. Ele quer que tu realizes com os teus irmãos a parábola da comunidade (FELDMANN, 2012, p. 27).

Era como dar um passo no escuro, não havia garantia de nada para quem enveredasse por esse caminho. Do mesmo modo, não se conseguia explicar como jovens, os quais muitos deles não tinham nenhuma relação com Deus, largavam toda uma vida para viver do provisório, do inesperado, da simples providência de Deus. E, dessa forma, sentiram-se plenamente realizados pela escolha que fizeram. Ainda hoje, não se encontram respostas para tamanho abandono, entrega e confiança, para *servir aos indigentes, aos que andam sem rumo, aos que buscam o 'Encontro' com Deus e consigo mesmos, cada um no seu mundo, com uma intenção guardada no mais profundo do coração. E apenas servir.*

Cristo Senhor, manso e humilde de coração nós ouvimos teu tímido apelo: Você, siga-me. Tu nos chamas para que juntos vivamos uma parábola de comunhão e para que, tendo comprometido a nossa vida inteira, sejamos fermento de reconciliação nesta comunhão insubstituível que é a Igreja. Dá-nos a graça de responder corajosamente sem nos deixar afundar no terreno movediço de nossas morosidades. Vem, que pelo sopro do teu Espírito sejamos como que suspensos ao único essencial, ao único que nos impele a retomar o caminho. A quem sabe amar, a quem sabe sofrer contigo e não sem ti, é necessário abandonar um projeto contrário ao teu desígnio, em ó Cristo, abrir-nos à serena confiança que nos dá a certeza de que teu amor jamais nos faltará e de que seguir-te é dar a nossa vida (IRMÃO ROGER, 1984 p. 41).

A quantidade de visitantes e pessoas interessadas em conhecer melhor a proposta de vida e de oração dos irmãos de Taizé só crescia. Eram protestantes,

católicos, padres, teólogos e já não cabiam mais no espaço que tinham reservado para esses momentos. Solicitaram a licença ao Bispo de Autun, D. Lebrun, para usarem a Igreja de São Martinho. Tendo ouvido boas informações dos irmãos, das ações realizadas, inclusive que o prior havia convidado o padre Couturier para celebrar missa junto aos irmãos, em 1944.

A autorização fora positiva e veio do Núncio Apostólico, Ângelo Giuseppe Roncalli, o futuro Papa João XXIII, que depois se tornaria conhecido como o Papa Bom. Não era comum ceder o uso de uma igreja católica para o uso de protestantes, mas a Vigília de Pentecostes de 1948 foi realizada na pequena Igrejinha. Aconteceu o que se chama de *Simultaneum*<sup>5</sup>. Reunido com os demais, o Irmão Roger, que sempre fora mais coração que mente, questiona a si e aos outros:

Quem somos? Um grupo de homens que se encontram sem se escolher e que tentam agora reeditar algo da primeira comunidade cristã. Quem somos? Uma comunidade pequena e frágil, sustentada por uma esperança louca: a da reconciliação de todos os batizados e de todos os seres humanos entre si [...]. Somos um acumulado de fraquezas pessoais, mas também visitada por um outro diferente de nós (FELDMANN, 2012, p. 25).

Aos poucos, foram-se juntando irmãos de diversas nacionalidades, entre protestantes e católicos, vindos da Alemanha, Espanha, Holanda, Bélgica, Índia, também países do continente americano, dentre outros mais. Com maior representatividade, os irmãos decidem ir a Roma em 1948. Queriam, de alguma forma, jogar a semente de união entre as Igrejas separadas. Em visita ao Papa Pio XII, propuseram que enviassem um representante para um encontro da Comissão do Conselho Ecumênico das Igrejas, que iria ocorrer em 1952, na Suécia. Essa participação termina por não se realizar pela falta de abertura do Papa para o diálogo com outras religiões, mas eles não desanimaram.

No ano de 1951, surge a primeira fraternidade, dentre muitas outras que iriam se espalhar pelo mundo. A cidade escolhida próxima a Taizé era Montceau-les-Mines. Os que iniciaram essa missão foram dois irmãos, Pierre e Axel. Trabalhavam com os mineiros, *vivenciando as dificuldades diárias com eles*. “*Se propunham como primeiro objetivo ser, segundo a expressão da Regra, sinal da presença de Cristo entre os homens e portadores da alegria*” (GONZÁLES-BALADO, 1977, p. 99).

---

<sup>5</sup> É o termo em latim, da palavra simultâneo, que significa o uso concomitante de uma igreja para a celebração de cultos católicos e protestantes. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2009, documento não paginado).

Queriam estar juntos aos que habitavam na mais profunda miséria humana. As fraternidades que viviam do provisório, duravam de meses a anos, sempre nesse ambiente, enfrentando unidos, para de algum modo ajudá-los a sair da indigência, procurando encontrar um pouco de dignidade para aqueles abandonados. Dentre essas fraternidades, também vieram para o Brasil, a convite de D. Helder Câmara. Chegaram primeiro na diocese de Olinda e Recife/PE, em seguida foram para Vitória/ES e, algum tempo depois, para Alagoinhas/BA, onde permanecem até os dias de hoje.

Irmão Roger não queria que a primeira ordem masculina protestante fosse considerada uma provocação ou uma tentativa de mera restauração que só faria erguer novas barreiras entre as Igrejas. A sua busca apaixonada visava, pelo contrário, a uma parábola de comunhão... encarnada na vida de cada pessoa; de fato, as palavras só se tornam dignas de credibilidade quando são vividas. Eu sempre tive um único pensamento: misturar na massa das Igrejas divididas um fermento de comunhão (FELDMANN, 2012, p. 28).

O convívio comunitário já se fazia presente em suas vidas desde 1940, quando estavam em Genebra, onde se originou o primeiro grupo. Os primeiros votos foram realizados em 1949, mas a Regra de Taizé só começa a ser redigida no inverno de 1952-1953. Tempos de retiro espiritual, de silêncio e solidão, para escuta da vontade de Deus, aos quais os irmãos que se sentiram chamados a viver essa vocação, seguiriam para lhes dar o sustento espiritual necessário. A obra era o resultado de vários anos vividos em comunidade, embora o Irmão Roger nunca tivesse tido a intenção de escrever algo que se tornasse rígido, pesado, não queria limitar o *espírito criativo*, era mais um *“livro de espiritualidade” profunda, vivido, não só pelos irmãos, mas também por leigos e pessoas entrelaçadas com as igrejas.*

Havia os que não compreendiam porque não eram só católicos, nem somente protestantes. Nesse ponto é que se mostra a diferença deles entre as demais comunidades. O propósito maior era a reconciliação, não havia necessidade de negar as origens familiares, de onde surgiu a natureza religiosa de cada um. Havia liberdade para estarem unidos, em busca de unidade, intento de grande nobreza.

Aos poucos, a Comunidade foi se tornando conhecida, os diálogos ecumênicos encantavam as pessoas, a quantidade de visitantes continuou a se multiplicar, a igreja não comportava mais a aglomeração. Não possuíam verbas, mas com a ajuda de uma organização alemã, que atendia projetos de reconciliação, após a guerra, construíram a *Igreja da Reconciliação*, inaugurada na festa da

Transfiguração do Senhor, em agosto de 1962. Nessa celebração de inauguração, encontraram-se membros de grande relevo de diversas Igrejas,

Monsenhor Martin, de Rouen, representava a igreja católica; o Metropolita Meliton, viera em nome do patriarca de Constantinopla; Monsenhor Tomkin, era o enviado do arcebispo de Cantuária; o bispo Scharf veio como presidente das Igrejas Protestantes da Alemanha; e, como presidente da Federação das Igrejas protestantes da França, lá estava o pastor Marc Boegner. A inauguração da igreja foi um acontecimento ecumênico sem precedentes. À noite, o Irmão Roger declarou: Aqueles que vêm a Taizé, buscam, consciente ou não, um objeto que vai além deles próprios. Se nos pedem pão, iremos oferecer-lhes pedras para contemplar? Depois de virem a esta igreja da Reconciliação, ao invés de levarem consigo a lembrança das paredes, que possam recordar o apelo em favor da reconciliação e fazer dele o pão cotidiano de suas vidas. A resposta dependia das Igrejas, mas todas as organizações eclesíásticas estavam ainda longe de se sentirem preparadas para responder favoravelmente a tal apelo (BRICO, 1985, p 24-25).

Foi um evento de singular importância para a missão confiada aos irmãos. Tornou-se assunto entre os jornais e equipes de televisão de todo o mundo, que estavam presentes, foi o momento em que despontou a Comunidade Ecumênica de Taizé, que até então crescia, de certo modo discretamente. Com o tempo, irmãos procedentes das igrejas anglicanas, reformadas e luteranas, também passam a fazer parte e, juntos com os cristãos, demonstravam grande respeito e espírito de unidade com o Bispo de Roma, beneficiando um olhar de comunhão entre todos.

A percepção do fundador era a de que carecia de um pastor para conduzir o rebanho, animar e asseverar a unidade e a comunhão entre todos. Confiava que o Papa iria lutar pela união e paz entre os povos, respeitando suas crenças e suas religiões. Diante de tudo, o Irmão Roger e seus irmãos começam a viver novas experiências. O prior continua escrevendo seus livros de reflexões e encontros com Deus. Passa a ser convidado para palestras e eventos ao redor do mundo, como o Conselho Ecumênico das Igrejas.

### 3.1 O CRISTIANISMO CONCILIAR: O VATICANO II E O ECUMENISMO NA ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ

Com a eleição do Papa João XXIII, os laços com a Igreja Católica se estreitam, os encontros passam a ser anuais, o que se conservou com o Papa Paulo VI. A relação se fortaleceu ao ponto de serem convidados para participar do Concílio Vaticano II em 1962, como observadores, o Irmão Roger Shutz e o Irmão Max Thurian.

Várias amizades nasceram com bispos sul-americanos, dentre eles, D. Helder Câmara. Encontravam-se nas refeições, nas orações, nas conversas de bastidores, abordavam o conteúdo dos debates, dos temas pertinentes ao Concílio, cujos frutos fizeram parte dos textos conciliares, no recôndito discretamente, deram uma enorme contribuição ao grande evento da Igreja em Roma.

Com o honrado convite para os irmãos participarem do Vaticano II, estes, juntos a outros protestantes e católicos defensores do ecumenismo, reuniram-se algumas vezes nos dois anos precedentes e redigiram uma carta para o Papa João XXIII, homem de singeleza e abertura evangélica, que não tinha a intenção de julgamentos, nem de encontrar responsáveis por tantas discórdias durante séculos. O texto foi bem recebido pelo Servo dos Servos de Cristo, abordava assuntos relacionados ao que seria tratado no Vaticano II, um olhar para os problemas sociais, que batalhassem pelos injustiçados, uma renovação litúrgica, respeitando a inculturação, os ritos, a língua dos povos; as questões relacionadas a teologia mariana, que coubessem no espaço ecumênico, que não causassem desarmonia.

O pensamento não era da Comunidade de Taizé, mas de todos os que se encontravam reunidos em prol de auxiliar nas reflexões que iriam discorrer nas reuniões conciliares. Não tinha teor de julgamento nem de enfrentamento, cujo espírito sempre mobilizou Taizé, e sim de diálogo pacífico. *“Irmão Roger repetiu diversas vezes que Taizé não tinha teologia nem espiritualidade próprias. Taizé é apenas a busca sempre aberta da unidade da Igreja”* (GONZÁLEZ-BALADO, 1977, p. 107).

Ainda antes do início do Concílio, de 25 a 29 de setembro de 1960, houve um encontro ecumênico na colina, com nove bispos católicos e sessenta pastores protestantes, conduzido pelo prior da Comunidade. Sendo o primeiro após 400 anos de separação, reuniram-se para, em harmonia, recolherem-se em orações e meditações, com o pensamento comum em prol do futuro e não reviver o que havia acontecido no passado.

A quantidade de peregrinos não cessava de crescer na colina de Borgonha. Surgiu a preocupação de como esses jovens dariam continuidade, com substancialidade e concretude, nas suas vivências pessoais. Alguns eram engajados em trabalhos nas suas paróquias, outros não tinham vínculo algum. Muitos deles chegavam sem crer em Deus, perdidos, sem sentido para suas vidas, não tinham quem os escutasse, quem os auxiliasse a se encontrar, a ter uma perspectiva na sua existência, e vários deles conseguiam encontrar nos dias que passavam ali. Com isso,

demonstravam interesse em servir, de doar as suas vidas ao Cristo Ressuscitado, que ali encontraram, e que deu sentido às suas histórias de vida.

No inverno de 1969, encontravam-se, reunidos e representados na comunidade, quarenta e duas nações. O Irmão Roger propôs um Concílio de Jovens, o que na verdade eles já viviam, mas era necessário algo mais elaborado, estudado, não só pelos irmãos de Taizé, precisavam envolver os demais. Foi dado o primeiro passo. Lançaram perguntas para que pensassem e em um posterior encontro fossem discutidos quais caminhos seguir.

*“O que procuramos verdadeiramente? O que vai permitir que a Igreja, como um todo, saia dos limites de suas divisões? Qual a alegre nova que os jovens têm para anunciar ao povo de Deus, nesta época tão pessimista?” (BRICO, 1985, p. 29).*

E, aos poucos, o Concílio de Jovens foi tomando forma, reuniam-se nos locais onde viviam, viajavam para outros lugares do mundo para conhecerem a verdadeira vida daqueles que se encontravam em extrema pobreza, dos colocados à margem e também para se conhecerem e estreitarem laços, com pessoas que desejavam pôr em prática as bem-aventuranças, a alegria, simplicidade e compaixão. Depois desses apanhados, retornavam a Taizé para partilhas e tomadas de decisões. A finalidade não era reproduzir a proposta de Taizé nas demais partes do mundo, mas reunir grupos para a oração comunitária, agrupados, fortalecendo-se, encorajando-se e trazendo para a realidade de vida da igreja e da sociedade em que se encontravam inseridos, para lutarem juntos por uma vida melhor para todos.

Eram centenas de pessoas envolvidas. Criaram uma equipe internacional que sempre estava em contato e em comunhão, articulando-se para a realização do grande evento. Estavam reunidos não somente os jovens, havia entre eles idosos, adultos e crianças, todos maturando essa nova aventura interior sustentada pela oração, que iria proporcionar mudanças de vida para muitas pessoas. Foi anunciada a data para 1974, e tinha como tema:

Luta e contemplação para nos tornarmos homens de comunhão. E comentavam o tema: As pessoas que buscam comunhão com Deus e com os homens entram logo nesta tensão: luta e contemplação. Duas atitudes que aparentemente se opõem ou rivalizam, mas que, de fato, se implicam, uma dando origem à outra num contínuo intercâmbio. Luta em nós mesmos, para nos libertarmos das prisões interiores e da necessidade de aprisionar os outros... e luta ao lado do pobre para deixar que nosso olhar se transforme pouco a pouco, até vermos os homens e o universo com o olhar do próprio

Cristo. Essa insistência na luta e na contemplação não constituía nenhuma novidade para Taizé (BRICO, 1985, p. 33-34).

A essência de Taizé se encontrava tão viva quanto no início de tudo, quando o Irmão Roger corria o risco por acolher refugiados, mas não deixava de viver o que sempre os sustentou, a oração.

Nesse período de preparação do Concílio de Jovens, houve uma movimentação significativa na Igreja em todo o mundo, apoiados e motivados pela experiência transformadora vivida em Taizé. Ressoou com tamanha força que o Irmão Roger foi reconhecido pelo seu trabalho comunitário em prol da unidade dos cristãos. Não era esse o seu intuito. Sempre muito sereno e discreto, mas foi de grande significado para todos que se empenhavam em levar um pouco de luz, de esperança para quem não possuía coisa alguma.

Recebeu o Prêmio *Templeton*<sup>6</sup> na Inglaterra, concedido a pessoas doadas à religião, as quais “*ajudaram outros a crescerem no amor de Deus*”, e o *Prêmio da Paz*<sup>7</sup> na Alemanha, porque “*com seus irmãos, vindos de todas as denominações, criou um exemplo vivo de ecumenismo*”, *propondo a todos os jovens sem distinção*, “*um caminho que lhes permite sair de uma existência aparentemente sem esperança e antever um sentido para suas vidas*”. (BRICO, 1985, p. 34-35).

No seu discurso, em Frankfurt, proferiu,

---

<sup>6</sup> Prêmio Templeton, na Inglaterra em 1974. Considerado o Nobel da Paz, é uma condecoração concedida anualmente, desde 1972 na Inglaterra, a pessoas em vida, que deram contribuição excepcional na dimensão da vida espiritual, favorecendo o crescimento no conhecimento de Deus. Estão incluídos também, filósofos, cientistas, teólogos e representantes de diferentes tradições religiosas, não há restrições podem ser acadêmicos, formadores de opinião ou não pertencer a nenhuma tradição religiosa. Receberam esse prêmio, em 1973 Madre Teresa de Calcutá, fundadora das Missionárias da Caridade, na Índia; em 1974, Irmão Roger Schutz, fundador da Comunidade de Taizé, na França; em 1976, Cardeal Leon Joseph Suenens, pioneiro da Renovação Carismática Católica, na Bélgica; em 1977, Chiara Lubich, fundadora movimento Folcolares; em 2012, Tenzin Gyatso (atual Dalai-lama), líder espiritual budista; em 2013, Rev. Desmond Tutu, arcebispo anglicano, ativista dos direitos sociais; em 2019, Marcelo Gleiser, físico teórico e astrônomo, Brasil. (PORTAL REDENÇÃO IGREJA. **Prêmio Templeton – conheça a premiação que é o “Nobel da Espiritualidade”**. 14 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://redencao.co/premio-templeton-premiacao-nobel-da-espiritualidade/>. Acesso em: 22 jun. 2022).

<sup>7</sup> Prêmio da Paz, do Comércio Livreiro Alemão, em Frankfurt, em 1974. É concedido anualmente, em reconhecimento pela contribuição na literatura, ciência e arte, com o objetivo de paz. Receberam esse prêmio, em 1962, Paul Tillich, destacado teólogo do século XX; em 1974, Irmão Roger de Taizé; em 1987, Hans Jonas, filósofo alemão de origem judia; em 1996, Mario Vargas Llosa, romancista da América Latina, Peru; em 2017, Margaret Atwood, escritora do Canadá; em 2019, Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro. (SAPIENTIA PT. **Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão**. Disponível em: <https://sapientiapt.com/premio-da-paz-do-comercio-livreiro-alemo>. Acesso em: 20 maio 2022).

Atualmente posso ouvir cada dia jovens das mais diversas mentalidades. Procurando compreendê-los em tudo, descubro que, através de uma grande pluralidade de expressões, existe neles uma ardente busca de comunicação. Para o cristão, essa comunicação tem o nome de comunhão. Os jovens de hoje desejam essa comunicação com o maior número possível de mentalidades e raças. Muitos deles compreenderam que a comunhão nas misérias do mundo é também participação na luta contra a miséria (BRICO, 1985, p. 35).

A abertura do Concílio de Jovens, de 30 de agosto a 1º de setembro de 1974, foi como que *“Acender um fogo sobre a terra”, teor da “Carta ao povo de Deus”*<sup>8</sup>. Encontravam-se na colina quarenta mil jovens de quase todos os países do mundo. E foram três intensos dias de orações, reflexões, trocas de experiências, de culturas e dificuldades diferentes, mas todos com um pensamento e desejo comum de anunciar o Cristo para que reacendesse a esperança e confiança no amor.

Aconteceu no México, em Guadalajara, em dezembro de 1974, o primeiro Concílio de Jovens; em 1975, ocorreram na Argentina e, no Brasil, em Vitória. E daí foram percorrendo o mundo, atuando sempre em lugares de elevada pobreza, com problemas de grande complexidade. Enchiam as catedrais das grandes cidades ao ponto de não caber tantas pessoas. O Irmão Roger acreditava no potencial transformador dos jovens, confiava que as próximas gerações fariam a diferença, porque, quando se doam, é tudo ou nada, se doam por completo à causa que defendem.

As fraternidades foram se espalhando pelo mundo, os Concílios de Jovens acontecendo, participações dos irmãos em reuniões de grande importância, assim como em 1975, a 5ª Assembleia do Conselho Ecumênico das Igrejas, no Quênia. Encontros que sempre reuniam centenas de pessoas, jornalistas, autoridades eclesiais tanto católicas, como protestantes, ortodoxas e anglicanas.

E a pequena aldeia também não parava de receber peregrinos, as experiências lá vividas são densas, vive-se intensos momentos de silêncio, as orações os levam a passar horas na Igreja da Reconciliação. Com os trabalhos voluntários, relacionam-se pessoas de todos os continentes, com uma diversidade enorme de línguas, culturas, concepções de vida, costumes e paira no ar um espírito de

---

<sup>8</sup> Carta ao Povo de Deus: Cartas escritas após experiência nas Fraternidades, geralmente lidas nas Peregrinações de Confiança (Concílio de Jovens) como uma proposta de reflexão durante o ano. Conforme relata o Irmão Alois na Carta de Calcutá (2007, documento não paginado), as cartas eram um meio através do qual se transmitia a confiança e a esperança para as pessoas no Cristo Ressuscitado.

comunhão de acolhimento sincero, de compreensão pelas limitações uns dos outros, momentos de grande riqueza, de crescimento tanto pessoal quanto espiritual.

Grandes e sinceras amizades foram acontecendo. Em agosto de 1975, Madre Teresa de Calcutá, foi a Taizé. Desse encontro entre o Irmão Roger e Madre Teresa, surge, em 16 de agosto de 1976, a seguinte oração:

Ó Deus, Pai de cada pessoa, pede a todos que levem amor onde estão os pobres, alegria onde a igreja é derrubada, a reconciliação onde os homens são divididos, o pai do filho, a mãe da filha, o marido da mulher, o crente daquele que não pode acreditar, o cristão do irmão que não é amado. Tu abres-nos este caminho para que o corpo encerrado de Jesus Cristo, tua Igreja, seja fermento de comunhão para os pobres da terra e para toda a família humana (CHIRON, 2009, p. 318).<sup>9</sup>

O Irmão Roger, juntamente com outros irmãos, com a equipe internacional e alguns jovens que percorriam o mundo, abrigavam-se nas fraternidades já existentes, envolvidas no cotidiano local, de muita miséria, doenças, abandono, asilos, prostituição, desemprego e violência. Os ambientes em que se alojavam geralmente eram cheios de lixo, esgotos a céu aberto, sem água nem luz, casas abandonadas, em estado precário. Trabalhavam no que fosse possível para se manterem e era um dos meios pelo qual iam conhecendo e se envolvendo com as famílias, como também as orações, nas quais, aos poucos, muitos participavam e se tornava um espaço de partilha.

Não eram compartilhados apenas os escassos alimentos, mas principalmente a Palavra, havia pessoas que os escutavam, vozes de clamor por decência, completamente abandonados à insignificância. As fraternidades ainda hoje se instalam em ambientes de grande discriminação social. Ao conviver com essas realidades, o Irmão Roger escrevia suas cartas para serem lidas nos encontros, levando a reflexão e a proposta de *“Viver o Inesperado”, a possibilidade de viver concretamente a partilha, transformando o modo de viver, com sentido real, com doação plena.*

O encontro de Madri, em março de 1977, apresentou uma nova proposta de execução que se expandiu para os demais. Foi preparado pelas paróquias que

---

<sup>9</sup> *“O Dio, padre di ogni persona, tu chiedi a tutti di portare l’amore dove i poveri sono umiliati, la gioia dove la Chiesa è abbattuta, la riconciliazione dove gli uomini sono divisi, il padre dal figlio, la madre dalla figlia, il marito dalla moglie, il credente da colui che non può credere, il cristiano dal fratello cristiano non amato. Tu ci apri questo cammino perché il corpo lacerato di Gesù Cristo, la tua Chiesa, sai fermento di comunione per i poveri della terra e in tutta la famiglia umana”.* (CHIRON, 2009, p. 318)

cuidaram da recepção, acomodação e alimentação para todos os participantes. Desejavam transformar a dinâmica das paróquias em um trabalho que envolvesse as dificuldades dos bairros em que se encontravam instaladas: um trabalho de partilha, do engajamento nas atividades, viver o perdão, o diálogo para que não houvesse concorrência, que se tornassem uma família em comunhão. As paróquias se transformavam em ambientes de reconciliação e de partilha, nas orações se encontravam pessoas humildes da vizinhança, como pessoas de diversas partes da cidade.

A reconciliação só acontece quando existe a disposição de compreender um ao outro, acolhendo o que há de melhor em cada realidade devocional, não há como impor ou excluir algo sobre os demais, faz-se necessário o respeito mútuo, não é uma destruição das suas identidades confessionais, mas sim uma complementação, proporcionando crescimento para as partes envolvidas. Caminhando para o propósito maior que Cristo nos deixou como ensinamento, como desígnio (BRICO, 1985, p. 51).

Os encontros em Taizé proporcionam uma experiência singular. Quando na Igreja da Reconciliação, completamente lotada, rezam uma só oração, um só canto, em diversas línguas, os longos períodos de silêncio, de contemplação, permitem-nos viver a experiência da universalidade da Palavra de Cristo. O silêncio se torna uma descoberta, algo não muito fácil de integrarmos nas nossas vidas, porque é um momento consigo mesmo e também com Deus.

Frequentemente fugimos dessa vivência, mas, partilha Mildrède,

[...] no silêncio a pessoa é ela mesma. Infelizmente, a maioria das pessoas jamais acha tempo de ficar em silêncio. Nem eu, antigamente. Nem sabia o que era. Desde que venho a Taizé, o silêncio se tornou uma parte essencial da minha vida ... o silêncio não é mais um tempo morto ou uma reflexão sobre si próprio. É antes de tudo, permanecer na presença de Deus (BRICO, 1985. p. 66).

*A oração é um dos pontos mais marcantes para quem vai até a colina, “tem prioridade absoluta [...] para a comunidade, a oração é o centro de sua existência”, partilha Moiz (BRICO, 1985, p. 67). A oração é cume do encontro com Cristo, consigo e com o próximo. A vivência junto com os irmãos faz compreender a importância e consegue mergulhar com todo o seu ser, gerando um sentido para viver aquele momento, como se não tivesse mais fim, ao ponto de passarem noites inteiras na*

igreja, em oração, situação não vista em suas paróquias, onde diversos deles nem chegam a conhecê-las (BRICO, 1985, p. 66-67).

Aqui, sempre se diz aos jovens que não devem se preocupar. Quando nos abandonamos inteiramente, para dar espaço dentro de nós para o Espírito de Deus, quando depositamos Nele toda nossa confiança, Ele entra em nós, apesar de todas as nossas hesitações, dúvidas e erros. Para a maioria dos jovens, o silêncio é uma das mais fortes experiências que fazem aqui.... A contemplação me ensinou a aceitar a minha dependência para com Deus como uma relação de confiança que torna a pessoa capaz de se abandonar completamente a Deus (BRICO, 1985, p. 72-73).

Partilhas de Moiz, indiano, e Mildrède, francesa, ambos viveram experiências transformadoras na comunidade da colina de Borgonha. Passaram anos de suas vidas dedicados à comunidade, como voluntários, preparando o Concílio de Jovens pelo mundo, fazendo parte das equipes intercontinentais (BRICO, 1985, p. 65).

A Liturgia é uma das mais fortes particularidades da Comunidade, organizada de um modo singular, estendeu-se pelo mundo, tendo sua essência preservada, mas sempre procurando se adequar às realidades culturais por onde as Fraternidades se encontram, onde os Encontros com a Juventude acontecem no meio de convivência no qual os jovens se encontram nas suas paróquias, cidades e demais circunstâncias que advêm.

De manhã, ao meio-dia e à noite: as pessoas se reúnem para orar em Taizé, para celebrar em comunhão com toda a Igreja, a morte e a ressurreição do Filho de Deus. Especialmente na sexta-feira, o dia da morte de Jesus; no sábado, o sabá que Ele passou no túmulo e no domingo, ou melhor, no sábado à noite, à hora da ressurreição. A vida é também ritmada pelo ciclo da Quaresma, do Advento e do tempo Pascal. Além disso, a liturgia celebra em Taizé a comunhão dos santos, a Virgem Maria, Mãe de Jesus, João Batista, os apóstolos, os evangelistas, Estevão, o primeiro mártir. Em seus santos, a Igreja reverencia a fidelidade e a harmonia da fé e da vida, eles que foram portadores de Cristo para os que os cercavam e até os perseguidores. (BRICO, 1985, p. 75)

Proporcionando a todos a interação, o mergulho no espírito de unidade, mesmo que se falem línguas diferentes, há uma profunda comunhão com os que se encontram reunidos. Percebemos, cuidadosamente, traços dos ritos cristãos, protestantes e ortodoxos, todos em perfeita harmonia. De forma que todos que vivenciam, ficam marcados pela deleitável experiência.

Quase não é preciso mencionar o lugar ocupado pela Sagrada Escritura. A liturgia de Taizé é, essencialmente bíblica como mostra a estrutura da oração

cotidiana. Começa-se normalmente com um salmo cantado por todos. Em seguida vem uma leitura. De manhã, tirada do Antigo Testamento ou das Epístolas. À noite, do Evangelho. Em respeito à leitura, outro texto bíblico é cantado por um dos Irmãos e retomado em parte pela assembleia, e então a Igreja fica silenciosa. Esse silêncio dura muito tempo, cinco minutos. Às vezes mais. Assim cada um pode deixar que o texto ouvido penetre nele, encontrar sua vida e o mundo que o cerca. Pode falar com Deus, do fundo do coração, ou ainda esvaziar-se e permanecer desperto, sem palavras, abandonando-se. A cada intercessão todos respondem *Kyrie, eleison, "Senhor, tende piedade"; e, à maneira ortodoxa, o acorde final é sustentado, enquanto um Irmão canta o pedido seguinte. Na sequência, são lidas as intenções particulares. Pela manhã, ora-se por um país, e à noite, há uma lista de nomes e intenções. Nesses últimos anos, a liturgia tornou-se de tal modo internacional, que a maioria das orações é lida ou cantada em vários idiomas. [...] O ofício termina com um hino ou com uma breve oração lida pelo prior. Ao meio-dia, no centro da liturgia, o prior diz uma oração, das que ele escreve diariamente. Pela manhã a oração comunitária é seguida pela distribuição da Eucaristia. Nas sextas-feiras, à noite, há uma oração ao redor da cruz. Nas noites de sábado é uma festa de luz: uma vela é acesa em sinal da ressurreição. E a chama passa de mão em mão, enchendo a Igreja com uma onda de luz; depois é proclamado o Evangelho da ressurreição. Na manhã de domingo há a celebração festiva da Eucaristia (BRICO, 1985, p. 75-76).*

Esse é o rito que se realiza na Igreja da Reconciliação, como também as Fraternidades espalhadas por todos os continentes se adequam à realidade em que se encontram inseridos, ocorrendo uma enculturação na liturgia, não fugindo à essência, mas a cultura, a língua, os costumes e os cantos são considerados e absorvidos, tornando a oração um momento bastante participativo no qual os presentes se sentem acolhidos e mais à vontade, vivendo o momento com o sentimento de pertença.

Na oração da noite do dia 16 de agosto de 2005, na Igreja da Reconciliação, mais de dois mil jovens reunidos, enquanto entoavam o canto "*Dai graças ao Senhor*", ouviram um grito de uma mulher. Alguns jovens imobilizavam uma pessoa no chão, os Irmãos se voltaram para o Irmão Roger, que se encontrava sentado junto a eles. Retiraram-no da Igreja e continuaram, com grande presença de espírito, cantando "*Louvem ao Senhor, todos os povos*", para evitar que desencadeasse um desmedido tumulto, diante de tamanho ato ofensivo. Depois de algum tempo, a oração foi interrompida, e foi anunciando a morte do Irmão Roger, aos 90 anos de idade (FELDMANN, 2012, p. 61-63).

Uma romena de 36 anos, que se tratava de esquizofrenia, aproximou-se como se fosse pedir a bênção e atacou o prior, em plena oração na Igreja, com duas apunhaladas no pescoço, queria avisá-lo de uma conspiração dos maçons. Com esse

surto, tirou-lhe a vida. Momento de profunda dor para a Comunidade, poucas pessoas que se encontravam na Igreja naquela noite perceberam o acontecido, devido tamanha discrição dos irmãos, ao conduzirem situação tão inesperada. Após prestarem a devida assistência, e tendo visto que não havia outra alternativa, comunicaram a todos os presentes na Igreja da Reconciliação o assassinato do Irmão Roger. Uma testemunha disse que, *ao receberem a terrível notícia*, “os irmãos sentam-se como rochas na tempestade. Calmos, reunidos. Nunca antes eu presenciei uma fé tão forte” (FELDMANN, 2012, p. 62).

O corpo do prior fora colocado em uma urna simples de madeira, junto ao altar da Igreja da Reconciliação. Foi sepultado uma semana após, na Igreja Românica, onde tudo começara com os primeiros irmãos. A missa foi presidida pelo Cardeal da Cúria Católica, Walter Kasper, e estavam presentes um bispo romeno ortodoxo, arcebispo do Patriarcado de Moscou, representantes da Igreja Reformada Francesa, da Igreja Evangélica Cristã, da Igreja Anglicana da Inglaterra, o presidente do Conselho da Igreja Evangélica Alemã (FELDMANN, 2012, p. 63).

O Irmão Alois, novo prior da Comunidade, já bem antes escolhido pelo Irmão Roger, falou a todos os presentes que a Comunidade continuaria preservando,

[...] confiança e bondade de coração, não é uma palavra vazia, mas uma força capaz de transformar o mundo, porque Deus opera através dela. Diante do mal, a bondade de coração é uma realidade vulnerável. Mas o sacrifício da vida do Irmão Roger é um penhor de que a paz de Deus terá a última palavra para cada homem e mulher na terra. (FELDMANN, 2012, p. 62-63).

Ainda em seu discurso, o Irmão Alois fez a seguinte prece pela autora do atentado: “*que, num ato doentio, pôs fim à vida do nosso Irmão Roger. Com Cristo na cruz, dizemos-te: Pai, perdoa-lhe, ela não sabia o que fazia*” (FELDMANN, 2012, p. 63). Ressaltamos com essa atitude do novo prior uma perfeita consonância com tudo o que o Irmão Roger refletiu, viveu, ensinou e escreveu. Com seu jeito pacífico de ser, fez resplandecer a paz nos corações, não gostaria que houvesse revolta ou qualquer outro tipo de reação hostil. Essa seria a vontade e o procedimento do Irmão Roger, indubitavelmente.

Ao longo da vida, o Irmão Roger, com seu carisma, cultivou grandes amizades, dentre outras mencionamos, D. Helder Câmara e Madre Teresa de Calcutá. O primeiro, ao qual o Irmão Roger chamou de “*rara amizade*”<sup>10</sup> (CHIRON, 2009, p.

<sup>10</sup> “*Amicizia rara*” (CHIRON, 2009, p. 202).

202), durante o Vaticano II, conheceram-se e identificaram-se distintamente. Os pensamentos, anseios e desejos de luta, de assistência em relação aos pobres, aos sem vez e sem voz, à pobreza do povo latino, do terceiro mundo, eram densamente comuns entre eles. O Irmão Roger, o “*monge protestante*”<sup>11</sup> (reformado) (CHIRON, 2009, p. 202), como D. Helder o chamava, no qual percebeu que poucos exalavam o grau de santidade como ele, tinha comportamento muito tímido, mas era simpático, doce e sereno, enquanto o Dom era franzino e pequenino, extremamente comunicativo, de forma surpreendente, com gestos e palavras.

Recebeu do bispo brasileiro a cruz peitoral, usada pelos bispos, que passou a usá-la junto com o hábito branco característico dos Irmãos de Taizé. D. Helder se encantou com a proposta de vida da Comunidade, do modo como acreditam na presença real de Jesus Cristo, celebrando a Santa Missa (a ceia), comungam, confessam e recebem a absolvição individual, em todas as Fraternidades espalhadas pelo mundo. Em suas casas há o Tabernáculo com a reserva eucarística e as orações que são realizadas três vezes ao dia – o Ofício de Taizé (CHIRON, 2009, p. 201). Esses atributos cativaram D. Helder, o Irmão Roger o atendeu com devido respeito às suas orientações diante do convite recebido de virem para o Brasil.

Em agosto de 1976, Madre Teresa foi a Taizé. Em outubro, o Irmão Roger foi para Calcutá, participando da vida das casas de moribundos, doentes e orfanatos.

Madre Teresa teve uma grande influência sobre o prior de Taizé, que descobriu nela uma mulher de Deus de imensa compaixão, uma mulher de oração e contemplação e também uma espécie de irmã mais velha – ela era cinco anos mais velha que ele – que o imbuiu com autoridade, em certas escolhas<sup>12</sup> (Tradução nossa) (CHIRON, 2009, p. 318).

Nos orfanatos visitados, viram muitas crianças morrerem, havia uma menina de quatro meses, chamava-se Marie-Sonaly. Sua mãe faleceu logo após seu nascimento (CHIRON, 2009, p. 318), tinha a saúde bem delicada, ao ponto de possivelmente não suportar as dificuldades provindas do inverno. Madre Teresa insistiu com o Irmão Roger para que a levasse para Taizé, para que pudesse sobreviver. Ele confiante em Deus, aceitou, teria a sua irmã Genèvieve para ajudá-lo

---

<sup>11</sup> “*Monaco protestante*” (CHIRON, 2009, p. 202).

<sup>12</sup> “*Madre Teresa ebbe grande influenza sul priore di Taizé, che scoprì in lei una donna di Dio dalla compassione imensa, una donna di preghiera e di contemplazione e anche una sorta di sorella maggiore- lei aveva cinque anni più di lui- che lo impegnò, con autorevole persuasione, in determinate scelte*” (CHIRON, 2009, p. 318).

como fizera no início com os órfãos da guerra. Madre Teresa também contribuiu com outras peculiaridades de tamanha estima que se perpetuaram até os dias de hoje,

Certo dia madre Teresa providenciou um tabernáculo de madeira para a casa dos Irmãos. Outro gesto de Madre Teresa que teve consequências. Um dia ela mandou trazer um tabernáculo de madeira para a casa dos Irmãos. O Irmão Roger escreve: <ela queria que o Santíssimo Sacramento fosse encontrado em nossa pequena comunidade. Ela sabia que é uma fonte essencial para sustentar o dom de toda a vida.> A partir de então, os Irmãos adquiriram o hábito de guardar o Santíssimo Sacramento em todos os lugares onde se estabeleciam provisoriamente, mesmo no exterior. Sempre que o Irmão Roger estava em um país distante, ele tinha um canto de oração preparado ao redor do tabernáculo (Tradução nossa) (CHIRON, 2009, p. 319).<sup>13</sup>

A partir de então, em todas as fraternidades, nos locais reservados para as orações, existia um tabernáculo. O prior da comunidade habitualmente se vestia de modo comum, só usava a veste branca em algumas circunstâncias. Madre Teresa fez com que ele se comprometesse de estar sempre vestido com o hábito branco, pois “é um sinal necessário em nosso tempo”<sup>14</sup>, justificou ela. E assim o fez. Ela mesma quis costurar uma parte dessa veste. (Tradução nossa) (CHIRON, 2009, p. 319-320).

Como a veste, a cruz de Taizé, surge como um sinal de comunicação em meio ao mundo em *que vivemos*. “*Uma cruz estilizada que une a pomba do Espírito Santo com a Cruz de Cristo*”<sup>15</sup> (CHIRON, 2009, p. 320). Tornou-se uma referência, quando vista, remetia logo à Comunidade da colina. E esses símbolos exteriores, passaram a fazer parte da imagem do Irmão Roger por todas as partes do mundo, por onde andou levando como sinal interior a paz, a comunhão, a confiança e a esperança no Cristo Ressuscitado.

Os três, Dom Helder, Madre Teresa e o Irmão Roger eram de espiritualidade profunda, continuamente nutridos pela oração, exalavam o perfume de Deus por onde passavam. Exerceram papéis extraordinários que apreenderam como propósito para suas vidas. Transformaram a existência de muitos que a eles se confiaram.

---

<sup>13</sup> “*Um altro gesto di madre Teresa ebbe conseguenze. Un giorno fece portare un tabernacolo di legno nell’abitazione dei fratelli. Scrive frère Roger: <Voleva che il Santissimo si trovasse nella nostra piccola comunità. Sapeva che esso è una sorgente essenziale per sostenere il dono di tutta la vita.> Da allora i fratelli presero l’abitudine di tenere il Santissimo in tutti i luoghi dove si stabilivano provvisoriamente, anche all’estero. Ogni volta che frère Roger si trovava in un paese lontano, faceva preparare un angolo di preghiera raccolto intorno al tabernacolo*” (CHIRON, 2009, p. 319).

<sup>14</sup> “*è un segno necessario nel nostro tempo*” (CHIRON, 2009, p. 319).

<sup>15</sup> “*Una croce stilizzata che unisce la colomba dello Spirito Santo con la croce di Cristo*” (CHIRON, 2009, p. 320).

No período das sessões do Vaticano II, junto com os irmãos, aconteceram diversos encontros na casa em que se hospedavam, recebiam para as refeições, recheadas de conversas e trocas de experiências vividas pelas missões em meio ao mundo, como também para as orações. A presença dos Irmãos protestantes, durante as sessões, chamava a atenção de diversos participantes, suas colocações eram respeitadas e ouvidas.

O Secretariado para a Unidade reunia-se semanalmente com os observadores, os quais podiam dar sugestões e fazer objeções, estes apresentavam relatórios que eram encaminhados às comissões conciliares. Foram consultados com o interesse de saber com detalhes sobre a visão deles relacionada ao ecumenismo. Deram substancial contribuição para a elaboração dos documentos finais do Concílio, as novas instruções que seriam propagadas por toda a Igreja Católica Apostólica Romana.

Não só a Igreja, mas o mundo passou a apreciar a existência da Comunidade de Taizé através dos irmãos vestidos com hábitos brancos, pacíficos e discretos. Mas com um potencial enorme, que se manifestou como observadores durante as sessões. Isso causou um certo impacto neles, pois não só os bispos, como a imprensa se interessaram por essa proposta bastante inusitada. Foram diversos encontros, entrevistas e artigos. O reconhecimento e a estima eram muito gratificantes, mas existia o receio de não serem bem compreendidos.

Tinham as características dos monges católicos, mas não se denominavam como tal, era imprescindível o respeito pelos irmãos protestantes, não desejavam a ruptura com as bases familiares das quais provinham (CHIRON, 2009, p. 202), por isso eram tão fortes a fundamentação e a defesa pelo ecumenismo, pela unidade desejada por Cristo. Não fazia sentido romper com suas raízes familiares religiosas, mas sim conservá-las com a devida reverência e inteireza.

A princípio o projeto chamado "*Partilha o teu pão*"<sup>16</sup> (CHIRON, 2009, p. 205), depois chamado "*Operação Esperança*"<sup>17</sup> (CHIRON, 2009, p. 206), surgiu dos encontros com os bispos latino-americanos, D. Helder, D. Antônio Fragoso (Bispo auxiliar de São Luiz do Maranhão), D. Manuel Larraín (Bispo do Chile), dentre vários outros. Preocupados com as injustas distribuições de renda, para a grande maioria da

---

<sup>16</sup> "*Condividi il tuo pane*" (CHIRON, 2009, p. 205).

<sup>17</sup> "*Operazione Speranza*" (CHIRON, 2009, p. 206).

população, procuravam encontrar meios para acrescentarem os auxílios, que eram escassos.

Fizeram a proposta ao Prior da Comunidade da colina, que muito se sensibilizou, mas não quis aceitar por não achar coerente com o modo de agir, no aspecto financeiro junto aos Irmãos. Diante de tamanha insistência dos bispos, resolveu pedir ajuda às demais Igrejas envolvidas no ideal ecumênico, cristãos, protestantes e ortodoxos. Desse modo, alargava-se o olhar solidário para com o Terceiro Mundo, realidade bem distinta do Continente Europeu.

A renda foi dividida para projetos dos cristãos, protestantes e ortodoxos (CHIRON, 2009, p. 205). Fizeram uma edição ecumênica do Novo Testamento para os lugares mais longínquos da América Latina. Na primeira página de cada exemplar, pedia-se para quem recebesse, reunisse dez analfabetos para lerem juntos as sagradas escrituras. *“Anuncia-se uma primavera para a Igreja. Se aproxima a unidade visível. Surgirá como uma luz na noite”*<sup>18</sup> (CHIRON, 2009, p. 221). *“Desde o primeiro dia a plural assembleia se torna comunidade litúrgica. Entra-se inteiramente na liturgia de Taizé, de manhã, ao meio dia, e à noite. Obtêm-se uma forte impressão de verdade e autenticidade”*<sup>19</sup> (CHIRON, 2009, p. 221). Observou o teólogo Bruno Chenu, em sua estada no verão de 1965.

Em virtude da comemoração dos vinte e cinco anos da comunidade, o Prior escreve o livro *“A Dinâmica do Provisório”, em que impelia “um novo impulso”, “uma nova dimensão” em relação ao ecumenismo, convidava a abandonar “a estática de uma paz confessional”, compreendia que “o confessionalismo é uma atitude de autodefesa”. Sugeriu aos protestantes um “aggiornamento” (atualização) como os católicos estavam fazendo com o Vaticano II, “se a atualização for feita de ambos os lados, no final da jornada haverá um encontro. Harmonizará em sua complementaridade as correntes nascidas da Reforma e as da tradição católica”*.<sup>20</sup> (CHIRON, 2009, p. 222-223).

---

<sup>18</sup> *“Si annuncia una primavera dela Chiesa. Si avvicina l’unità visibile. Sorgerà come una luce nella notte.”* (CHIRON, 2009, p. 221).

<sup>19</sup> *“Fin dal primo giorno l’assemblea disparat diventa comunità litúrgica. Si entra interamente nella liturgia di Taizé, al mattino, a mezzogiorno e la sera. Se ne ricav una forte impressione di verità e di autenticità.”* (CHIRON, 2009, p. 221).

<sup>20</sup> *“Se le istituzioni degli uni e degli altri si riformerano, verrà il giorno in cui non potremo che riunirci. Se l’aggiornamento viene fatto da una parte e dall’altra, al termine del cammino ci sarà l’incontro. Esso armonizzerà nella loro complementarità le correnti nate dalla Riforma e quelle della tradizione cattolica.”* (CHIRON, 2009, p. 222-223).

Em meio a esses movimentos, o Irmão Roger externou um pensamento, o qual reverberou no meio ecumênico. Duas questões, uma em relação à *“autoridade, fator de unidade”*, envolvendo todos os cristãos, se pensam ser necessário uma pessoa que esteja à frente de cada Igreja e que suscite a unidade diante da apartação, porque não ser um único Pastor para todo o rebanho, quer seja ele protestante ou católico? A outra questão, relacionada a Eucaristia, para que todos os que creem na *presença real de Cristo Eucarístico, tivessem acesso. “O impulso ecumênico acabará se não chegar o dia em que aqueles que, separados confessionalmente, creiam na presença real de Cristo na Eucaristia poderão reunir-se em torno da mesma mesa”*.<sup>21</sup> (CHIRON, 2009, p. 223).

O Irmão Roger, com uma personalidade que transparecia serenidade, gentileza, capacidade de compreensão, desejo de diálogo e sempre disponível para escutar os jovens que ali chegavam sem ter sentido para suas vidas, sem saber para onde ir, mais em busca do encontro, do que com certezas, *foi chamado de: “um nômade que arma suas tendas sob todos os céus”*<sup>22</sup> (CHIRON, 2009, p. 313).

O Concílio dos Jovens, evento criado para que houvesse o encontro destes em todos os continentes, dos quais não tinham possibilidade alguma de irem a colina, devido circunstâncias diversas, inclusive político- religiosa. Dessa forma, avivavam a unidade, a maneira de rezarem juntos, de partilharem o Evangelho, de trazer a Boa Nova para a realidade em que se achavam pertencentes. Esse estilo de encontro entrou em um ritmo de visitas, não só dos Irmãos que estavam a preparar o evento como também de voluntários de todas as partes, comprometidos para que ocorresse do modo esperado.

Passavam temporadas, por diversas partes do mundo, sempre onde havia injustiça e desesperança, junto com as fraternidades espalhadas por todos os continentes. Conheciam e viviam a experiência do submundo, o qual o Irmão Roger descrevia com riqueza de detalhes em seus diários. Essas realidades foram cada vez mais ficando marcadas e vivas em sua vida e memória, e o desejo ardente de poder ajudar do modo que fosse possível. Levava a bandeira da confiança e da esperança

---

<sup>21</sup> *“La spinta ecumenica si esaurirà se non viene presto il giorno in cui quelli che, separati confessionalmente, credono nella presenza reale di Cristo nell’eucaristia si potranno riunire intorno alla stessa mensa.”* (CHIRON, 2009, p. 223).

<sup>22</sup> *“un nômade che pianta le sue tende sotto tutti i cieli”* (CHIRON, 2009, p. 313).

para esses lugares onde já não mais haviam esses sentimentos. Buscava encontrar a presença de Cristo, na vida, na face do povo sofrido.

Os Concílios dos Jovens foram se espalhando pelo mundo, reunindo milhares deles, vindos de todas as partes. Sempre era lida uma *Carta ao povo de Deus*, que havia sido preparada com as experiências vividas nas fraternidades junto aos abandonados, em ambientes de grande dificuldade de sobrevivência. Era uma profunda reflexão, lida para todos os presentes que levavam para suas vidas, suas paróquias, para o meio que viviam, incentivando uma atitude concreta de partilha de vida e de bens.

Sempre se encontravam reunidos, enviados do Papa, bispos, cardeais e membros das Igrejas ortodoxas Alemã, Luterana e Anglicana. O que favorecia um espírito de unidade entres os cristãos, momentos de proximidade, de vínculos mais estreitos, abrindo caminhos que não existiam há séculos. Em 1º de fevereiro de 1977, em Zurique/Suíça, durante um encontro para oração com os jovens, o Prior leu um texto sobre a reconciliação dos cristãos, escrito por Madre Teresa durante sua estada em Calcutá. Ela projeta um novo olhar sobre o Ecumenismo:

Agradecemos a Cristo Jesus, que a Igreja Católica é a Igreja da Eucaristia, *fundada por suas palavras: Este é o meu corpo, este é o meu sangue*, para nos fazer viver em sua presença adoradora. Agradecemos-vos que as Igrejas Protestantes são as Igrejas da Palavra, que nos recordam constantemente a força do Vosso Evangelho. Agradecemos que as Igrejas Ortodoxas, tantas vezes em sua história, sejam levadas por fidelidade ao extremo do amor.<sup>23</sup> [...] não se trata mais de um ecumenismo de convergência ou de um ecumenismo de mínimo comum, mas de um ecumenismo de complementaridade, em que cada Igreja traz o melhor de si e acolhe o melhor do outro. Para evitar “entregar-se a si mesmo”, acolher os dons específicos do outro é a condição da reconciliação. A continuação da história do ecumenismo não confirmou esta aspiração do Irmão Roger [...] O prior convidava a uma reconciliação interior e espiritual, paralela à pública e social<sup>24</sup> (CHIRON, 2009, p. 324-325).

---

<sup>23</sup> “Ti ringraziamo, o Cristo Gesù, che la Chiesa cattolica sia la Chiesa dell’eucaristia, fondata sulle tue parole: “Questo è il mio corpo, questo è il mio sangue”, per farci vivere della tua adorabile presenza”. “Ti ringraziamo che le Chiese protestanti siano le Chiese della Parola, che ricordano costantemente la forza del tuo Vangelo”. “Ti ringraziamo, che le Chiese ortodosse, così spesso nella loro storia, siano condotte per fedeltà a spingersi fino all’estremo dell’amore”. (CHIRON, 2009, p. 324-325)

<sup>24</sup> “Non si tratta più di un ecumenismo di convergenza o di ecumenismo del minimo comune, ma di un ecumenismo de complementarità, nel quale ogni Chiesa porta <il meglio> di se stessa e accoglie <il meglio dell’altra>. Per evitare il <ripiegamento su se stessi>, l’accoglienza dei doni specifici dell’altro è la condizione della riconciliazione. Il seguito della storia dell’ecumenismo non ha confermato questa

A proposta singular de Taizé encantou a muitos, tornando oportuno o surgimento de outras comunidades com o desejo de restaurar a Igreja. Por volta dos anos 70 surge, na Igreja Protestante Americana, o Pentecostalismo, que dá proeminência ao Espírito Santo e seus dons. O Irmão Roger foi convidado a participar de um encontro e, *na sua fala, ressaltou mais uma vez a necessidade de um “Pastor Universal” e da unidade da Igreja.* A Comunidade da Borgonha recusou ao impulso de criar uma nova Igreja, caso tivesse acontecido o desejo de reconciliação, não seria verdadeiro, iriam decorrer a mesma situação ocorrida no passado, que dividiu o Corpo de Cristo, cujas consequências se repercutem até os dias de hoje (CHIRON, 2009, p. 325).

### 3.2 A FRATERNIDADE NO BRASIL: CAMINHADA HISTÓRICA E ECLESIAL

Desde a década de 1950, já havia fraternidades se espalhando pelo mundo, sempre achegadas dos necessitados, dos mais pobres. O abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, D. Basílio Penido OSB, fez uma visita aos irmãos de Taizé. Da forma gentil e aberta como se apresentou, conduziu os irmãos a se instalarem no Brasil e não no Chile, onde também havia propostas de acolhida.

Chegaram a Olinda em 1967. Vieram os irmãos Michel, Bruno e Orlando<sup>25</sup>, que permaneceu pouco tempo. Foi um período de adequação em várias dimensões, um novo país com costumes bem diferentes dos europeus, ainda estavam vivendo reflexos do Concílio, muitas mudanças também estavam por vir. Ainda rezavam em latim. Naquele período, foi concedida a permissão para a tradução da Liturgia para a língua vernácula. Com o passar dos anos e a convivência com comunidades, pastorais, religiosos, construíram, com o irmão Michel, o Ofício Divino das Comunidades (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS, 2017, p. 14).

O Vaticano II foi um evento que muito aflorou nos bispos de diversos continentes, especialmente na América-Latina, África e Ásia, sentimentos de mudança de atitudes em relação à condição de se tornarem uma Igreja com o olhar voltado para o pobre. Mais de quarenta bispos conciliares realizaram no dia 16 de novembro de

---

*aspirazione di frère Roger. [...] Il priore invitava a una riconciliazione interiore e spirituale, parallelamente a quella pubblica e sociale”* (CHIRON, 2009, p. 325).

<sup>25</sup> Os irmãos Michel e Orlando já faleceram, o irmão Bruno, com 82 anos, continua em Alagoinhas.

1965, pouco antes de encerrar o Concílio, nas Catacumbas de Santa Domitila<sup>26</sup>, de maneira bastante discreta, a Eucaristia, através da qual firmaram um documento que ficou conhecido como o *Pacto das Catacumbas*<sup>27</sup>, assinaram se comprometendo com suas vidas e missão, um caminho de conversão e compromisso pessoal voltado para as dificuldades e desesperanças do pobre. Em pouco tempo, mais de quinhentos bispos aderiram a proposta.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, referente à reforma Litúrgica, que logo entrou em vigor, favoreceu a participação de todos ao culto e as celebrações. Os ritos passaram a ser na língua pátria, possibilitando a compreensão e a participação de todos os fiéis, foi algo que aconteceu gradativamente, mas de forma muito intensa.

Para isso, precisava que a Igreja se renovasse, tendo como arquétipo o Evangelho de Cristo Jesus. O cardeal arcebispo de Bolonha, Itália, Giacomo Lercano, ainda durante o Concílio fez uma corajosa intercessão e disse:

O Concílio necessitava de um princípio unificador e vivificador, e que esse *devia consistir no reconhecimento de que “esta era a hora dos pobres, dos milhões de pobres que se encontram por toda a face da terra, esta é a hora do mistério da Igreja, mãe dos pobres, esta é a hora do Cristo, sobretudo no pobre”. Pedia que a problemática da pobreza fosse assumida como tema central e hegemônico do Concílio. Que não fosse um entre os muitos temas já enunciados, mas sim “o único tema de todo o Vaticano II (BEOZZO, 2015, p. 12).*

Essa era a Igreja que batia forte no coração de Joao XXIII. O cardeal Lercano foi aplaudido após seu discurso, mas pouco se concretizou nos documentos conciliares, sequer na realidade.

Durante todo o período das sessões, diversos encontros aconteceram entre os participantes, os que tinham pensamentos semelhantes foram se aproximando e construindo um grande sonho, que não mediram forças para defendê-lo.

---

<sup>26</sup> Catacumbas de Santa Domitila – Espaço doado aos cristãos pela neta do Imperador Vespasiano, Flávia Domitila, entre o final do II e início do III século. Possui mais de 17 km de galerias em quatro andares, das maiores encontradas em Roma, chegando a abrigar uma Basílica subterrânea, dedicada aos mártires Nereu e Aquileu. Onde foi realizada a Eucaristia e assinado o Pacto das Catacumbas (BEOZZO, 2015, p. 25).

<sup>27</sup> Documento efetivado entre os Bispos Conciliares, de um grupo formado desde a 1ª sessão do Concílio, *que defendiam a Igreja servidora e pobre, a “Igreja dos Pobres” (BEOZZO, 2015, p. 25).* Foram inspirados pelo padre Paul Gauthier e a religiosa carmelita Marie-Thérèse Lescase, ambos foram morar em Nazaré, servindo como operários. O espírito de compaixão em defesa dos mais pobres, conquistaram Dom Helder Câmara, Dom José Maria Pires, Dom Antônio Fragoso, Dom João Batista Motta e Albuquerque, estes brasileiros e outros dos demais continentes (BEOZZO, 2015, p. 27).

Desenvolveram propostas bastante objetivas para que fossem postas em prática em seus espaços de atuação, onde um novo mundo, um novo reino surgiria, em inteira conformidade com o Evangelho. Dentre os treze compromissos do *Pacto das Catacumbas*, o oitavo ponto declara com muita clareza e veemência,

Daremos tudo o que for necessário do nosso tempo, reflexão, coração, meios etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários, compartilhando a vida operária e o trabalho (cf. Lc 4, 18 s; Mc 6,4; Mt 11, 4 s; At 18, 3 s; 20,33-35; 1 Cor 4,12 e 9,1-27) (BEOZZO, 2015, p. 38).

Base para o texto bíblico:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano da graça do Senhor (Lc 4,18-19) (BEOZZO, 2015, p. 38).

Base para o texto conciliar:

*Cristo foi enviado pelo Pai para 'evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração' (Lc 4,18), 'procurar e salvar o que tinha perecido' (Lc 19,10): semelhante a Igreja cercada de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e neles procura servir a Cristo (LG, 8.22) (BEOZZO, 2015, p. 41).*

A realidade foi deveras difícil de ser colocada em exercício. Os compromissos descritos no Pacto, os que se prontificaram a cumpri-los, foram mal interpretados, foram perseguidos, a prática foi arduamente complexa de viver.

A Comunidade de Taizé chega ao Brasil com o frescor do Vaticano II, documentos a serem postos em prática, os quais fizeram parte de sua construção, por experiência de vida e essência constitutiva da Comunidade desde suas origens. Era uma nova proposta de ser Igreja, a nível mundial. Chegaram aqui com esse intento, com certa experiência porque fora o que sempre viveram. Conseguiram favorecer muitas paróquias e dioceses por onde passaram e deixaram sua marca. Inúmeros jovens e adultos transformaram suas vidas, encontraram outra razão e sentido para suas existências. Doaram-se plenamente à causa que foi despertada em seus corações.

Os Irmãos, ao se instalarem, aos poucos vão se encaixando em um processo de aculturação, visitaram paróquias católicas, igrejas evangélicas, comunidades religiosas, comunidades de bases, para se aperceberem dos costumes vividos e, assim, ajustaram-se a essa nova realidade. Sempre com o respeito ao qual viviam e fazia com que isso fosse absorvido pelos que a eles se achegavam. Esse foi o caminho encontrado, no qual gradativamente foram conseguindo ajustar a oração comunitária particular de Taizé aos cantos corriqueiros do povo simples.

O jeito de se celebrar, de encontrarem nesse espaço um lugar de diálogo, de escuta, que na maioria delas eram comuns a todos, desemprego, falta de moradia digna, envolvimento com drogas, prostituição, fome, desabrigados, injustiça, violência, *falta de amparo na saúde e de educação. A chamada “Fraternidade da Reconciliação”* (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS 2015, p. 14), foi uma equipe ecumênica, que atuou por volta de seis anos ajudando aos presos políticos, era período da Ditadura Militar aqui no nosso país.

Os militares tentaram silenciar Dom Helder, mas as amizades que haviam construído, sólidas e fortalecidas pelo mesmo ideal, não deixaram morrer o espírito de luta, de coragem para seguir em busca do bem-comum. Entre eles, Pe. Marcelo Barros, Pe. Oscar Beozzo, Pe. Jocy Rodrigues, Pe. Geraldo Leite, Pe. Reginaldo Veloso, que estreitaram laços de amizade logo que chegaram ao Recife, deram enorme contribuição para o enquadramento da realidade vinda da Europa para a nova proposta no Brasil.

O irmão Marista Antônio Ramalho, que alguns anos antes da chegada dos *Irmãos de Taizé ao Brasil, havia lido “Viver o momento de Deus”, escrito pelo Irmão Roger, leitura que marcou seu modo de ver a Igreja, pois quão grande era sua abertura de coração, transpondo barreiras afetivas, históricas e teológicas. Assim ele descreve:*

Para mim, desde os primeiros encontros, o que sempre me encantou foi a qualidade das relações humanas, buscando o positivo nas diferenças, inclusive religiosas. Isso, aliado a uma vida religiosa despojada e a uma grande capacidade de acolhida. Fui descobrindo a motivação profunda: ter o Evangelho permanentemente como luz, não só na mente, mas no coração, acompanhado por um entranhado amor à Igreja. Compreendi também que aí radicava uma sensibilidade ao mesmo tempo comprometida e compassiva para com a realidade social, levando à solidariedade com os pequenos e os mais pobres. Vivíamos naquele período os primeiros anos da ditadura militar... O modo como os irmãos de Taizé procuravam viver a espiritualidade de forma integrada, iluminando desde dentro a busca da justiça e escutando os gritos de todo homem vítima do homem, fez-me um bem imenso. Evitou-me a dicotomia e a opção por um aspecto contra o outro. *“Luta e*

Contemplação para tornar-se *um homem de comunhão*”, expressão nascida em Taizé, na Páscoa de 1971, resume bem o sentido de uma esperança militante, vivida na confiança da fé (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS, 2015, p. 17-18).

Em 1970, ocorre a mudança de Olinda para Vitória, Espírito Santo. O então bispo, era Dom Luiz Gonzaga Fernandes<sup>28</sup>, que os conduziu ao Espírito Santo, era bispo auxiliar de Dom João Batista da Mota e Albuquerque. Logo que chegaram, acomodaram-se em Campo Grande, município de Cariacica, que fazia parte da Grande Vitória, em condições bem precárias, um barraco de madeira. Depois que se mudaram para Vitória, no bairro Santo Antônio, numa casa com melhores condições para acolher aos que se achegavam para as orações, encontros, partilhas, preparação dos eventos na arquidiocese, que aos poucos foram se envolvendo, como também promovendo a Peregrinação de Confiança (antes chamado Concílio de Jovens), que ultrapassou os limites do Brasil, espalhou-se pela América Latina.

Outras pessoas também deram o suporte necessário para o desenvolvimento do trabalho dos irmãos, Leonardo Boff, Antônio Moser, Carlos Mesters, Cláudio Vereza, Conceição Venerando (Bizinha). Testemunho de Carlos Vereza, diante do tempo de convivência com os irmãos de Taizé:

A presença dos Irmãos de Taizé, aqui no Espírito Santo e, especialmente na Arquidiocese de Vitória, deixou uma marca indelével em nossas vidas! Eles chegaram de Olinda-PE, onde tinham organizado a Casa da Juventude, junto com Pe. Marcelo Barros e com apoio de Dom Helder Câmara, a convite do saudoso Dom Luís Gonzaga Fernandes, Bispo Auxiliar de Dom João Batista da Mota e Albuquerque, no início da década de 70. Outra dimensão forte que vivenciamos foi a ecumênica. Em sendo a Comunidade de Taizé uma experiência eminentemente ecumênica, esta dimensão nos construiu enquanto vivenciadores de fé encarnada, em comunhão com outras denominações cristãs. Outro aspecto de grande relevância para a vida crescente das CEBs, aqui, foi a dimensão litúrgica: desde os cantos trazidos do Nordeste, muito engajados na cultura e na realidade brasileira e sua disseminação pelo Espírito Santo afora (ajudei nisto, como animador e violero nas CEBs), até uma liturgia menos romana, formal, passando pela meditação espiritual, a dimensão eucarística encarnada na vida, a oração com base no Ofício Divino, etc. (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS, 2015, p. 20-21).<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> D. Luiz Gonzaga Fernandes, nordestino, nascido no distrito de Vitória de Santo Antônio, município de Pau dos Ferros, RN. Foi bispo de Campina Grande, PB, tinha um forte espírito ecumênico, não só no aspecto formal, mas de afetividade com as demais Igrejas, buscando encontrar nelas, por meio de um diálogo contínuo, caminhos, para que junto aos outros, seguissem para o bem, a verdade e a justiça. (DIREITOS HUMANOS NA INTERNET. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/do\\_m\\_luiz/perfil.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/do_m_luiz/perfil.htm). Acesso em: 20 maio 2022).

<sup>29</sup> A sigla CEBs mencionada na citação é a abreviatura do nome: Comunidades Eclesiais de Base.

Foram por volta de 10 anos em Vitória. Naquele período, encontravam-se de modo *'permanente'*, no Brasil os Irmãos Michel, Bruno, Tiago, Alberto, Pascoal e diversos outros irmãos e voluntários que passaram um período determinado por aqui. Na ocasião, ajudaram nos trabalhos que se encontravam envolvidos e proporcionaram uma mudança de vida e de concepção da realidade que se encontravam, formando jovens mais conscientes em relação às questões sociais, incentivando-os a participar ativamente, mais empenhados.

O trabalho não se reduzia apenas à paróquia ou à diocese em que estavam instalados, mas continuamente foram se estendendo, especialmente com a Peregrinação de Confiança. Paraíba, Minas Gerais, São Paulo, Argentina, realizaram encontros, envolvendo muitas pessoas durante meses de preparação. Precisavam conhecer a diocese na qual iria acontecer o evento, envolver toda a comunidade para a hospedagem, acolhimento e o próprio desenrolar da programação. Dessa forma, gerava prazer em servir, conheciam mais pessoas, o espírito de comunhão só crescia.

Na estada em Vitória, o Irmão Bruno foi ordenado diácono. E pelo bispo Dom João Batista da Mota e Albuquerque foi ordenado presbítero em 06 de agosto de 1980, na cidade de Alagoinhas (Informação concedida pelo Irmão Bruno, que ainda hoje continua residindo em Alagoinhas). Como foi incardinado nessa nova diocese, passou a servir também como sacerdote, ajudando nas paróquias, além do trabalho que a Comunidade desenvolvia junto com os moradores.

Havia convites de diversas dioceses para que a Comunidade se instalasse. Mas o desejo deles era um local que ficasse entre Pernambuco e o Espírito Santo. Dessa forma, encurtava caminhos para a realização dos retiros e encontros, proporcionando a oportunidade para maior participação. E esse desejo que havia sido manifestado, por meio de carta, chegou às mãos do então recém nomeado bispo da nova diocese de Alagoinhas, que necessitava de ajuda para estruturá-la.

O Bispo belga, Dom José Cornelis, OSB, monge missionário, vinha do Congo, onde era arcebispo. Possuidor de grandes ideais, com uma visão além do seu tempo. O Irmão Pascal esteve presente na assembleia, quando decidiram se mudar para a nova diocese que estava nascendo. Irmão Bruno, agora incardinado na diocese de Alagoinhas, fica à disposição do Dom Cornelis.

Em junho de 1978, tempo de comemoração do São João no Nordeste, as ruas cheias de fogueiras, os Irmãos de Taizé, chegam à cidade de Alagoinhas/BA.

Acomodaram-se provisoriamente no Centro Diocesano, depois a diocese comprou o sítio Nova Estrela, no bairro Santa Teresinha, na rua São Lázaro, onde ainda hoje se encontram instalados. Desejavam um local onde os mais pobres estivessem junto a eles.

#### Partilha da professora Meyre:

Montaram no lugar uma pequena capela de bambu. Olhavam e observavam os arredores. Hum! Crianças sem assistência, porque as mães tinham que trabalhar para sustentá-las, jovens no vício da maconha e da bebida, perdiam-se em plena juventude. Sem trabalho, sem perspectiva de vida. Famílias não assistidas, gritando por uma ajuda, um apoio; idosos abandonados pela própria família. Como foi laboriosa a faina do Irmão Michel, Irmão Bruno... dos Irmãos que iniciaram este trabalho aqui (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS, 2015, p. 27).

Aos poucos os irmãos foram se embrenhando em meio à comunidade que por ali vivia, conhecendo as dificuldades de cada família, de modo muito próximo e buscavam juntos encontrar meios para aliviar o sofrimento, tamanha pobreza e a escassez que todos resistiam. E conseguiram por meio de mutirões construir casas, organizar ruas, abrigos, escolas para crianças e jovens, sem e com necessidades especiais (auditivas, físicas e visuais), creches para que as mães pudessem trabalhar e sustentarem seus filhos, conseguiram trazer água encanada e luz, saneamento básico, loteamentos para construção de casas.

Foi um bem comunitário adquirido pelo esforço de todos, e desse modo foram surgindo o Vale da Nova Esperança, Vila Marçal, o Alto da Cruz, na circunvizinhança do Sítio Nova Estrela, onde se encontrava a casa dos Irmãos de Taizé, os quais estavam sempre presentes, ajudando nas distintas tarefas, procurando soluções para as necessidades, até executá-las com as próprias mãos. Essa população nos arredores da cidade cresceu em função da saída do campo, eram pequenos produtores rurais que perderam suas terras, ou foram expulsos delas, para dar lugar ao reflorestamento de eucalipto e pinho (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS, 2017, p. 30).

As necessidades eram diversas, como as dificuldades para dar continuidade devido à falta de recursos, tanto humano quanto financeiro. No entanto, sempre que enveredavam para enfrentar um novo desafio, tinham a adesão do Irmão Roger, o que fazia grande diferença, diante do apoio e confiança a eles concedidos.

Ofereceram cursos semiprofissionalizantes para os jovens, trabalhos com vitrais, em que conquistaram oportunidades de se engajarem no mercado de trabalho, com uma profissão, tendo assim a possibilidade de sair do desemprego, do meio das drogas, do crime, da violência, da prostituição, gravidez precoce e de diversas situações que não os conduziam a um futuro promissor e vencerem a falta de esperança por dias melhores.

Foi necessário instituir um grupo de pessoas para dar o suporte preciso, sob a direção do Irmão Michel, surge então a Associação do Lar São Benedito, que depois tronou-se a Fundação do Caminho, para dar assessoria e organizar a estrutura social formada para atender a comunidade do bairro. A luta era por políticas públicas, para que as pessoas fossem tratadas com dignidade. A princípio a Fundação era mantida por doações estrangeiras e apoio de instituições, criaram padaria, fábrica de móveis, vassouras e vitrais, mas a maioria desses projetos não conseguiram se manter financeiramente.

Por isso, em 24 de fevereiro de 1985, foi criada a Associação Lar São Benedito – A.L.S.B. – Instituição Beneficente e Filantrópica com o objetivo de dar amparo legal às ações desenvolvidas no âmbito trabalhista, social, econômico e financeiro que envolvia o que poderíamos chamar de trabalho pastoral dos irmãos de Taizé. Trabalho esse que envolveu não só a ação dos irmãos como de várias pessoas de fora e da cidade de Alagoinhas (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS, 2017, p. 38).

Esses projetos sociais eram encabeçados pelo irmão Michel

[...] criada pelos irmãos, em 2001, a Fundação do Caminho (FC), entidade criada sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública Estadual e Municipal. Através da atuação da Fundação, esperava-se romper o círculo vicioso da pobreza e da baixa qualidade educacional. Os objetivos eram prover ensino de melhor qualidade, dentro dos princípios de inclusão, meios para captação e profissionalização e atividades que estimulasse a cultura, o convívio social, gerando assim ocupação, lazer e celebrações (CRIANÇAS E JOVENS DE ALAGOINHAS, 2020, p. 122).

As Irmãs da Congregação Inaciana de Santo André vieram a pedido do Irmão Roger, em 1982, para contribuir no acolhimento dos jovens em Alagoinhas, e por lá permaneceram muitos anos, inclusive cuidando da Mombitaba<sup>30</sup>, como também se envolveram com as pessoas do bairro, auxiliando na formação humano-cristã. Após a

---

<sup>30</sup> Mombitaba, palavra do tupi-guarani que significa lugar de repouso. Informação cedida pelo Irmão Bruno.

saída das irmãs, vieram os Salentinos, que passaram alguns anos cooperando com a supervisão do lugar. Após a saída deles, assume a Irmã Geliane, ainda presente atualmente.

Irmão Rodolfo, por volta dos anos de 1990, começou sem pretensão alguma, como uma atividade informal, para atender ao desejo das crianças com momentos de *brincadeiras, o que depois se tornou “A Brincadeira”*. No período da quaresma, quando se rezava a Via-Sacra, elas participavam e não queriam que terminasse com a chegada da Páscoa. Começaram a se reunir à noite para jogar e se entreterem. Com o crescente número, os encontros passaram a ser na Mombitaba.

Tornou-se *uma ‘Porta Aberta’ para educar, ensinando princípios de coletividade, respeito uns pelos outros, troca de instrumentos que poderiam ser utilizados como armas, por brinquedos*. Todas as tardes se encontravam para brincar apenas como crianças, sem correrem qualquer perigo que o ambiente em que moravam oferecia. Ficavam livres para brincar, festejar, celebrar momentos que não eram comuns em suas famílias devido à situação de pobreza em que estavam inseridos.

*Naquele espaço podiam ler, desenhar e pintar. Os mais velhos ‘brincavam de escola’ ensinando os mais novos, jogavam capoeira, escreviam histórias criadas por eles*. Não permitiam confusões, caso acontecesse eram chamados a ficarem a sós para repensar no que havia acontecido. Porque a educação que recebiam era a lei da rua, entre brigas, uso de drogas, sem alfabetização, envoltos no meio que não oferecia nenhuma perspectiva de uma condição de serem inseridos na sociedade, além de viverem em meio à discriminação em todas as dimensões. Centenas de crianças foram favorecidas por esse trabalho.

Esse é um espaço protegido, onde crianças com dificuldades financeiras e sociais podem aprender a se relacionar de maneira não agressiva, o que é importante para seu desenvolvimento emocional e o fortalecimento da autoconfiança. Esses encontros também são importantes para verificar a frequência escolar e saber onde as visitas em casa, feitas por membros da comunidade, são mais urgentes. Sem esta Porta Aberta seria muito difícil estabilizar algumas das crianças na escola. As atividades da tarde estão intimamente relacionadas com as atividades mais formais da Fundação do Caminho. (CRIANÇAS E JOVENS DE ALAGOINHAS, 2020, p. 111).

Ailton Queiroz<sup>31</sup> começou na “A Brincadeira” com 8 anos de idade, engajou-se, recebeu os sacramentos, tornou-se catequista, ajudando na formação das crianças e jovens da comunidade. Por intermédio do Irmão Rodolfo, conseguiu ingressar na Pastoral do Menor (organização que oferecia cursos técnicos profissionalizantes), no curso de elétrica, etapa significativa em sua vida. Cooperou, por alguns meses, com a preparação da Jornada da Confiança em Campinas/SP. Fez intercâmbio de três meses, em Taizé, na França, a convite dos Irmãos. Com ajuda do Irmão Michel deram início ao Mercadinho São Lázaro (que era mercadinho e padaria). A Comunidade forneceu tudo o que era necessário para abertura da empresa, maquinário, produtos, insumos, capital de giro, empreendimento que permaneceu por volta de um ano. Após algum tempo foi para o Rio de Janeiro, trabalhar em estaleiros, como soldador, profissão que exerce atualmente. Porém o vínculo com a Comunidade permanece, o desejo de retribuição e sentimento de gratidão conservam-se presentes.

Uma nova capela bem maior foi construída para poder acolher a quantidade de pessoas que vinham participar de encontros, retiros, das Jornadas da Confiança. Ficavam hospedados na Mombitaba, local de acolhida para os visitantes que vinham participar de algum evento, como também dava acolhida dos inúmeros missionários e voluntários que vinham de todos os lugares do mundo, passavam um determinado tempo, envolvidos nos trabalhos sociais iniciados pelos irmãos de Taizé.

A Bizinha (Conceição Venerando), que veio com eles de Vitória e, por ser uma mulher negra, favoreceu a aproximação dos vizinhos de cultura Afro, que se envolveram nos trabalhos, como também participavam da vida litúrgica junto com os irmãos. Dessa forma, partilha Railda de Santana Teixeira, voluntária e moradora da vizinhança: “[...] Assim Taizé se transformou num referencial de oração, diálogo, encontro e de compromisso com os mais pobres. Pois, realizavam a sua missão na convivência com as pessoas do bairro, partilha dos dons materiais e espirituais que tinham” (COMUNIDADE TAIZÉ DE ALAGOINHAS, 2015, p. 29-30).

A diocese de Alagoinhas era formada, na sua maioria, por padres estrangeiros. O Dom Cornellis, com seu espírito aberto, foi conduzindo o desenvolvimento da nova diocese. Dessa nova Igreja, com suas raízes no Vaticano II e em Medellin, organizando a estrutura paroquial, formava os leigos para o trabalho

---

<sup>31</sup> Informações cedidas pelo Ailton Santos Queiroz, com 40 anos, casou-se com Sandra em 2005, são pais de Guilherme com 12 anos, atualmente trabalhando em indústria do Espírito Santo.

na catequese e demais pastorais. Convidou missionários para trabalhar junto com a população, organizando o clero, os religiosos e religiosas, com a participação dos missionários da diocese de Passau, Alemanha, cuja contribuição foi muito significativa, repleta de vivacidade.

Os irmãos Michel, Bruno, Tiago, Alberto e Pascal também foram organizando suas atividades, com o forte comprometimento dos leigos, na catequese, na formação dos catequistas, nas CEBs, no trabalho com as crianças, com os jovens com e sem deficiências visuais e auditivas e com os idosos. Tinham que trabalhar em atividades comuns, para poderem se sustentar financeiramente. As orações, três vezes ao dia, na capela com os irmãos, diferente dos demais que estavam servindo à diocese. Essas orações, que têm um jeito próprio de ser, foram conquistando as pessoas, as quais foram experimentando, de forma simples, mas sem deixar de ser intensa, reunia todas as crenças, não havia distinção de credo. É um espaço verdadeiramente aberto, que acolhe a todos que desejarem viver.

Atualmente se encontram em Alagoinhas o Irmão Bruno, suíço com 82 anos, foi dos primeiros que chegaram em Olinda em 1967; o Irmão Cristóvão, polonês com 55 anos e o Irmão Henrique, holandês com 35 anos, que procuram manter acesa a chama da espiritualidade. São poucos para missão tão grande. A pandemia deixou sequelas também nesse aspecto, a rotatividade dos missionários diminuiu, faltam pessoas para dar continuidade aos projetos

Em 2009 chegou junto a eles a Irmã Geliane Moura, paraibana, com 45 anos, consagrada, e chega à Fraternidade de Alagoinhas para ajudar na organização da casa, e ainda hoje se encontra vinculada aos irmãos, ajudando na administração da Mombitaba. Com o passar do tempo, foi sentindo-se cativada com a rotina própria da espiritualidade, desenvolvendo uma estreita afinidade.

#### **4 A ESPIRITUALIDADE DE TAIZÉ E AS LUZES PARA A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ EM UM CONTEXTO DE FRAGMENTAÇÃO EXISTENCIAL E FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO**

Com base no que vimos no capítulo anterior, a espiritualidade de Taizé surge como sinal profético e de comunhão em um contexto atual de pluralismo religioso. Não abordamos como sendo a solução, mas como uma espiritualidade que decorre a atender a demanda interior, de quem caminha em busca de uma relação mais

profunda com o transcendente, para um encontro consigo mesmo, se descobrir, encontrar sentido para a vida, para quem se identifica com esse tipo de misticismo.

Taizé é uma possibilidade presente, firme e perseverante, que proporciona encontros com o transcendental, o que é procurado e desejado por muitos. É que, por vezes, não se consegue identificar com o modelo atuante de religiões milenares, nem de novas comunidades e religiosidades que recentemente têm surgido no âmbito espiritual. Portanto, fadados das instituições seculares, que não atendem as suas expectativas, encontram nesta, o afago para a alma. Diversas pessoas que chegam, não só a colina de Borgonha, como também junto as fraternidades espalhadas pelo mundo, onde partilham os costumes, as orações, o trabalho, encontram essas respostas e satisfação interior, que, por vezes, não alcançam a compreensão do que os seduziu, como também não conseguem se esquivar dessa relação de amor, pela qual foram pegos de súbito ou em um processo mais lento, mas que ficam deslumbrados com o fogo do amor de Deus.

Também na atualidade, frente aos desafios vividos no contexto religioso, como a aversão às religiões, seres humanos fragmentados, a busca pelo imediatismo, a propagação de uma crença individualista, a efervescência de novas pertencas confessionais, em que a primazia da razão se encontra definindo uma nova forma de se relacionar com as pessoas e com o mundo.

Hervieu-Léger, nos traz uma nova apreciação:

Diferentemente do ponto de vista mais corrente, que identifica as crenças religiosas pelo fato de fazerem referência a um poder sobrenatural, a uma transcendência ou a uma experiência que ultrapassa as fronteiras do *entendimento humano*, essa abordagem “*des-substantivada*” da religião não privilegia nenhum conteúdo particular do crer. Ao contrário, ela parte da hipótese que, qualquer que seja a crença, ela pode ser objeto de uma formulação religiosa, desde que encontre sua legitimidade na invocação à autoridade de uma tradição. Mais precisamente, é esta formulação do crer que, como tal, constitui propriamente a religião. [...] Se seguirmos este percurso, admitiremos que não é o fato de “*crer em Deus*” que torna o homem religioso. É perfeitamente possível “*crer em Deus*” de maneira não religiosa, em nome da iluminação oriunda de uma experiência mística, da certeza nascida de uma contemplação estética ou da convicção surgida de um *engajamento ético*. A crença se designa como “*religiosa*” quando o crente coloca diante de si a lógica de desenvolvimento que hoje o leva a crer naquilo que se crer (HERVIEU-LÉGER, 1999, p. 26).

Nesse sentido, uma espiritualidade que nasce no século passado e que não tem pretensões de ser religião ou instituição fechada, mas abraça os corações, pode

ser luz ao contribuir em uma maneira humana e comprometida de se viver a relação com o divino.

#### 4.1 DIÁLOGO: DESDE O VATICANO II AO PAPADO DE FRANCISCO

Desde que o Concílio foi anunciado, iniciaram-se consultas entre os bispos e instituições católicas de todas as partes para conhecer as suas expectativas. Foi criado um Secretariado para Promoção da Unidade dos Cristãos, ligado ao Papa João XXIII, à frente, o Cardeal Bea, causando uma certa surpresa, uma vez que a Sua Santidade compreendia a necessidade da união, como também da resistência de várias alas dos católicos romanos. Portanto, antes do evento acontecer, foram criando meios que permitissem a maturação junto aos fiéis, o que era muito importante para o acontecimento do Vaticano II, uma mudança de conceito, para os demais irmãos cristãos reformados. Com a criação do Conselho Mundial<sup>32</sup> das Igrejas (CMI), foi que o termo ecumênico teve um novo significado.

O Concílio foi uma emergência pastoral. O Irmão Roger *assim se exprime*: “A pressão da história representa um papel considerável, e a necessidade de ajustar velhas instituições às exigências de um novo mundo provocam a convocação do Concílio”<sup>33</sup> (LAPLANE, 2015, p. 257) (Tradução nossa).

Em contato com o Cardeal Bea, o Irmão Roger fala sobre a participação de “*observadores não cristãos no concílio*”, o qual entendeu o pedido específico contido na pergunta. Diante da criação desse novo departamento, houve algumas objeções em relação aos Irmãos de Taizé, inclusive vindas do próprio CMI (Conselho Mundial das Igrejas), porque os consideravam muito adeptos ao catolicismo. Com diplomacia, os representantes do Secretariado, apesar de terem todo o apoio do Papa, sugeriram *que as Igrejas escolhessem os seus “delegados” (46 membros)*, e o Secretariado *escolheria os “observadores” (foram 8), os quais seriam tratados com igualdade*.

---

<sup>32</sup> Conselho Mundial das Igrejas – O CMI, fundado em Amsterdam, Holanda, em agosto de 1948. Foi um Marco histórico do ecumenismo e do projeto de busca da unidade cristã. Mensagem final da assembleia de abertura, “*Nós temos o firme propósito de permanecermos juntos*”. (REVISTA IHU ONLINE. **70 anos do conselho mundial das igrejas CMI. Pronunciamento de Walter Altmann**. 26 agosto 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/582145-70-anos-do-conselho-mundial-de-igrejas-cmi>. Acesso em 13 jul 2022).

<sup>33</sup> “*La pression de l’histoire joue considérablement, et la necessite d’ajuster des institutions vieilles aux exigences d’un monde neuf a provoque la convocation du concilie*” (LAPLANE, 2015, p. 257).

No mês de julho, o Irmão Roger e o Irmão Max receberam o convite do *Secretariado, o qual foi visto como “dom de Deus” por reconhecimento pelo papel exercido em função do ecumenismo*. No seu coração, ardia um desejo de perguntar no Concílio se os cristãos não romanos que acreditam na presença real de Jesus Cristo na Eucaristia seriam permitidos fazer parte dela. Isso era tão forte que chegou a ter um sonho com essa questão. Ele se sentia como um estranho em meio a todos que ali se aproximaram para as sessões. Mas tinha uma enorme gratidão por poder estar inserido no íntimo da origem católica.

Os irmãos alugaram uma casa para que lá se tornasse um ponto de apoio, como também local de oração. Perceberam a importância da necessidade de permanecerem orantes e vigilantes diante da responsabilidade que assumiram, pois, o Secretariado como uma comissão conciliar, podia preparar textos que eram postos à votação pelos padres conciliares. Os observadores, portanto, tinham acesso tanto aos textos, como podiam participar da redação dos mesmos (LAPLANE, 2015, p. 257).

Dentre as Igrejas que professam que creem no Deus Uno e Trino, há algumas décadas tem havido uma nova reação entre os irmãos cristãos separados. Um desconforto por se encontrarem no estado de divididos, despertando o anseio da restauração da unidade entre todos os cristãos. Trata-se do desejo ecumênico, que busca superar as divergências doutrinárias e comportamentais dos membros em questão.

Por movimento ecumênico entendem-se as atividades e iniciativas, segundo às necessidades e às condições temporais da Igreja, que desperta e inspira a busca da unidade entre os cristãos. Em primeiro lugar, o esforço, tanto do ponto de vista da verdade como da equidade, para eliminar palavras, juízos e comportamentos que não correspondem à situação em que se encontram, de fato, os irmãos separados e que, portanto, dificultam ainda mais o relacionamento com eles. (VATICANO II, 2007, p. 263).

O diálogo tem contribuído para a compreensão das diferenças e o respeito pelas divergências doutrinárias a que estas compreendem. Advém a tentativa de superar os obstáculos, abrindo espaço para que exista uma comunhão eclesial. É necessário que haja unidade sem desvaler a liberdade e que dediquem a aperfeiçoar a caridade para que, desse modo, a espiritualidade cumpra o seu papel de integrar, comunicar relações, que promovam a vida, fazendo com que o sujeito se encontre consigo mesmo, com os outros e com a realidade em que se encontra.

Além disso, nas reuniões entre cristãos de diferentes Igrejas e denominações, realizadas com espírito religioso, estabeleça-se um “diálogo” entre especialistas realmente preparados, em que cada um procure manifestar de maneira mais profunda a doutrina de sua confissão, apresentando-a com toda clareza possível. Esse diálogo permite a todos adquirir melhor conhecimento e formar uma opinião mais correta sobre os vários aspectos da doutrina e da vida das demais denominações. Favorece, igualmente, onde é possível, a reunião e maior colaboração entre as diversas denominações, nos deveres para com o bem comum, exigidos por toda consciência cristã, assim como na oração unânime. Finalmente, ao examinar melhor sua fidelidade em relação à vontade de Cristo sobre a Igreja, todos se dispõem a prosseguir com maior afinco no trabalho de reforma ou de renovação de si mesmos (VATICANO II, 2007, p. 263).

A aspiração de restabelecer a unidade vai além do núcleo clerical é uma responsabilidade que se estende a todos os fiéis. Com o Concílio, o termo ecumenismo tornou-se mais acentuado, e aos pastores e fiéis foi estimulado para que, com alegria, respeito e com o diálogo, houvesse a escuta, o amadurecimento com a experiência dos irmãos, que não signifiquem entrave para o bem comum da Igreja, que suscitem benefícios que reflitam na humanidade como um todo.

O Decreto Conciliar *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo profere sobre a “unidade no que é necessário”:

Conserve-se a unidade no que é necessário. Mas é indispensável que se conserve também a liberdade, de acordo com a função de cada um, nas várias formas de vida espiritual, de disciplina e até de elaborar teologicamente a verdade revelada. Mas, sobretudo, e em tudo, cultive-se a caridade, pois só assim se manifestarão plenamente, em nossos dias, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja. [...] é necessário que os católicos reconheçam com alegria e com a devida estima os bens verdadeiramente cristãos provenientes do patrimônio comum existente entre os irmãos separados. [...] Nem se deve desprezar a obra da graça do Espírito Santo nos irmãos separados, que pode contribuir muito para nossa edificação. Nada do que é verdadeiramente cristão se opõe à fé autêntica; pelo contrário, até ajuda a aprofundar o mistério de Cristo e da Igreja (VATICANO II, 2007, p. 264).

O documento também alerta que, para haver um diálogo leal, precisa de uma “conversão interior do coração”, de humildade, desprendimento, brandura e senso fraterno para servir ao outro; de discernimento e prudência para acolher o que para o irmão é de desmedida estima, a doutrina, que resguarda o seu modo de compreendê-la e vivê-la. A oração pública pela unidade dos cristãos é um dos meios que propicia a junção dos fiéis para a expectativa de vivência de uma verdadeira unidade. Essa motivação favorece uma reflexão sobre a intenção da oração, torna-se uma

oportunidade para se repensar, para vivenciar o perdão sincero, para se estabelecer conexão com um ecumenismo espiritual. Atente-se para que não aconteça o zelo insensato, nem se ponham percalços perturbando a reconciliação. Naturalmente, com a ausência da unidade, não existe a comunhão.

As Igrejas orientais, em união com a do ocidente, a Igreja de Roma, com o passar dos séculos, depararam-se com dificuldades em relação à disciplina e à fé. O legado deixado pelos apóstolos, que se espalharam entre os povos, levando a mensagem de Cristo, foram sendo interpretados de acordo com a maneira que compreendiam, diante das realidades e circunstâncias encontradas, como também problemas teológicos, históricos e políticos, o que atravancou o entendimento entre elas, levando a discordância entre as Igrejas, provocando o cisma em 1054. As orientais, com o amor de Cristo, resguardam os sacramentos, dentre eles a eucaristia, o sacerdócio, as tradições litúrgicas, espirituais e teológicas, que foram de grande valor para a ocidental, expressam-se nos cantos, nas orações, nos ritos e nos ícones<sup>34</sup>. Suas fontes são os textos dos primeiros concílios, escritos da Patrística e as Sagradas Escrituras.

Na atualidade, com maior ênfase, uma das mais enfáticas lutas da humanidade tem sido por conquistar a liberdade, hoje é procurada com todo afinco pelo ser humano, o qual entende que, sem liberdade, não se consegue fazer o bem a outrem. Este, com toda decência que lhe convém, deve procurar se libertar da escravidão imposta por diversas instituições, inclusive as de caráter fundamentalista, *que tiram o direito de pensar e agir conforme à sua livre vontade, “Faz parte da dignidade da pessoa agir por opção consciente e livre, induzida e movida pessoalmente, livre de toda coação externa e de qualquer pressão interna”* (VATICANO II, 2007, p. 481).

A Reforma Protestante fez 500 anos em 2017. É um evento de suma importância para os cristãos, oferecendo espaço acessível, dando oportunidades para discussões sobre o que divergem e defendem, quanto sobre o que tem semelhança. Porque sempre haverá diferenças. O diálogo aberto, sem preconceitos, desencadeia em fonte de enriquecimento, para ambas as partes. O ponto principal, o centro é

---

<sup>34</sup> Ícones – pintura sacra sobre painel de madeira, muito utilizado nas Igrejas orientais, possui imensa riqueza de significado, expressando por meio da arte, o Evangelho, os dogmas e a fé da Igreja. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2009, documento não paginado).

Cristo, é por meio dele que nos tornamos irmãos uns dos outros. E ele não é dividido, como não comunicou a divisão.

Para que a comunhão autêntica suceda, precisamos respeitar a heterogeneidade e agir com atitude de unidade, com ações concretas, dando exemplos e facilitando a compreensão de todos. Caminhando e rezando juntos, estabelecendo vínculos, realizando atividades em comum para que, assim, apreciemos com mais acolhimento, em suas comunidades locais, nas paróquias, atentos às necessidades dos mais vulneráveis, realizando gestos solidários. Com essa experiência de trabalho fraternal, brotando uma legítima relação de amizade, de respeito pelos princípios que os sustentam, provavelmente consigam realizar suas celebrações de comunhão sobre o mesmo espaço, com comodidade, sem constrangimento, com liberdade e alegria por terem dado passos em prol da união dos povos cristãos, do Reino de Deus.

O termo pluralismo, a princípio, tinha uma conotação relacionada apenas com o sentido político e de poder. Com o passar do tempo, foi abordando outros campos da vida social. Hoje, é compreendido como uma concepção que aprecia a diversidade, como uma apropriada opção para coexistir com as diferenças, reconhecendo a diversidade como válida, indispensável e necessária para a convivência com pessoas, com grupos e com instituições. Este encontra-se diretamente vinculado à liberdade de consciência, atuando com legitimidade como concepção de vida. As naturezas legais, políticas e sociais, asseguradas pelo Estado, corroboram para existência do pluralismo. Portanto, compreendemos a importância da existência do Estado laico, quando favorece a possibilidade da livre diversidade (SANCHEZ, 2015, pp. 20-31).

A constituição *Gaudium et Spes*, trata do termo diversidade nos seguintes termos:

É preciso que comecemos por promover, dentro da própria Igreja, a estima recíproca, o respeito e a concórdia, reconhecendo-se toda diversidade legítima, para que se estabeleça um diálogo frutífero entre todos os que formam o único povo de Deus, tanto pastores, como fiéis. O que nos une é mais forte do que o que nos divide: haja unidade no que é necessário, liberdade onde há dúvida e, em tudo, caridade (VATICANO II, 2007, p. 547) [...] Nosso pensamento se dirige aos irmãos que ainda não vivem conosco em perfeita comunhão, embora unidos na confissão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, pelo vínculo da caridade, lembrando-nos de que a união dos cristãos é hoje um desejo e uma expectativa, até mesmo dos que não creem em Cristo. Quanto maior for esta unidade, na força do Espírito Santo, na

verdade e na caridade, mais clara é a perspectiva de paz (VATICANO II, 2007, p. 547).

Os padres conciliares puderam experimentar a vivência com a diversidade, dentre eles mesmos nas sessões do Concílio. Eram bispos de diferentes realidades culturais e sociais, os observadores de outras Igrejas e Religiões, com suas crenças, costumes e princípios diferentes. E isso trouxe enorme benefício e aprendizado, possivelmente favorecendo a mudança de perspectiva dos Bispos que se encontravam a serviço da Igreja no Vaticano II. São levados a compreender, sem *objeções*, que *“a unidade da Igreja se dá em meio a diversidade”* (SANCHEZ, 2015, p. 23).

Com os movimentos da Reforma Protestante, a hegemonia religiosa da Igreja Católica ficou abalada, desafiando seus princípios internos. Com a preservação da liberdade religiosa, adquire e garante o direito de optar pela diversidade. A Igreja Católica precisou reconhecer, a duras penas, que o formato do arcabouço religioso, cujo domínio era o Bispado de Roma, viu-se que acertara uma irreversível mudança (SANCHEZ, 2015, p. 37).

O documento *Diálogo e Anuncio*, publicado em 19/05/1991, foi elaborado junto ao Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e a Congregação para a Evangelização dos Povos, refere-se ao *“...surgimento de uma nova consciência do pluralismo religioso; a compreensão gradual da importância do diálogo inter-religioso e o fato de que a prática do diálogo inter-religioso suscita muitos questionamentos na consciência de muitas pessoas* (SANCHEZ, 2015, p. 74).

*O Vaticano II avalia positivamente as religiões e declara no “Diálogo e Anuncio” que constata legitimidade, na vida dos seus integrantes, como das suas religiões. Mas o que se deve ressaltar nesse documento é que a ação salvífica de Deus não se restringe unicamente àqueles que conheceram a Jesus Cristo, aos que aderiram ao cristianismo, à ação do Espírito Santo que os conduzem ao amor de Deus, que não faz distinção alguma. Outro ponto a ser observado é que se reconhece que os caminhos traçados pelas demais religiões também conduzem à salvação, juntamente aos seguidores que respondem ao chamado de Deus dentro de suas respectivas crenças; estes também são beneficiados com a graça da salvação* (SANCHEZ, 2015, p. 75).

Eleito o Papa Francisco, anunciaram-se novos tempos, não só para a Igreja Católica, mas seu olhar encontra-se voltado para a humanidade, para o planeta que habitamos e tudo o que a este se refere. Sendo um homem de oração, humilde, aberto ao amparo e sensível à aflição do semelhante, traz para si as dificuldades, angústias do ser humano, buscando encontrar soluções para tantos problemas que assolam o mundo. No entanto acredita que o diálogo é uma porta aberta para juntos discorrerem e é confiando na luz do Espírito Santo que ilumina os caminhos a serem trilhados. Ele chega trazendo novos ares de esperança e liberdade, de reconhecimento do outro com a dignidade merecida, aceitando-o como ele realmente é, sem se esquivar do diálogo, sem prejulgamentos, sempre com o olhar amoroso para com o irmão (SANCHEZ, 2015, p. 79).

Uma clara qualidade do Papa Francisco é a sua capacidade de encontrar, de chegar diante do outro, de olhar<sup>35</sup> com a alma, essas características são essenciais para quem tem um espírito dialógico. O diálogo constrói um caminho de transformação contínuo para aqueles que se permitem viver, é um dar e receber, necessita da compreensão de que ambos são iguais e diferentes, iguais por possuírem a mesma dignidade, de serem ouvidos e respeitados diante do que os tornam próximos e diferentes, porque cada um percorreu sua estrada, sua história, com seus valores e princípios. Em meio a esse movimento, a liberdade de ser e de poder defender suas importâncias, faz parte dessa dinâmica (SANCHEZ, 2015, p. 89).

Em sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, ele convida a abrir as portas, abrir caminho para se ter o acesso ao amor salvífico de Deus por cada um dentro da sua singularidade,

*A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção e sem sentido. Muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando ele voltar, poder entrar sem dificuldade (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013, p. 33).*

Existem situações em que não há como compreender a relação entre o que se ensina e o que se faz. Como podem os cristãos, sejam eles católicos, protestantes

---

<sup>35</sup> Olhar que se distingue de ver, quando se olha transmite algum sentimento, emoção, provoca uma experiência única, o ver se entende por algo sem vigor, que não desperta atitudes, nem interesse. Além de provocar, o olhar é intenso e profundo, e fala com a alma.

e ortodoxos, pregarem a paz, sem dela viverem? A proposta ecumênica procura levar adiante o pedido de Jesus “*que todos sejam um, como tu Pai estás em mim e eu em ti*” (Jo 17,21) para que, conhecendo o mistério trinitário, sintam-se amados pelo Pai, como o seu Filho Jesus o foi.

Dentro da dinâmica dialógica, para que a veracidade da comunhão e da unidade esteja presente, sugere-se que haja firmeza em suas convicções mais intensas, serenidade e clareza diante do que defende, e se predisponha a compreender e a confiar em que serão beneficiados por essa troca de conhecimentos e de experiências.

#### 4.2 TAIZÉ E AS CHAVES DE LEITURA PARA UM CRISTIANISMO DE FRATERNIDADE E COMUNHÃO

Na sociedade em que vivemos, cada vez mais encontram-se ao nosso lado pessoas que creem e praticam outras religiões. A cautela na relação com essas pessoas faz bem para que não haja julgamentos e críticas, comumente negativas, desenvolvendo, assim, um caminho desrespeitoso em busca de diálogo. As religiões têm sua fé, umas têm uma determinada divindade, outras com diversas divindades. E, para que tenham harmonia, que o empenho em prol da paz, ansiada por muitos aconteça, é deixar que o outro viva como lhe convém, sem demonstrar interesse, não discutir sobre suas próprias crenças, pode até parecer uma forma de certo desprezo.

No entanto, não podemos ter um encontro autêntico entre irmãos que procuram o bem comum, ocultando seus bens mais valiosos, suas tradições, suas histórias. É preciso que sejam abertos, sinceros, sem exigir que façam qualquer mudança, para poderem se entender ou serem aceitos em determinado espaço. É exatamente o contrário, o diálogo só acontece quando há acatamento pelo que o irmão é, faz e acredita. Mediante a isso, ocorre uma partilha de bens espirituais, de conteúdo teológico, de ritos, de culturas, um aprendizado partilhado para todas as partes, conscientes de que nenhum tem posse da verdade, nem do que se diz ser o apropriado. Cada um tem a sua medida. (CARTAS DE TAIZÉ: AS RELIGIÕES E O EVANGELHO, 2005, documento não paginado).

Atualmente somos desafiados a criar laços, fortalecer vínculos diante de tamanha incoerência que nos encontramos imersos. As fissuras nas relações pessoais, familiares, na religião, na sociedade como um todo, têm fragilizado o espírito

fraterno, a confiança que existe tem sido abalada, até mesmo traída diante de acontecimentos que nos têm assolado com tanta gravidade em diversas dimensões. Portanto, a relação com os outros podem nos ajudar a superar momentos difíceis, abrir para novas perspectivas, bem distintas das nossas, como também nos ajudar a encontrar sentido à nossa vida.

Assim sendo, a unidade se torna uma provocação para os cristãos, pois o Evangelho, a Boa Nova nos incentiva a vivermos a unidade. Unidos aos membros de diferentes Igrejas, compartilhando a oração, estando ao centro a Palavra de Deus, quem nos une é o próprio Cristo Jesus, com seu amor, que nos faz compreender que humildemente, devemos reconhecer o que nos falta e nos permitimos a acolher o que o outro tem a nos proporcionar, cultivando a unidade. *“É ele, com efeito, que é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade”* (Ef. 2,14).

No nosso interior, sentimos uma profunda sede de unidade e de comunhão, a qual tem origem em Deus. E, para encontrarmos a unidade de coração, o percurso ideal é o seguimento de Jesus Cristo. Ele nos conduz no itinerário perfeito para que, através do Espírito Santo, o Cristo Ressuscitado esteja para sempre conosco. (CARTAS DE TAIZÉ: TORNAR-NOS ARTESÃOS DE UNIDADE, 2022, documento não paginado).

O Irmão Roger deu origem à Comunidade, fundamentada na oração e acolhida, dentre outras características, que tem como vocação essencial ser sinal de reconciliação entre os cristãos divididos. Os seus escritos revelam o seu pensamento, de modo poético, com linguagem modesta e acessível, externando como, a seu ver, acontece nossa relação de amor mais profunda com Deus. O que ocorre no mais íntimo e intocável do nosso ser, levando-nos a compreender que não existem dificuldades no relacionamento com Deus porque ele só pode nos dar o seu amor.

Dúvidas, inseguranças, angústias sempre existirão, a maioria das pessoas que vão à procura de conhecer essa experiência, chegam em busca de respostas para encontrar sentido para suas vivências. Como o Irmão nos diz que a fé é uma confiança simples em Deus. Roger trazia para seus livros, cartas, reflexões realizadas nos encontros, as suas experiências de oração pessoal e comunitárias diárias, nutridas pela partilha com os Irmãos na Comunidade, nas fraternidades onde se deparava com situações inesperadas, junto aos mais pobres, que o levavam a mergulhar intensamente, resultando em ensinamentos de uma singeleza que nos fazem sentir, o que ele pretende facilitar para uma melhor relação com o divino. O

contato com os jovens era um caminho de aprendizado e evolução para ambas as partes.

Um atributo marcante do Irmão Roger, que lhe é inerente, é que o que ele escreve e como escreve tem um acesso livre e direto aos nossos corações, isso porque, antes de escrever, ele vivencia o que escreve, por isso manifesta-se de modo singular para quem ler, pois é como um fogo que arde dentro de nós e que nunca se apaga. O amor de Deus é como um fogo!

Era um homem de profunda sensibilidade nos seus escritos, que hoje são o que temos de melhor para conhecê-lo e compreendê-lo, e ter o contato com seu pensamento, pelas suas ações percebemos que as suas experiências místicas, a sua relação com os Irmãos, com os jovens com que estava em contato continuamente não se detinham apenas ao aspecto intelectual, mas descrevia o que percebia, as sensações, as emoções, os sentimentos que eram despertados, comumente compreendendo a fraqueza humana, como também a sua capacidade de se entregar inteiramente ao amor de Deus, em uma relação de intimidade erguida por meio da oração e do convívio com o próximo.

Mediante experiências vividas no recolhimento, como também nas viagens realizadas para as fraternidades, as situações eram as mais diversas e de tudo extraía ensinamentos e, ao mesmo tempo, partilhava o seu aprendizado. Meditando as fontes de Taizé, existem alguns pontos que são vividos com elevada proeminência, provocando e despertando nos que mergulham um pouco mais nessa experiência certo desejo de trazer, para seu cotidiano, lançando-se ao encontro do Cristo e do Irmão.

Dentre diversos outros, alguns elementos são de relevante importância para a vivência cristã, os quais o Irmão Roger soube traduzir para uma linguagem simples, mas profunda, acessível e penetrante, como fez nos seus escritos.

#### 4.2.1 A Fé

Em Taizé, a compreensão da fé, não é como um código fechado de doutrina, de ideias, de normas, mas a fé é como aventura existencial de uma entrega, de uma busca, uma confiança é sempre um caminho. Essa concepção pode ajudar na medida em que ela é compreendida, vivenciada a sair da postura de intransigência, que se

tem a verdade e o outro não tem, na medida que se percebe e compreende, que todos estão na busca, no caminho.

A fé evolui dentro de um processo, é uma confiança, pois nos tira do lugar onde consideramo-nos superiores, o que acreditamos tem veracidade, e o outro não. Isso nos conduz à compreensão de que não temos o controle sobre a verdade, que precisamos de sensibilidade e consciência para compreender que todos estamos em busca desse caminho, onde cada um tem o seu e se faz necessário o respeito mútuo, não se tem distinção nesse processo.

Os encontros realizados com os jovens, em todos os continentes, são *considerados como uma “peregrinação de confiança através da terra”*. Confiança é uma palavra que manifesta um forte sentido em Taizé, vocábulo simples, mas de relevante valor. Revela-nos fé, esperança, força interior, segurança mútua, intimidade, lealdade, amor e, através da oração, fazemos uma experiência singular com a confiança, a qual nos leva a mergulhar na vastidão do amor de Deus, conduz-nos a penetrar no mistério trinitário, no mistério do amor e da comunhão, tornando-nos mais conscientes e responsáveis dentro da dimensão em que nos encontramos inseridos e somos chamados a compartilhar, entregando a Deus, a miséria da humanidade. (CARTAS DE TAIZÉ: A CONFIANÇA TERÁ A ÚLTIMA PALAVRA, 2004, documento não paginado).

Consideremos que por fé intuímos a livre confiança em Deus, entregamos a nossa vida, alma e coração, o que decorre de uma relação conquistada no amor, que se amplia ao longo das nossas vidas. O Espírito Santo é quem nos conduz a levar aos outros a confiança na fé, transitando por meio do tempo. Oportunidades não nos faltam para comprovar nossa fé, surgem momentos de dúvidas, de incertezas, de desesperanças, sentimento de abandono que nos chamam a viver um exercício habitual, que proporcionam o crescimento de despojamento profundo, de entrega nas mãos do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Diante dos infortúnios, diversas vezes sem sentir a presença de Cristo, o *Irmão Roger*, dizia: *“Feliz o que se abandona a ti, ó Deus, na confiança do coração.”* Decidir por essa confiança não é algo simples de se viver, requer um profundo abandono interior. Por meio do Espírito Santo, o amor de Deus se faz presente em nosso meio. Tendo somente a possibilidade de crer e somente crer no Deus que em nenhum momento se encontra distante, ele está sempre perto de nós, independentemente de sentirmos ou não. Confiemos! Confiemos em Cristo Jesus,

que em tempo algum nos abandona, nem desiste de nós (CARTAS DE TAIZÉ: EM MEMÓRIA DO IRMÃO ROGER, 2014, documento não paginado).

Bem-aventurado aquele que se sente provado na graça de Deus, porque é onde se encontra o fortalecimento da confiança, não em uma fé superficial, mas na compreensão plena do amor de Deus por cada um de nós, seus filhos bem-amados, para quem enviou seu Filho único somente por amor. Provamos os seus cuidados, mesmo os mais discretos, quando nem percebemos a presença de Deus amparando-nos. *“Jesus o Cristo, mesmo na escuridão da fé, mesmo sem ter ainda clara visão, nós cremos. Tu vens nos tirar do nosso sono e nos acordas para a claridade da tua luz”* (ROGER, 1997, p. 61). Meditação do Irmão Roger, em referência ao que está escrito na Primeira Epístola de Pedro 1,8 “[...] ele, a quem amais sem o ter visto, em quem acreditais sem vê-lo ainda; *por isso exultai com uma alegria inefável e gloriosa*”. Cristo suportou tudo sobre si, ensinando-nos em quem devemos confiar, no Deus que não quer o sofrimento, nem as angústias da humanidade. O que seríamos nós sem a grandeza da sua presença em nossas vidas? De modo algum esqueçamos que o amor de Cristo por todos nós jamais acabará.

Lembre-mo-nos disto: não é a nossa fé que cria Deus, e não são as nossas dúvidas que poderiam fazê-lo sumir do nada. Embora não sintamos nenhuma ressonância de Cristo, sua misteriosa presença nunca desaparece. Se pode haver em nós a impressão de sua ausência, há antes de tudo a admiração por sua contínua presença. Quando as inquietações conseguem afastar a *confiança da fé, há quem pergunte: “Seria eu, agora, uma pessoa sem fé?”* Não, são apenas lacunas de incredulidade, nada mais. O Evangelho nos convida a dar, sempre de novo, a nossa confiança a Cristo e a encontrar nele uma vida de contemplação. E Cristo diz a cada um de nós esta palavra do *Evangelho: “Procurai e encontrareis”* (Mt 7,7). Feliz quem caminha da dúvida para uma humilde confiança! (ROGER, 2006, p. 80).

O Espírito Santo, mesmo diante das nossas fragilidades, inquietudes, hesitações, não nos abandona. Nas nossas orações simples, até mesmo confusas, através da qual entregamos tudo, ele sempre nos compreende e permanece conosco.

A fé em quem cremos, torna-se fácil de se comunicar, para quem se torna acessível a essa aspiração. Mas, quando é necessário uma interação com um outro, que pensa diferente, para uma discussão séria, que seja entre pessoas preparadas, tanto em conhecimento quanto no respeito e na escuta, na caridade e na sobriedade, sendo assim a troca de experiências, de aprendizado ocorrerá, não serão discussões infundadas, e sim, serão momentos fecundos para a união de grupos com

pensamentos diversos, mas com a capacidade de absorver o que tem de apropriado e compatível com sua realidade, sem desmerecer, nem se desfazer da crença do outro. Concretizando-se o verdadeiro ecumenismo.

#### 4.2.2 A Escuta

*“ESCUTA, Israel! O Senhor nosso Deus, é o Senhor que é UM. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo teu coração, com todo o teu ser, com todas as tuas forças”* (Dt. 6,4-5). No Antigo Testamento, esse é o grande mandamento do amor a Deus. Jesus o considera como o mais importante dentre eles. Esse amor a Deus subentende-se a escuta da sua Palavra, mas uma escuta obediente, que envolve os aspectos da vida que deverão ser transmitidos para as futuras gerações, como uma herança.

Nas Sagradas Escrituras, a escuta tem um sentido mais profundo do que o ouvir. No livro do profeta Samuel, retrata-se um momento da relação de Deus com um escolhido, para realizar uma missão: “O Senhor veio e se fez presente. Chamou, como das outras vezes: Samuel! Samuel! Samuel disse: Fala o teu servo escuta”. (1 Sm 3,10). Nesse breve diálogo, existem algumas informações que tornam evidentes uma verdadeira escuta.

Escutar bem contribui para algumas características de que dispomos, tais como, fazer-se presente, a obediência, o silêncio, a confiança, o acolhimento, resultando, na maioria das vezes, em frutíferos diálogos. Quando escutamos com qualidade, a obediência, dentre outras interpretações, seria como que seguir um conselho, que brota do coração, que pode nos fazer silenciar, silêncio que fala mais do que palavras, que nos permite escutar tanto o nosso interior, como o que há a nossa volta.

A escuta nos conduz ao acolhimento, quando conseguimos parar, fazermos-nos presente e com atenção, compreendemos o que o outro quer falar. Essa troca de quem fala e sente que tem alguém atento a si conduz a quem ouve o entendimento da necessidade em questão. Este sente-se acolhido. Acolhimento que, diante de relações benfazejas, gera *um clima de confiança*, “*que é um pré-requisito e uma consequência da escuta recíproca.*” (SECONDIN; GOFFI, 1993, p. 562).

Essa confiança que permite que aconteçam partilhas de vida, quando repartidas as dores, a necessidade da cura das feridas ajuda aos deficientes, as

mulheres e crianças que sofrem abusos, idosos abandonados, famílias em crises. Pode-se não levar em consideração as crenças, as religiões, permitindo fluir uma confiança mútua, situações que podem acontecer sem que a consciência religiosa de cada um possa ser atingida. Não se faz necessário a religião entrar em questão, mas se percebe que há uma dimensão espiritual que os condiciona a viverem com intensidade uma obra em comum, beneficiando a todos.

Não é uma relação fácil de se estabelecer, conflitos surgem e não permitem que haja um fluxo de ajuda, de compreensão que possa dar continuidade ou sequer ter um ponto de partida em comum. Culturas, memórias, por vezes, oferecem obstáculos, impedindo até mesmo que não exista entendimento. Porém, comumente quando se dividem aflições, sofrimentos coletivos, ocorre aproximação até involuntariamente. Deus nos envia ao encontro dos que sofrem, podendo até criar um ambiente de amizade fraterna.

Quando parte do íntimo, o desejo de escutarmos e assumirmos a certeza de que podemos aprender com o outro, que não dominamos a veracidade dos acontecimentos, que todos são importantes, que não existimos sozinhos, fluem caminhos para a partilha, o outro é reconhecido como amigo e não como um opositor; abre-se, então, espaço para uma reconciliação, portanto,

A necessidade de escuta recíproca afeta todos os campos da vida e da fé. Mas, no campo do ecumenismo, a escuta é particularmente importante. Indica uma via que não é, de modo algum, um nivelamento de valores. Por vezes falando de ecumenismo, na busca de reconciliação entre cristãos, manifesta-se esse medo de nivelamento. [...] A vida da escuta aponta-nos um outro caminho. [...] O resultado não é um nivelamento, pelo contrário, um enriquecimento da fé de todos, graças à contribuição das outras tradições. Os elementos presentes em germe em tal tradição, sem ser plenamente desenvolvidos, podem florescer, com a ajuda da experiência das outras. (SECONDIN; GOFFI, 1993, p. 563).

No momento atual, a sociedade, de modo geral, encontra-se adoecida, está precisando de mais compreensão e generosidade nas relações. O Papa Francisco, na sua mensagem para o Dia Mundial Das Comunicações Sociais, diz: “estamos a perder a capacidade de ouvir a pessoa que temos a nossa frente. [...] Deus ama o homem: por isso lhe dirige a Palavra, por isso inclina o ouvido para o escutar [...] *A verdadeira sede da escuta é o coração*” (FRANCISCO, Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2022, documento não paginado).

O ser humano sente a necessidade de ser ouvido, até mesmo sem ter essa consciência e, ainda assim, não consegue assumir essa atitude de compreensão nem consigo mesmo. Tende sempre a fugir do momento da escuta, e isso chega ao outro como uma ação hostil, desfavorecendo o ambiente, o círculo da conversa. Temos uma enorme dificuldade de ficarmos silentes, de pararmos para ouvir o nosso eu, o que perpassa na nossa mente. Compreendamos para que ocorra uma boa escuta, e essa escuta pode ser externa ou interna, é indispensável um bom silêncio, não só físico, mas interior. E com delicadeza e afabilidade, chegar ao outro com opiniões mesmo que divergentes, mas não com agressividade, ferindo os demais, como costumeiramente acontece.

Atualmente, torna-se um desafio mudar o comportamento para poder dar atenção à forma como se ouve, a quem se ouve e aquilo que se ouve, onde se favorece um amadurecimento na comunicação. Isso se tornou uma das raízes da dificuldade de se viver uma comunhão em plenitude, não só na igreja, como na totalidade da vida, com a humanidade.

A tecnologia tem evoluído e, com ela, os meios de comunicação; por isso as pessoas não têm e nem sentem a real necessidade de estarem presentes para poderem se comunicar. Estamos cada vez mais imediatistas e intolerantes, especialmente no modo de conversar, de transmitir uma informação. As relações, tanto pessoais quanto coletivas, têm se desgastado pela simples falta de uma boa comunicação. E é essencial que se saiba escutar, pois carecemos transformar nosso ouvir. Quando se ouve o outro, não se consegue esperar que ele termine de falar para, com calma, responder ao que foi dito, ou dar a sua opinião. Falta a compostura de acatar a opinião alheia.

Porém, quando se escuta, admite-se o que é falado, não havendo a necessidade de aquiescência. O acolhimento é imprescindível para que o diálogo, que tem grande valor, possa fluir com serenidade, dignidade e respeito.

A *Fratelli Tutti* propõe a escuta do diferente, do discordante. Nessa perspectiva, não se tem a necessidade de que haja concordância. Desse modo, a escuta torna-se uma atitude existencial, é um lugar de fala, quando se faz presente, com atenção, tem-se a capacidade de discernimento, conduz a uma maneira cordial de se trocar conhecimentos, acolhendo o que é posto pelo outro.

Sentar-se a escutar o outro, característico de um encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar *no próprio círculo*. Mas “o mundo de hoje, na sua maioria, é um mundo surdo [...] Às vezes a velocidade do mundo moderno, o frenesi impede-nos de escutar bem o que o outro diz. Quando está a meio do seu diálogo, já o interrompemos e queremos replicar quando ele ainda não acabou de falar. Não devemos perder a capacidade de escuta (FRANCISCO, Dia Mundial das Vocações, 2020, p.13).

Uma característica bastante presente na espiritualidade de Taizé, que exerce muito respeitosa, é a alteridade diante dos irmãos cristãos. A pessoa precisa parar para estar com quem dialoga, estar completa, com todo o seu ser voltado para esse instante. Um dos gestos mais sublimes que podemos considerar como uma dádiva divina, preciosa e fecunda é podermos oferecer ao outro, que vem ao nosso encontro, dar nosso tempo para estar com ele inteiro.

A escuta incita-nos a viver o silêncio interior, esse é o meio pelo qual nos torna possível a escuta, o encontro, a conversa com Cristo. “A escuta é uma dimensão de amor” (FRANCISCO, 2022, documento não paginado).

Podemos fazer opção por escutar e dialogar. Junto àqueles que tem pensamentos divergentes, quando não existe comunhão, não é necessário ter a intenção de mudar, ao contrário, que sejam partilhadas as opiniões, que o preconceito não seja disseminado, que não se façam julgamentos sem fundamentos, e sim, faça-se o possível para que não seja fragmentado o diálogo (CARTAS DE TAIZÉ: TORNAR-NOS ARTESÃOS DE UNIDADE, 2022, documento não paginado).

Por meio da escuta do outro deparamo-nos com a fraternidade, a compaixão, o zelo pelo irmão. É Deus quem nos conduz a esse percurso de encontro com os outros, que são diferentes de nós, que sofrem os preconceitos, as injustiças e a hipocrisia do mundo. Desse encontro nasce a amizade, fraternidade, o desejo de poder ajudar mediante as suas necessidades, muitas vezes, as vitais. Portanto, voltemo-nos para as fontes, o manancial da paz, resguardemos a paz de Deus nos nossos corações (CARTAS DE TAIZÉ: A FRATERNIDADE COMEÇA PELA ESCUTA DO OUTRO, 2016, documento não paginado).

Paz que nos remete à alegria que experimentamos quando não há divisão, quando interiormente nos encontramos fortalecidos pelo espírito de união. (CARTAS DE TAIZÉ: EM MEMÓRIA DO IRMÃO ROGER, 2014, documento não paginado).

#### 4.2.3 A Dinâmica do Provisório

Em Taizé, os irmãos que vêm de diversas partes do mundo, que se sentem chamados a dedicar-se a essa proposta de vida, vivem na certeza de que são irmãos unidos por Cristo, tornando-os uma só família, com todas as diferenças inerentes à realidade cultural, social e religiosa de onde provêm. A oração comunitária se encontra no centro de suas vidas, é pela via da oração que se sentem unidos. Tanto na colina quanto nas fraternidades que se encontram difundidas pelo mundo, a Comunidade quer ser sinal de uma pequena Parábola de Comunhão, anunciando que Jesus Cristo veio ao mundo para suprimir as injustiças, a desigualdade, a opressão, as divisões, os sofrimentos da humanidade, e mostrar que, unindo-nos a Deus, encontramos o sustento necessário para seguirmos diante das adversidades que a vida nos propõe. (CARTAS DE TAIZÉ: A FRATERNIDADE COMEÇA PELA ESCUTA DO OUTRO, 2016, documento não paginado).

Diante da experiência vivida nos primórdios da Comunidade, na Segunda Guerra Mundial, tamanha violência contra a humanidade, esta pôde socorrer refugiados, ajudar pessoas que se achavam inteiramente desamparadas. Diante da impotência, de poder parar desmedida atrocidade, só lhe restou decidir com determinação, encontrar meios de promover a paz. Ciente da responsabilidade cristã, a respeito da paz, começaram em pequeno grupo, com o intento de viverem juntos a paz e a reconciliação, e assim se tornaram exemplo dessa experiência. Desse modo, essas características impregnadas de amor ao próximo, aos poucos foi se espalhando pelo mundo, vivendo uma realidade provisória, de acordo com o que o local e suas condições necessitavam e permitiam.

O amor tanto recebido quanto emitido, tem sua fragilidade e deve se restaurar continuamente. Não existe nada de extraordinário que sustente suas forças diante de tanta miséria, abandono, violência; apenas a paz de Cristo que os imerge e transborda espalhando por entre os que se encontram achegados. O Irmão Roger sempre acreditou que, havendo a reconciliação entre os cristãos, unidos se tornariam um sinal da paz de Cristo. (CARTAS DE TAIZÉ: EM MEMORIA DO IRMÃO ROGER, 2014, documento não paginado). Portanto,

[...] uma palavra cara à Comunidade de Taizé, significa permitir viver o provisório, fixo sobre uma realização que ainda não ocorreu. A vida provisória

dos irmãos de Taizé quer ser uma pequena parábola daquilo que a Igreja é chamada a ser desde os primórdios de sua existência: uma comunidade *universal e reconciliada*.” (SECONDIN; GOFFI, 1993, p. 568)

Se partirmos do mistério que transcende a qualquer sistema, a qualquer doutrina, tudo se torna provisório, pois toda experiência religiosa é provisória diante do Absoluto. Porque o mistério em si é maior que tudo quanto se encontra ao alcance da nossa compreensão. O absoluto, numa extensão imensurável, é provisório, gera existencialmente uma atitude de êxodo, de busca de caminho que sensibiliza muito quem entra nesse contexto e respeita os outros, que também estão caminhando.

Na proposta de Taizé, nada é obrigatório; oferece-se um encontro livre, sem que haja ponderação naquilo em que se crer. Ali as pessoas podem ser o que elas realmente são, sem haver julgamentos, ou qualquer tipo de exigência, e isso é algo que seduz e encanta os jovens. Em Taizé, não se sente forçado a nada, pode-se ir embora no momento que achar apropriado. Ao chegar lá, são oferecidas várias atividades, as quais todos podem se engajar e auxiliar na execução do evento durante aquela temporada que foram desfrutar. Pode ser na liturgia, no acolhimento, na limpeza, na alimentação, na animação, a pessoa escolhe o local com que se identifica para melhor servir, e assim sente-se parte do todo.

Nesses serviços, os irmãos encontram meios para manter o controle diante da quantidade de pessoas que chegam para passar uma semana. É também uma oportunidade incomum de troca cultural, de experiências de vida, as relações se estreitam entre jovens de todo o mundo, muitas vezes não conseguem entender a língua uns dos outros, mas encontram meios para se comunicarem e se entenderem, criando vínculos mais fortes, amizades que levam para a vida. Trocam experiências positivas, negativas que enfrentam em suas vidas. Nessas partilhas, conseguem, por vezes, encontrar respostas ou maneiras que possam ajudar a conseguir superar situações complexas e conflitivas.

As Peregrinações de Confiança, que acontecem em todos os continentes, têm um conceito criativo e espontâneo, que sustentam a Comunidade, conduzindo a sua espiritualidade, aos que já estiveram na colina e conheceram de modo autêntico. Como também chegar até aqueles que, por diversos motivos, não podem ir até a França e desejam evidenciar essa experiência. Este modo atípico de se relacionar com Cristo e com os Irmãos, que comungam do mesmo Deus, expressa a dinâmica do provisório, que o Irmão Roger soube muito bem denominar, pois as realidades

tanto da Comunidade na Borgonha quanto nas fraternidades espalhadas por diversos lugares não são estáveis, podem se transferir a qualquer momento, conforme a vontade de Deus. Podemos citar, como exemplo, a Igreja da Reconciliação, em Taizé: foi ampliada, mas, com a imensa quantidade de pessoas que se encontram diária e sucessivamente, não comportava, estenderam lonas de circo para poder acomodar a todos. Esse aspecto, bastante claro e simples, retrata com propriedade a dinâmica do provisório.

Essa dinâmica se expressa com a particularidade de que, como o Espírito Santo, sopra onde quer a missão a qual são chamados a exercer, segue a mesma vivacidade. O pensamento do Irmão Roger era completamente inverso ao modo tradicional que as Religiões, as associações religiosas se comportavam.

Para o Irmão Roger, foi sempre essencial não criar um movimento em torno da Comunidade. Diferentemente, cada um é convidado depois de ter participado de uma Peregrinação de Confiança, a viver no seu cotidiano aquilo que percebeu do Evangelho; e a fazê-lo mais consciente na sua vida interior, assim como dos gestos concretos de solidariedade que estão ao seu alcance. Em muitos países, jovens encontram-se regularmente para rezar, fazendo uso da liturgia e dos cânticos de Taizé, sempre envolvidos na dinâmica da Igreja local. Quando possível, os Irmãos da Comunidade visitam esses jovens para dar apoio, diante de obstáculos e conquistas que surgem diante da busca pelo subjetivo crescimento espiritual. Essas visitas são como pequenas etapas da Peregrinação de Confiança, que permitem aprofundar juntos o compromisso de cada um e visitar as igrejas locais. Os Irmãos procuram dar o amparo para uma procura firme pela paz e reconciliação em que seja presença viva.

Depois de um encontro em Porto, um jovem escreveu:

A peregrinação é um acontecimento para quem a faz, para quem ousa sair e arrisca o fracasso, mas também o é para quem recebe, e, nesta, ainda mais. Aos milhares de jovens peregrinos juntaram-se os milhares que acolheram, que abriram a sua casa a estranhos. Partilharam mais, muito mais, do que suas coisas, partilharam a sua vida, suas crenças, as suas esperanças. (CARTAS DE TAIZÉ: UMA PEREGRINAÇÃO DE CONFIANÇA ATRAVÉS DA TERRA, 2011, documento não paginado).

Na Comunidade, os irmãos com corações carregados do espírito benevolente e generoso se lançam às cegas nas fraternidades, que estão sempre fixas em locais de difícil convivência. Aproximam-se e trazem consigo apenas a certeza do amor de Deus para que aqueles que vivem na desesperança possam conhecer e se

perceberem amados, podem lhes ser escasso os bens materiais, mas a convicção do amor de Deus por cada um é abundante.

Superam obstáculos culturais, morais, sociais para os ajudarem a provar com experiência própria do amor de Deus e de se sentirem amados de modo singular, transformando e dando um novo sentido de vida para estes. É comum chegarem sem nada conhecer, sem ter projetos preparados, sequer pensados, mas, diante do abandono ao sopro do Espírito Santo, com a alma entregue a vontade de Deus, transbordando de bondade, concretizam-se os projetos que melhor atendem as necessidades locais, fluem serenamente e, nesse ponto, a dinâmica do provisório se faz presente e atuante em meio àquela carência de tudo, mas o amor... esse se concretiza e se implanta no âmago do espaço físico e no interior, no cerne de cada um que deseja e se permite sentir.

#### 4.3 “QUE TODOS SEJAM UM” (Jo 17,21 s): LUZES PARA UMA ESPIRITUALIDADE QUE INTEGRE E COMUNIQUE O AMOR

Ao analisarmos o movimento que é Taizé, percebemos que algumas características que compõem a sua espiritualidade, se forem bem compreendidas e vividas, subjetivamente ajudam o ser humano a ter uma postura de abertura, de apreensão, capacitando-o a desenvolver relações com a devida deferência, atentando para não cair no fundamentalismo, como também não entrar na dinâmica em que se perde o embasamento, nem se precipitar nos extremos do reducionismo.

Para que o diálogo aconteça, não precisa temer que a sua crença se estremecerá, podemos discorrer com outras realidades espirituais, como com o candomblé, umbanda, espiritismo, islamismo, budismo, dentre outros. A partir do momento em que compreendemos que eles, do mesmo modo que nós, cristãos, estamos a caminho, eles também se encontram igualmente nesse percurso. E nesse processo, possuem valores próximos, apesar de que os textos sagrados, conceitos, rituais, comportamentos sociais e culturais sejam outros, mas existem elementos em comum, e isso favorece a partilha da caminhada.

Sempre teremos trajetos a percorrer, até os que em nada creem, se não tivermos a consciência de que esse decurso precisa acontecer, como haverá respeito pelo outro? Se nos considerarmos portadores da verdade, como poderá acontecer o

diálogo? Como se apropriar da sensibilidade que é estritamente necessária para perceber o diferente e para conduzir momentos de tão elevada magnitude?

O ponto central da busca é uma plena realização subjetiva diante do ser divino, do transcendente, um crescimento espiritual ou como desejar denominar. Até onde chegamos, fiquemos conscientes que esse Ser Absoluto é infinitamente maior e mais perfeito que possamos sequer imaginar. As contribuições que cada um tem a oferecer proporcionam mais empenho diante do caminho que, em sua grande maioria, são circunstâncias que já foram experimentadas, alargando-se o interesse de absorver o que já foi vivenciado e que houve assentimento. Integrando essas experiências, elas podem iluminar, dando acesso a melhores condições de encontros para se alcançar uma espiritualidade notadamente, mais madura, acessível e ativa.

Taizé não traz soluções para as objeções espirituais com que a humanidade tem se deparado, mas seria adequado concordar que, existem alguns elementos na sua espiritualidade que podem, diante de experiências vividas, contribuir para essa carência de respostas.

E quem não pertence a Taizé o que nos provoca na nossa caminhada? Taizé se ajusta a algo inusitado, um mosteiro de homens protestantes, e foi como o Irmão Roger deu início a essa espiritualidade, vindos de confissões diferentes, aos poucos, foram se achegando outros, dentre eles, católicos, protestantes e ortodoxos, mas todos com a crença no mesmo ser divino, Jesus Cristo, filho do Deus vivo.

A vivência dessa experiência nos envolve pela sua originalidade, instiga-nos a conhecê-la. O modo simples das orações permite-nos envolvermos com facilidade. Os momentos de silêncio que conduzem a meditação da Palavra proclamada, os cânticos que a complementam, fazem-nos mergulhar no inexplicável. A simbologia utilizada nas orações, a cruz, as velas, o silêncio, os cânticos, todos esses sinais incitam o desejo de aprofundar cada vez mais a relação com o insondável, “*mesmo se a nossa oração é muito pobre, por vezes apenas balbúcio ou um suspiro, estejamos seguros de que Deus nos sabe ouvir. Através da oração, abrimos sempre a porta ao seu amor*” (CARTAS DE TAIZÉ, A FRATERNIDADE COMEÇA PELA ESCUTA DO OUTRO, 2016, documento não paginado).

Taizé tem um ritmo próprio de acolhimento, orações, diálogo e comunhão espiritual. Ao prevalecer a deferência pela escolha de cada um, abre-se espaço para agir com livre-arbítrio e viver essa prática com singularidade. Esse modo de agir difere fortemente de alguns estilos de atuação de determinadas organizações.

Algumas instituições religiosas agem com sensatez ou, digamos até com discrição, em relação à influência sobre os seus membros. No entanto, outras com atributos fundamentalistas, dissimuladamente, têm a pretensão de dominar o fiel integrante, com pressão psicológica, moral, espiritual e disciplinar, são controladores da vida como um todo, o domínio chega ao ponto de provocar adoecimento físico e psicológico e, por causa de tamanha coação, deixa o membro que se encontra conectado sem condições de opinar sobre sua própria vida, de tomar suas decisões com liberdade e independência, assumindo a responsabilidade das suas escolhas. Em grande parte, são impedidos de agir conforme a razão e intuição que lhes são próprias.

A forma controladora de atuar retira a possibilidade de uma relação íntima com Deus, de possuir uma espiritualidade verdadeira e sincera. São privados dessa construção de relacionamento pessoal e subjetivo, porque a bússola deles é o superior, que geralmente são os fundadores dessas instituições. A relação do membro com os seus familiares também fica comprometida. Não percebem o quanto se encontram ausentes da dinâmica familiar, dos momentos de lazer, tornam-se privados até do convívio diário ou têm um convívio meio conturbado, porque grande parte do seu tempo se encontra dedicado às atividades, às necessidades da comunidade ou para atender a falta de estabilidade dos superiores.

Porquanto, os que se acham mensageiros da verdade e do poder se sobrepõem, agindo como se fossem os próprios escolhidos por Deus para guia-los e conduzi-los. Sutil e dissimuladamente, exercem o domínio, abarcando o controle total *e assumindo disfarçadamente o papel de “Deus” nas suas vidas. Enquanto isso, os participantes se permitem viver subjugados a essa realidade, a qual não percebem o núcleo fechado que estão imersos, se acham mais elevados, mais perfeitos e mais santos que os demais, veem-se como exemplos das mais admiráveis virtudes, supervalorizam o termo pecado e a presença do mal em tudo que está a sua volta. Dessa forma, sentem dificuldade de se relacionar com o que é do mundo, pois este se depara embebido de sujeiras e de perversão.*

*Quando o membro que convive nesse meio consegue “despertar” e se alforriar desse cativo, após circunstâncias que o conduziram a “quebrar o cristal”, diante de situações tão absurdas, em que a razão não consegue mais silenciar nem aceitar tamanha submissão, não há mais como ser recomposto ou restaurado. A tendência*

é, aos poucos, tomando consciência desse mundo, que na maioria das vezes entrou e não percebeu quando desabou, e se desvincular.

Processo complexo e delicado, mas com a clareza dos fatos e das situações, enxergando o emaranhado de inverdades, conseguem se fortalecer e se desligar desse convívio doentio. Porém os sedentos pelo poder e insensíveis à existência do próximo, mergulham intensamente, defendendo suas convicções com o interesse de que o controle não seja estremecido. Quando acontece esse tipo de situação, para protegerem a imagem de excelência, alastram inverdades para que o acontecido não abale as condições dos demais, que ainda se encontram sob total controle.

No entanto, para os que conseguiram quebrar o vínculo, passam por um longo e doloroso processo de reencontro com sua essência de se refazer como um ser humano comum, de reconstrução de vida, de ressignificação de conceitos e de princípios, que foram manipulados e se tornaram detentores de uma carga negativa elevada. Infelizmente traços desse tempo vivido ficam marcados para o resto da vida, tornando-se um desafio superar e aprender a conviver com essas sequelas.

Dos grandes problemas enfrentados, tem-se a exaltação de um Deus castigador, que por todo e qualquer erro ou padecer que se venha a sofrer, é sempre tratado como um *“corretivo de Deus” em função da desobediência e indisciplina*. Distintas ocasiões em que o membro foi acusado de cometer algum passo alterado é exposto a humilhação pública (diante dos demais integrantes), segregado por um grupo menor, que vive em volta do superior, e este, sem saber qual motivo está sendo acusado, muitas vezes sem sequer ter uma justificativa, ou quando se tem, coisas sem o menor sentido ou acusações injustas, resultado de mentiras que serviram como base para desastrosa situação.

Na sua maioria, precisam de ajuda médica e/ou terapêutica para conseguirem superar tantos prejuízos causados, representados por traumas profundos, inclusive revoltas, não só em relação aos superiores, como aos demais envolvidos, que passam a repetir os comportamentos de desprezo, sem presumir a razão de ser, mas convictos de que têm que repetir a mesma conduta que seus superiores. São implicações que causaram e ainda causam muitos estragos, gerando indignação e falta de perdão consigo mesmo, por ter se permitido viver experiências tão dolorosas, humilhantes, de rebaixamento moral e traumáticas, por tanto tempo, renunciando a construir sua própria vida, por meio de outros caminhos. Por vezes, algumas pessoas têm essa característica de dependência e necessitam de alguém que os conduzam, mas isso

não acontece com a maioria dos participantes, alguns tem à disposição para viver essa submissão; outros não, têm sim, a necessidade de gerirem e seguirem os caminhos que a vida os proporciona.

Acontecem situações tão absurdas que a própria razão impossibilita de acatar tanta perversidade, apenas por interesse de proteger uns, prejudicando outros, seguindo critérios diferentes para com o todo. Os que cumprem à risca as ordens e regras internas impostas são protegidos pelos que se designam superiores; outros, por sua vez, sofrem exclusão diante de todo o grupo, proporcionando um constrangimento sem precedentes. No entanto, a presença do Espírito Santo, que não desampara, orienta a um caminho de superação e de restauração de vida.

Ao se perceber livre de toda opressão, algumas reações são esperadas, de não quererem se engajar em nada que se vincule a religião de modo geral ou se refazer em grupos de espiritualidade mais aberta, mas nada que exerça pressão. Todavia, Taizé tem uma proposta diferenciada para quem se identifica, não é resposta para tudo e para todos, mas tem algo distinto, inverso ao que foi experimentado com tanta rusticidade.

A visão de Deus como juiz severo causou muitos estragos na consciência de muitas pessoas. O Irmão Roger contrapôs-se a esta concepção, afirmando que Deus só pode amar, Deus ama incondicionalmente: era essencial lembrar isso a uma geração de jovens cuja caminhada para um Deus de amor é travada pelas repreensões. (CARTAS DE TAIZÉ: A BONDADE HUMANA, REFLEXO DA BONDADE DE DEUS, 2011, documento não paginado).

Deus nos envolve com sua compaixão, em tempo algum atormentaria nossos *pensamentos*. “*Se nosso coração nos acusar, Deus é maior que nosso coração e percebe todas as coisas.*” (1 Jo 3,20). Melhor do que nós, conhece nossas fraquezas, nossas limitações, nossos pecados. Confere-nos a certeza do seu perdão, imbuído de amor e misericórdia. “*Perdoar pode mudar nosso coração: as severidades e as durezas de julgamento se afastam para deixarem lugar a uma infinita bondade. E nós nos tornamos capazes de buscar compreender mais que ser compreendidos.*” (DEUS SÓ PODE AMAR, 2003, p. 44)

O Irmão Roger, com sua postura mansa, seu olhar amoroso, com o zelo de tratar os demais sem dureza e com prudência, com esmero diante de complexas circunstâncias, procura estar sempre à disposição do semelhante, para a escuta dos jovens que ainda chegam a colina com necessidade de se sentirem livres, de serem

quem realmente são, de descobrirem qual propósito de suas vidas. Aos Irmãos, deixou o legado do amor, da humildade, da simplicidade, que não tivessem a pretensão de serem mestres espirituais, mas simplesmente pessoas de escuta. Esse comportamento foi absorvido pelos Irmãos, tornou-se um atributo que muitos dos que se deslocam até a colina vão porque foram atraídos por esse espírito de bondade, que na simplicidade, geram corações gratos pelas profundas experiências vividas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus. Sendo assim, podemos dizer que é próprio da sua natureza ser capaz do transcendente, capaz de Deus. Por isso, desde sempre, revela-se como o um ser que procura transcender a sua condição finita, inacabada e imperfeita em busca de algo que lhe aprimore, ou que lhe ofereça sentido.

A espiritualidade, enquanto evento humano, é um dos modos através do qual as pessoas buscam saciar a sua sede de transcendência. Entretanto nem toda espiritualidade é capaz de realizá-lo, de integrá-lo na sua humanidade e na sua espiritualidade. Na contemporaneidade, podemos dizer, o mercado espiritual é bastante sortido. Tem proposta para todos anseios: desde as mais relativistas às rigorosas fundamentalistas.

A propósito, ao analisar as demandas espirituais do homem contemporâneo, esta pesquisa destacou que, apesar da secularização, da pluralidade religiosa etc., o fundamentalismo intolerante e segregacionista ainda encontra um espaço considerável no panorama religioso e de espiritualidade do ser humano hodierno. Dentre outros aspectos, essa realidade evidencia a necessidade de encontrar, no universo das experiências religiosas, uma espiritualidade que congregue, que forme um sujeito integral e inclusivo, que constitua valores humanizados.

Em meio a estes contrapontos da dialética pós-moderna, o presente estudo teve como objetivo revisitar a espiritualidade de Taizé como possibilidade de recuperar a esperança em tempos de crise por meio do ideal primário de comunhão e fraternidade integradoras do ser humano. Se a proposta de Taizé é ser um espaço, entre e além dos limites geográficos, onde não é necessária uma identificação religiosa no sentido de pertença exclusiva e excludente, mas uma vida pautada no princípio da harmonia, então a sua espiritualidade assume perspectivas universais e integrativas do indivíduo.

Considerando essa hipótese, no momento da nossa pesquisa, mostramos que a modernidade trouxe avanços e mudanças positivas nas mais diversas dimensões da vida. Concomitantemente a isso, desde o advento da modernidade, as relações pessoais e interpessoais se encontram em dificuldade. Valores e princípios que antes regiam o mundo e as relações humanas foram rompidos e, não obstante, emergiu uma nova maneira de perceber o mundo, tanto objetivamente quanto subjetivamente.

A modernidade provocou mudanças culturais, religiosas, sociais e econômicas que alteraram o comportamento “padrão” e provocou diversas crises, dentre elas, a crise do sentido. Com a quebra do comportamento modelo, as vivências cotidianas tornam-se experiências de vida, conduzindo a novos sentidos com interesses diversificados. Dentre essas possibilidades, encontram-se respostas espirituais que vão desde um relativismo ao fundamentalismo exacerbado.

Diante de um mundo pluralista e policêntrico, a experiência religiosa e conseqüentemente a espiritualidade, em parte, são emancipadas do institucionalismo religioso que, por sua vez, busca autoafirmar-se através do fundamentalismo. Para alguns, esse extremismo *se mostra como “tábua de salvação”, como “porto seguro”* em um mundo que, pela velocidade das mudanças e transformações, parece desgovernado, sem rumo.

As instituições fundamentalistas procuram controlar a vida dos seus membros com normas determinadas pelos seus superiores. Com efeito, não raras vezes, os membros dessas instituições tornam-se pessoas adoecidas, desestabilizadas psicológica, afetiva e espiritualmente. Buscam preencher o vazio gerado pela crise do sentido, mas acabam encontrando nessas organizações não uma substância que lhes possibilite refazer-se integralmente como ser humano, mas um cárcere psicológico e espiritual.

Se por um lado, a crise do sentido pode levar o ser humano ao aprisionamento adoecido do fundamentalismo, por outro, pode levar a experiências espirituais abertas, autônomas e maduras como é o caso da espiritualidade a partir do ecumenismo e do diálogo com crenças, tradições, concepções de vida e culturas distintas. Em outras palavras, uma espiritualidade mais antropológica, portanto, como expressão não de um pertencimento institucional reducionista, mas expressão de abertura e capacidade do sagrado.

No segundo momento da nossa pesquisa, procuramos encontrar propostas espirituais, que possivelmente possam favorecer uma reintegração e reabilitação do ser humano consigo mesmo e com o transcendente. A mesma traz um olhar sobre a história, dando ênfase na sua identidade espiritual a fim de destacar a sua espiritualidade como possibilidade de reintegrar o ser humano.

A Comunidade Ecumênica de Taizé, localizada nas colinas da Borgonha, na França, foi fundada pelo pastor reformado Roger Schutz, na década de 1940, período da Segunda Grande Guerra, como possibilidade de oferecer uma proposta de

comunhão e reintegração do humano em um mundo espiritualmente instável e marcado por toda sorte de males que advêm da guerra.

Roger cresceu em uma família protestante, mas teve a oportunidade de conhecer com profundidade o catolicismo. Por essa razão, quando ainda era jovem, em meio a crises espirituais, não conseguia compreender o porquê de cristãos brigarem entre si. E essa indignação fez desabrochar uma semente em seu coração, a saber: buscar a unidade, a comunhão entre os cristãos, respeitando as diferenças e buscando a reciprocidade entre si. Para Roger, é possível uma convivência harmoniosa apesar das diferenças e até mesmo com estas.

A abertura de Roger ao diálogo foi essencial para iniciar um caminho junto aos católicos romanos e também no que diz respeito a acolhida dos jovens de todas as partes do mundo a quem acorriam. Foi também essa característica que fez com que ele conseguisse o respeito da Igreja ao ponto de ser (enquanto Comunidade de Taizé) convidado para participar do Concílio Vaticano II como observador.

A partir daquele momento, os Irmãos de Taizé, unidos com bispos de todo o mundo, surgem grandes amizades fortalecidas pelos encontros para orações, estudos e discussões. O modo discreto de agir, as orações atípicas, profundidade no conhecimento teológico, intelectual e emocional, abriram os olhos da Igreja para a possibilidade de uma catolicidade ecumênica e conseqüentemente mais cristã.

Não demorou muito para que as fraternidades de Taizé se espalhassem por todos os continentes e para que a sua proposta alcançasse os corações crentes e não crentes, de pessoas maduras e jovens, ainda hoje. Entretanto, vale ressaltar que, por princípios radicalmente evangélicos, geograficamente as comunidades estavam sempre localizadas em paragens de extremada pobreza, porque é junto deles que encontram Cristo vivo. Taizé convence tanto pela proposta como pelo testemunho.

A convite de D. Helder Câmara, com quem o Irmão Roger teve estreita amizade desde os trabalhos no Vaticano II, a fraternidade chega ao Brasil no ano de 1967 e abre a sua primeira casa de missão em Olinda/PE. Vieram três Irmãos, entre eles o Irmão Bruno, hoje com 82 anos, ainda se encontra juntamente com outros dois irmãos, na fraternidade, em Alagoinhas/BA. Quando se instala em algum lugar, eles se envolvem com as necessidades locais, contribuindo para uma mínima condição de existência. No Brasil não foi diferente!

No contexto atual de fragmentação existencial em que a humanidade se encontra, a Comunidade de Taizé surge como uma Parábola de Comunhão, como um

sinal profético que, em meio ao pluralismo religioso, numa modernidade líquida, oferecendo uma possibilidade de encontro com o transcendente. É plenamente possível desenvolver a sua crença sem que haja a necessidade de alguma pertença religiosa, dedicando-se a um ideal ético, a uma experiência mística, algo que legitime a vivência que transpõe a compreensão humana. Em Taizé, que é uma possibilidade atual, viva e perseverante e que é procurada por muitos, veem uma proposta diferente do que estão fatigados a viverem nas tradicionais instituições seculares. Uma espiritualidade que nasce sem a menor pretensão de se tornar religião, com essência acolhedora, comprometida a viver, de modo muito humano, um caminho que conduz ao encontro com o divino.

No terceiro momento desta pesquisa, analisamos como a espiritualidade de Taizé pode corroborar no atual contexto de fundamentalismo religioso para apontar horizontes no intento de contribuir em uma experiência integradora, dialógica e ecumênica no ser humano. Em vista disso, mostramos a importância do Concílio Ecumênico Vaticano II no que diz respeito à promoção do respeito às diferenças, reconhecendo as variantes como algo indispensável para um diálogo fecundo e a sua abertura para novas perspectivas, compreendendo que a unidade acontece em meio à diversidade.

No horizonte de recepções das intuições de renovação da Igreja advindas do Vaticano II, foi eleito o Papa Francisco. Essa eleição soprou novos ventos, não só para a Igreja Católica, mas para a humanidade. Francisco é um homem de oração, afetuoso, sensível ao acolhimento, defensor de relações dialógicas. É ciente de que o diálogo é a ferramenta necessária para que se construam pontes que unem os diferentes e antagônicos. As pontes não anulam as contendas, ao contrário, lembram que somos diferentes, mas sobretudo todos irmãos.

A espiritualidade apresentada pelo Irmão Roger é um sinal de reconciliação entre os cristãos divididos, mas também de reintegração entre os seres humanos apartados entre si e em crise de sentido. Para Roger, a fé é uma singela confiança em Deus que evolui dentro de um processo, é a confiança que parte de uma experiência pessoal e intransferível, mas que não nos dá o domínio sobre a verdade. Nesse processo, não podemos esquecer que todos estamos a caminho e cada um faz o seu na largura do seu passo. Se é assim, é necessário o respeito mútuo.

Nesse sentido, a espiritualidade de Taizé pauta-se numa experiência ou num encontro de liberdade. As pessoas podem ser elas mesmas, sem exigências nem

juízos a respeito do que crer e como creem. Isso permite que haja entrega e despojamento para uma espiritualidade autêntica e integradora do ser humano. Alguns elementos podem ajudar no processo: a escuta, a oração e a dinâmica do provisório.

Para uma espiritualidade ecumênica, a escuta é de suma importância, pois favorece a compreensão do espaço do outro e legitima a identidade e singularidade do próximo. Só há diálogo quando existe a escuta e respeito por outrem no seu espaço e na sua identidade. Ademais, quando escutamos bem, desencadeiam-se alguns elementos que têm grande importância para um diálogo frutífero: o silêncio, a confiança e o acolhimento. É pela escuta do outro que a fraternidade começa, é com uma escuta amorosa que conseguimos acessá-lo e que ele também nos alcança.

Outro ponto alto de uma espiritualidade ecumênica é a oração. A propósito, a oração é o ponto de unidade entre os distintos, que se encontram unidos na mesma experiência, ou que, em que pese as suas particularidades, unem os seus corações e almas no único anseio de paz e de uma fraternidade universal entre os seres humanos.

Para uma espiritualidade ecumênica, faz-se necessário, além da escuta e da oração como expressão de reconciliação, a junção de todos em vista do objetivo comum, a abertura à dinâmica do provisório. Isso é viver de acordo com as necessidades e condições permitidas durante tempo indeterminado, assumindo as necessidades particulares em que cada fraternidade se encontra estabelecida. Entretanto, provisório não é somente pautado pelas condições materiais, sociais e geográficas. Provisório é também abrir-se à dinâmica do inesperado, aquele que se revela na relação indispensável e intransferível entre a pessoa e o transcendente.

Desse modo, acreditamos que o desempenho espiritual de Taizé apresenta a possibilidade de uma transcendência mais aberta, tolerante, com aceitação aos sentimentos e vontades de outrem, compatível com o tempo em que vivemos. Mais do que isso, é preciso dizer que, enquanto houver espiritualidades que aprisionam as pessoas em fundamentalismos estéreis, devemos olhar para a Comunidade da colina e aprender que uma autêntica experiência com o sagrado se constrói por meio da escuta, da fraternidade, da acolhida, do respeito, da abertura ao diferente, da promoção à diversidade que realiza, torna bela e fecunda a verdadeira unidade cristã.

Se o fundamentalismo religioso insiste em monopolizar a experiência religiosa e formatar fiéis para instituições fechadas em si mesmas, Taizé, por sua vez, constitui-

se como um espaço que liberta a religiosidade dos reducionismos e aprisionamentos confessionais. Não porque faça uma oposição às religiões institucionais, mas porque reabilita a espiritualidade ou a relação do ser humano com o Ser Supremo como fenômeno humano.

## REFERÊNCIAS

50 ANOS DA PRESENÇA DOS IRMÃOS DE TAIZÉ NO BRASIL: **Caminhos percorridos e a percorrer...** Alagoinhas/BA: Comunidade de Taizé de Alagoinhas, 2017.

ALOIS, Irmão. **A bondade humana, reflexo da bondade de Deus.** 2011. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article557.html](https://www.taize.fr/pt_article557.html)> Acesso em: 12 mai. 2022.

ALOIS, Irmão. **A fraternidade começa pela escuta do outro.** 2016. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article20746.html](https://www.taize.fr/pt_article20746.html)> Acesso em: 11 abr. 2022.

ALOIS, Irmão. **A gratidão de Taizé pela Igreja Ortodoxa Russa.** 2006. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article3682.html](https://www.taize.fr/pt_article3682.html)> Acesso em: 15 mar. 2022.

ALOIS, Irmão. **Carta de Calcutá.** 2007. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article4221.html](https://www.taize.fr/pt_article4221.html)>. Acesso em: 20 maio 2022.

ALOIS, Irmão. **Em memória do irmão Roger.** 2014. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article17071.html](https://www.taize.fr/pt_article17071.html)> Acesso em: 14 abr. 2022.

ALOIS, Irmão. **Um apelo aos responsáveis das Igrejas para 2017.** 2017. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article21306.html](https://www.taize.fr/pt_article21306.html)> Acesso em: 21 abr. 2022.

ALOIS, Irmão. **Uma peregrinação de confiança através da terra.** 2008. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article557.html](https://www.taize.fr/pt_article557.html)> Acesso em: 22 mai. 2022.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre.** São Paulo: Paulinas, 2015.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido:** a orientação do homem moderno. Tradução: de Edgar Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BIBLIA [Português]. **Tradução Ecumênica da Bíblia - TEB.** São Paulo: Loyola, 2015.

BINGEMER, Maria Clara. Teologia Latino-Americana: Raízes e Ramos. **Theologica Latinoamericana. Enciclopedia Digital.** Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?cat=50>. Acesso em: 09 jul 2022.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo:** a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BRICO, Rex. **Uma primavera na Igreja: Irmão Roger e Taizé**. Tradução: Christina Stummer. Aparecida/SP: Editora Santuário, 1985.

CHIRON, Yves. **Frère Roger 1915-2005**. Il Fondatore di Taizé. Torino: Edizioni San Paolo, 2009.

CLÉMENT, Olivier. **A confiança terá a última palavra**. 2008. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article6815.html](https://www.taize.fr/pt_article6815.html)> Acesso em: 13 mar. 2022.

CUNHA, Viviane. **Racine e Port Royal: um jardim inesquecível**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2009.

FELDMANN, Christian. **Irmão Roger de Taizé: uma esperança viva**. Tradução: Paulinas-Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2012.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o 56º Dia Mundial Das Comunicações Sociais**: Escutar com o ouvido do coração. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>> Acesso em 01 mai. 2022.

FRANÇOIS, Irmão. **A atualidade de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945)**. 2022. Disponível em: [https://www.taize.fr/spip.php?page=print&id\\_article=4931](https://www.taize.fr/spip.php?page=print&id_article=4931). Acesso em: 23 mai. 2022.

FUNDAÇÃO DO CAMINHO. **É BRINCADEIRA!?: Olhares Vozes Escritas: Crianças e Jovens de Alagoinhas**. Alagoinhas (BA) e Rio de Janeiro (RJ): Fundação do Caminho, 2020.

GONZÁLEZ-BALADO, José Luís. **O Desafio de Taizé: Ir. Roger**. São Paulo: Paulinas, 1977.

GUIMARÃES, Valtemir Ramos. **Fundamentalismo Bíblico Protestante: abordagem histórica e implicações socioreligiosas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). UNICAP, Recife, 2014.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento. Tradução: Joao Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LAPLANE, Sabine. **Frère Roger de Taizé**. Avec presque rien... Les Éditions Du Cerf, 2015.

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia**: introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2010.

PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo religioso: história e presença no cristianismo. In: X SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 2008, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewiczroberlei.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

RIBEIRO, Wesley dos Santos. **Intolerância Religiosa e Violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no século XXI**, 2017. Dissertação (Mestrado ciência da religião). PUC GOIÁS, Goiânia, 2017.

ROGER, Irmão. **Amor de todo amor**: As fontes de Taizé. 2. ed. Tradução: Comunidade de Taizé, Alagoinhas/BA. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2003.

ROGER, Irmão. **As fontes de Taizé**: a regra de Taizé. Tradução: Comunidade de Taizé, Alagoinhas/BA. 2. ed. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2001.

ROGER, Irmão. **Deus só pode amar**. 2. ed. Tradução: Irmão Michel. São Paulo: Paulinas, 2003.

ROGER, Irmão. **Em você a paz do coração**: Meditações para cada dia do ano. Tradução: Fraternidade de Taizé, Alagoinhas/BA. São Paulo: Paulinas, 1997.

ROGER, Irmão. **Seu amor é um fogo**. Tradução: Christina Stummer. São Paulo: Paulinas, 1992.

RUBIO, Alfonso García. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015.

SECONDIN, Bruno e GOFFI, Tullo. **Curso de Espiritualidade: experiência, sistemática, projeções**. São Paulo: Paulinas, 1993. Tradução: Bertilo Brod.

TAIZÉ, **A esperança**. 2004. Disponível em: <[https://www.taize.fr/pt\\_article593.html](https://www.taize.fr/pt_article593.html)> Acesso em: 05 mai. 2022.

TEIXEIRA, Faustino.; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II. Decreto *Unitatis redintegratio*: sobre o ecumenismo. In: **Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

TEIXEIRA, Faustino.; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II. Decreto *Unitatis redintegratio*: sobre o ecumenismo. In: **Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

## ANEXO A – TESTEMUNHO DO IRMÃO BRUNO/TZ

Como Abraão, Bruno, o que te levou a partir da Suíça largando tudo? Instigado por Patrícia, aos 82 anos e 60 como irmão de Taizé, morando no Brasil há 55 anos, naturalizado Brasileiro, posso compreender melhor os desígnios de Deus em favor de um coitado de menino que perdeu a sua mãe muito jovem, internada por insanidade pela injustiça humana. Os gritos deste jovem ferido foram reprimidos. Ele se refugia na literatura romântica e em experiências que o fizeram sair da casa paterna nas férias, por exemplo, para atender apelos de Abbé Pierre em Paris nas comunidades da rua.

Filho de casal misto, mãe católica, pai protestante. Batizado e socializado protestante, carregava dentro de si uma dupla pertença religiosa, cuja riqueza se revelou a partir de Taizé. Seguindo um currículo traçado pelo lado paterno, concluiu o curso superior numa perspectiva de ganhar dinheiro. Se houve namoros, sim, era para chorar a orfandade. Estagiando em Paris, atendendo sugestões de pessoas amigas, apresentou-se a possibilidade de passar o tríduo-pascal em Taizé, ainda pouco conhecido. A liturgia pascal arrebatou o visitante que eu era, a tal ponto de poder *expressar ao irmão Roger “que seria um lugar para mim”*. Por graça de Deus, dia de greve geral, consegui voltar a Paris em tempo para retomar o trabalho.

No mesmo ano 1962, nas férias, recebi a veste litúrgica. Voltei aos estudos na Suíça. Em princípios de 1963, arrumei a trouxa e saí da casa paterna, do seu assujeitamento e abraçar a liberdade de um filho de Deus para integrar a comunidade. Momento crítico que não correspondia aos planos do pai, onde Deus me socorreu. Minha mãe, agora só, vivendo do trabalho na casa dos outros, a convite da comunidade, foi conhecer Taizé. Ir. Roger que a escutou longamente, *me disse: “a sua mãe é uma santa”*. Levei um ano para compreender, e isto me devolveu a minha mãe na aceitação de minha fé católica que fazia diferença com a madrasta, segunda mulher do meu pai com quem convivia, até entrar em Taizé.

Insondáveis são os caminhos de Deus, que permitiu que o Papa João XXIII convocasse o Vaticano II, grande passo para a reconciliação entre cristãos. Para que não faltasse a eucaristia na fraternidade do Brasil, a comunidade, em consideração à mãe do Ir. Bruno ser católica, sugeriu o encaminhamento de Ir. Bruno para a formação presbiteral. Ordenado desde 1980, pertence ao clero de Alagoinhas, a cujo serviço se colocou na comunidade e na Diocese.

## ANEXO B – TESTEMUNHO DE AILTON

Ailton Queiroz<sup>36</sup> *começou na “A Brincadeira”* com 8 anos de idade. Engajou-se, recebeu os sacramentos, tornou-se catequista, ajudando na formação das crianças e jovens da comunidade. Por intermédio do Irmão Rodolfo, conseguiu ingressar na Pastoral do Menor (organização que oferecia cursos técnicos profissionalizantes), no curso de elétrica, etapa significativa em sua vida. Cooperou, por alguns meses, com a preparação da Jornada da Confiança em Campinas/SP. Fez intercâmbio de três meses, em Taizé, na França, a convite dos Irmãos. Com ajuda do Irmão Michel, deram início ao Mercadinho São Lázaro (que era mercadinho e padaria).

A Comunidade forneceu tudo o que era necessário para abertura da empresa: maquinário, produtos, insumos, capital de giro, empreendimento que permaneceu por volta de um ano. Após algum tempo, foi para o Rio de Janeiro trabalhar em estaleiros como soldador, profissão que exerce atualmente. Contudo o vínculo com a Comunidade permanece, o desejo de retribuição e sentimento de gratidão conservam-se presentes.

---

<sup>36</sup> Informações cedidas pelo Ailton Santos Queiroz, com 40 anos, casou-se com Sandra em 2005, são pais de Guilherme com 12 anos, atualmente trabalhando em indústria do Espírito Santo.